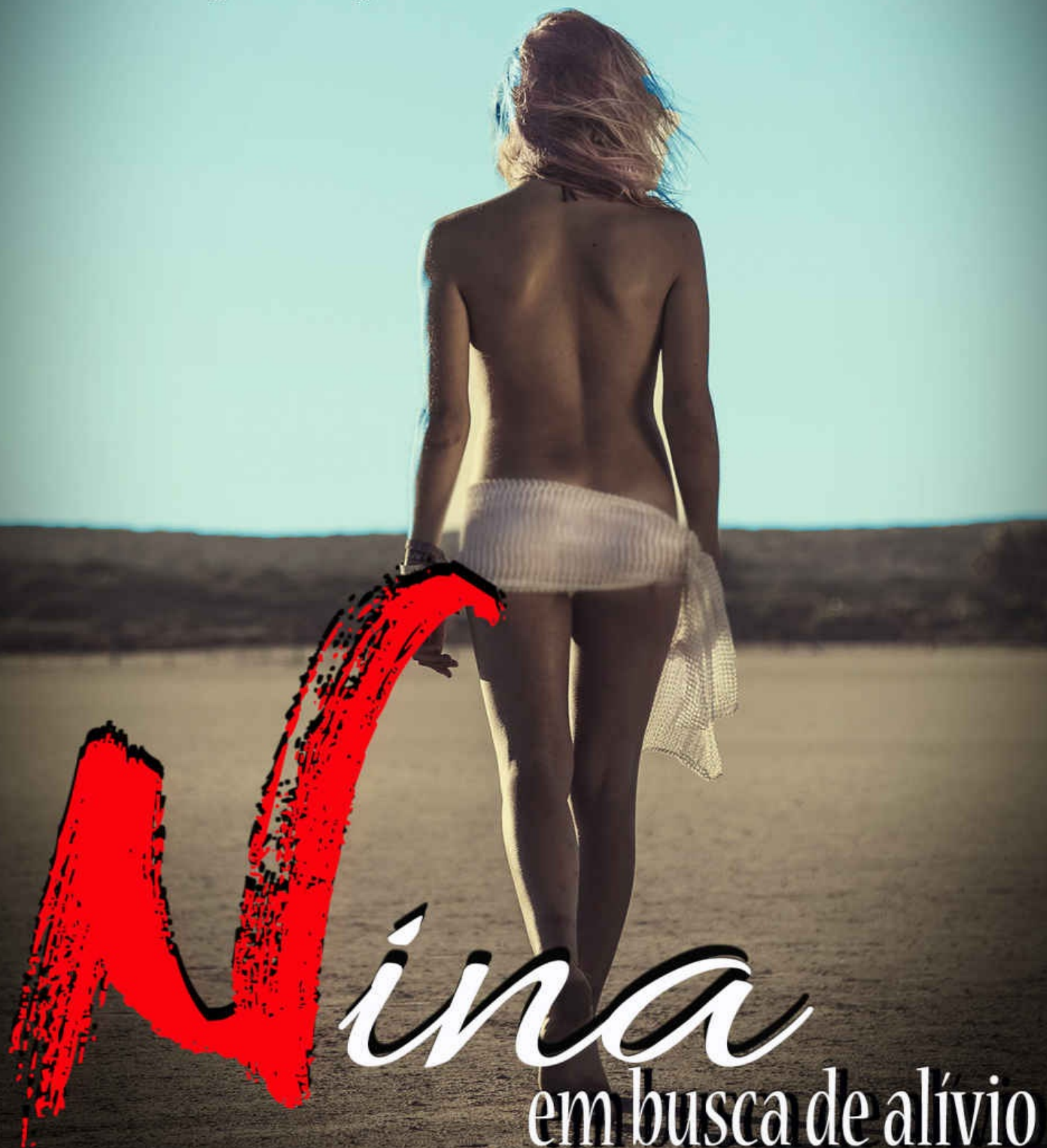


Joice Bittencourt
HERDEIROS MALAMAM



ina

em busca de alívio



Herdeiros Malamam

Livro 6

Nina

Em busca de alívio

por Joice Bittencourt

Copyright © 2019 *Joice Bittencourt Romances*.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, a distribuição e o armazenamento, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime previsto na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Obra:

Nina – em busca de alívio

Série:

Herdeiros Malamam

Livro 6

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Joice Bittencourt Romances

Setembro de 2019

#ficaadica

Temos aqui um romance, uma obra de ficção, onde coloco o fruto da minha mente imaginativa e inquieta. Desejo que você se afaste do peso da realidade e mergulhe de cabeça na história. Retire o cinto de segurança, desative o paraquedas e deixe a emoção te levar.

Qualquer semelhança com a realidade, nomes, pessoas, fatos, datas ou situações terá sido mera coincidência. Ou muita sorte! A história é de minha autoria, mas, como dizem: a vida imita a arte e a arte imita a vida.

Todos o meu respeito aos profissionais e especialidades citados neste livro.. Profissões, cidades, nomes e detalhes fazem parte da trama e enriquecem cada passagem.

Leia com o coração, vista a pele do seu personagem favorito e embarque nessa aventura. É isso que espero e desejo. Se nas páginas deste livro, eu conseguir passar os sentimentos vividos por Nina, Rodrigo e Marcelo, estarei realizada.

Aprecie sem moderação!



Prazer...

Meu nome é Joice Bittencourt e, apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, moro desde criança no Espírito Santo. Sou aquariana literal. Casada, mãe de dois filhos e um cachorro. Comecei a escrever por distração, precisava de algo que me desligasse das atribulações do dia a dia. Assim nasceu o meu primeiro livro, "No Limite do Prazer". Um detalhe: foi escrito no celular.

Certo dia, buscando informações sobre um famoso romance, encontrei uma plataforma literária onde qualquer pessoa poderia disponibilizar suas histórias, contos e ideias. A primeira coisa que fiz foi começar a ler as tantas opções postadas gratuitamente. Eram muitos livros, histórias emocionantes e divertidas. Mas, como aquariana que sou, vivia elaborando mentalmente finais alternativos para os livros que lia.

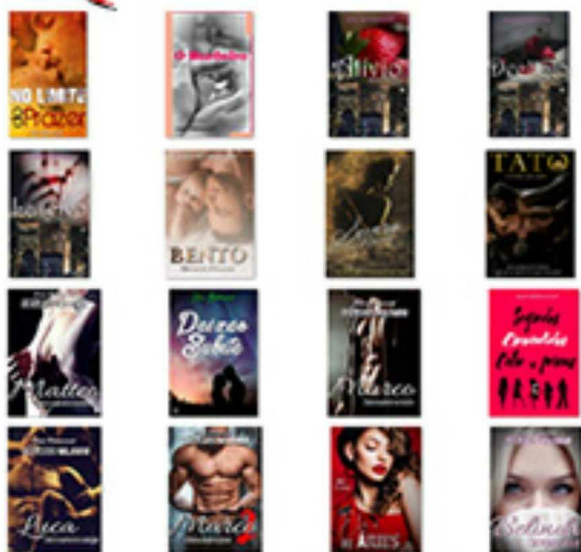
No início de 2014 postei o meu primeiro romance. Nunca esperei que alguém pudesse gostar do que saía da minha fértil cabecinha, mas... Foi um grande sucesso de leituras. A partir daí nunca mais parei.

Até agora, são 16 romances escritos, muitos leitores e um coração realizado. Meus livros mais conhecidos são os títulos que compõe a Série Malamam. Se quer uma dica, aprecie do início ao fim essa família de médicos fortes e determinados.

Que venham mais histórias e muita inspiração!

Me siga nas redes sociais
Instagram: @joice_bittencourt
Facebook: Joice Bittencourt

Meus romances



kindleunlimited



faucanense

Sinopse

Aquela menininha que correu atrás do POCO em “Alívio” e a noite tinha pesadelos, virou uma mulher que precisa lidar com algo muito mais difícil que os monstros sob a cama.

Nina é uma mãe de três filhos que vem enfrentando uma longa e desgastante crise conjugal.

Diretora da mais importante rede de hospitais de São Paulo, ela se esforça para equilibrar carreira, filhos, saúde, amigos e casamento.

Movida pela mágoa e frustração, abre uma brecha perigosíssima para o sentimento mais traiçoeiro de todos: o desejo.

O que parecia ser o El Dourado, pode facilmente se transformar no pior dos pesadelos.

Cuidado com o que deseja.

Anos antes...

— Se o seu pai nos pegar assim, ele me mata. Será a viuvez mais rápida da história, nossos nomes irão para o livro dos recordes.

Gargalhei por ele aventar a possibilidade.

— Somos casados, Rodrigo. Meu pai melhor do que ninguém sabe que transamos. Ele e mamãe são a prova viva de que há sexo pós casamento.

Rodrigo sorriu e arrancou a minha calcinha. O pequeno pedaço de pano foi parar em seu bolso.

— É diferente quando estou fodendo a princesinha imaculada dele, Nina.

— Chega de falar e me come.

Eu estava molhada, palpitando de desejo e paixão.

A rouparia era o único lugar da casa onde ninguém nos procuraria. Um cômodo minúsculo com prateleiras cheias de toalhas, lençóis e cobertores de inverno. As peças acolchoadas ainda abafavam nossos gemidos. Não era a primeira vez que nos trancávamos ali.

No primeiro andar e jardim, centenas de convidados bebiam e comiam enquanto conversavam sem saber que em um cantinho da casa nós trepávamos como coelhos ninfomaníacos no cio depois de um ano sabático. É um exagero, mas nos sentíamos exatamente assim.

O frenesi do começo.

Maldita ideia de resguardar a semana antes da cerimônia.

Quem faz isso voluntariamente?

No escuro, segurei em uma prateleira mais alta para me sustentar e coloquei o pé direito sobre uma prateleira mais baixa. Rodrigo, atrás de mim, levantava todas as camadas do meu vestido.

Depois da cerimônia religiosa, já na casa dos meus pais onde decidimos fazer a festa, começamos um momento só nosso. Entre olhares e cochichos, instigamos um ao outro até não suportarmos mais.

— Empina para mim, amor.

Arqueei as costas, quase um C. Aos vinte e poucos anos a coluna nos obedece e faz bonito com o corpo aquecido e empolgado pelo tesão.

— Não quero esperar mais.

— Então toma! — a primeira investida me fez gritar — Oh, fantástico! Segure porque vou fundo, delícia.

Da rouparia conseguíamos ouvir a música que tocava na pista de dança. Era um ritmo latino frenético e envolvente. Sem nem perceber, estávamos transando no ritmo quente da batida.

Quanto mais forte Rodrigo investia, mais eu empinava. Arqueando as costas e abrindo as pernas para que ele chegasse mais e mais fundo dentro de mim.

A sensação de ser invadida por ele era a mesma da primeira vez. Minha carne se dilatando, abrindo caminho para a sua passagem colossal.

Foi assim naquela segunda-feira chuvosa no campus da faculdade, quando aceitei carona do veterano do bloco dois. Eu nem sequer sabia o seu nome, mas tinha pouco juízo para me preocupar com detalhes. Rodrigo era primo de uma das minhas colegas de sala e isso já bastava.

O carro não pegou ou foi isso que ele quis que eu acreditasse.

Roupas molhadas. Estacionamento vazio. Corpos sedentos e jovens. Não demorou vinte minutos para estarmos nos beijando alucinadamente, mãos para todos os lados, penetrando e afagando centímetro a centímetro sem pudor. Vidros embaçados. Mais alguns minutos e eu me sentava sobre o seu colo, abria o zíper da sua calça e o masturbava. Sim, eu era uma menina muito má.

Rodrigo puxou minha calcinha para o lado e meteu dois dedos dentro de mim, empurrando e movendo, indo e vindo ao passo que seu polegar circulava o meu clitóris, fazendo-me gritar. Minha excitação melou seus dedos e ele lambeu, me beijando na sequência.

Foi o primeiro dia. De lá até o dia do casamento vivemos muitas aventuras, das mais diversas naturezas. Umas com sexo, outras simplesmente divertidas ou perigosas, como quando ficamos perdidos em uma floresta por

três dias até sermos resgatados. A cada ano mais memórias.

Arrancar seu pênis pela abertura do zíper no espaço confinado do carro foi trabalhoso. O membro ereto e grande não passava e eu estava afobada demais para lembrar de desfazer o botão.

Quando finalmente o vi livre, ofeguei. Era muito maior do que eu esperava e estava tão duro que poderia facilmente me machucar se quisesse. Talvez eu quisesse ser machucada por ele.

Sentei-me. Desci até a base, escorregando pouco a pouco e gemendo no percurso. Rodrigo não gemeu, mas seus dedos afundaram em minhas coxas. Ele parecia se controlar. Pelo menos tentava.

Nossa primeira transa foi assim. No estacionamento da universidade debaixo de uma chuva torrencial às três da tarde de uma segunda-feira cinza.

Não sei se foi a carona, a chuva, o carro quebrado, o sexo ou tudo junto. Mas o destino nos fez um casal e depois uma família.

Vinte anos não são vinte dias.

Capítulo 2

Dezembro é o pior mês do ano para mim. Do primeiro ao último dia, um turbilhão de problemas, prazos, ansiedade e obrigações. Não que eu não goste da época festiva ou de todos os eventos familiares, porque eu gosto muito dessa parte. O ponto que faz do último mês do ano o mais caótico, é o balanço de fim de ano do MAH-SP. São seis unidades espalhadas pelo estado, todas ligadas a matriz e consequentemente subordinadas a mim.

Eu deveria ter feito medicina. Administrar tudo enquanto todos os outros se concentram as suas especialidades, têm pesado sobre os meus ombros ultimamente.

— Vamos almoçar?

Ergo a cabeça e espio por cima do meu monitor. Estou há tanto tempo debruçada sobre a minha mesa que minha coluna fez um C. Só com a cabeça para dentro da sala, está Giulia, minha grande amiga e gerente de recursos humanos do hospital.

Expressando toda a minha exaustão, puxo e solto o ar de uma vez. Ela já me conhece e faz aquela cara de “não acredito”.

— Eu juro que gostaria, mas não posso. — levanto uma pilha de pastas com documentos — Preciso terminar isso hoje.

— Também precisa comer.

— Prioridades...

— Deveria ser a sua sobrevivência, bonitona.

Encolho-me e dou um sorrisinho. Giu sempre tenta me lembrar do que realmente importa. Ela é só três anos mais velha do que eu e age como uma irmã protetora e divertida.

— Amanhã almoçamos juntas, prometo.

Ela revira os olhos castanhos contornados por uma forte maquiagem escura. Frustrada.

— Se tentar me enrolar novamente, joga refrigerante no seu

computador e digo que foi um acidente.

Instintivamente pressiono cltrl+B. Deus me livre! Se eu perder tudo que estou fazendo, pulo por essa janela.

— Sem enrolação. Amanhã. Amanhã às 12h no terraço para comer o yakissoba da esquina que vou mandar entregar aqui. — pisco e aponto para ela — Está marcado.

— Vou falar para sua secretária encomendar.

Ela sai e eu grito:

— Pode mandar. Promessa é dívida.

Ufa!

Onde eu estava mesmo?

Ah... pedidos de penicilina do mês de agosto, laboratório...

À noite, depois de colocar a minha turma na cama e tomar um banho quente para tentar relaxar, respondo alguns e-mails urgentes do financeiro. Meus três filhos exigem muito de mim, demandam presença constante e uma energia que não sei de onde tiro para conseguir acompanhar.

O mais velho, Felipe, tem nove anos e herdou muito de mim, um pouco mais tímido e inseguro. Luiz, de sete anos, é uma versão menor do pai, ativo, sorridente e curioso. Meus meninos são um tesouro. A minha mocinha pimenta não foi planejada e veio justamente quando eu acreditava que colocaria a vida nos eixos e fecharia a fábrica. Lia é arteira daquelas que coloca fogo na casa se ninguém estiver olhando.

Deus abençoe a escola integral! Se ela não existisse, eu provavelmente estaria arrancando os meus cabelos ou precisaria de um time de babás treinadas pelo exército, porque os três são fogo na roupa.

Um e-mail do financeiro marcado como urgente brilha na tela do meu celular.

O hospital funciona ininterruptamente e não é raro aparecerem emergências com custos astronômicos que demandam a minha autorização. Dessa vez, a bagatela de vinte mil reais pelo aluguel emergencial de um importante equipamento.

Não é possível! Nós temos esse equipamento no hospital, tenho certeza.

Começo a trocar mensagens com o funcionário para entender o caso e perco a noção do tempo.

— Ainda trabalhando, Nina? — Rodrigo entra no quarto enrolado em uma toalha. Pela sua expressão, não está feliz em me ver com a cara enfiada no celular.

— A neuro precisa de um equipamento que nós temos, porém, está quebrado. É urgente e eu tive que autorizar o aluguel do tal aparelho sem licitação. Odeio isso.

— Vou te ajudar a relaxar, querida.

Mesmo percebendo a minha irritação, ele vem para cima de mim com aquele olhar. Conheço-o bem e sei o que quer, sei que a sua aproximação e voz melodiosa não são por preocupação comigo, mas sim com o seu próprio desejo.

— Não é um bom momento, Rodrigo.

— Sempre é um bom momento para ter prazer, não?

Eu poderia dizer que prazer tem passado longe das nossas relações ultimamente. Poderia começar uma longa e cansativa DR aqui... mas não estou disposta.

Rodrigo fica de pé e retira a toalha, exibindo orgulhoso a sua grande ereção. Dono de uma beleza admirável, ele é um homem que chama atenção das mulheres por onde passa, principalmente por ser grande, ter um olhar marcante e uma postura imponente. Os traços espanhóis ganharam minha atenção à primeira vista no passado. Com a prática de esportes, ele consegue manter o corpo bem desenhado e definitivamente não se parece em nada com a maioria dos quarentões que se vê por aí.

Por que isso tudo não é o suficiente para me fazer desejá-lo como antes?

Por que estou aqui elaborando desculpas possíveis para escapar do sexo?

Oh, por favor, transar com o meu marido depois de um dia estressante

deveria ser a parte boa e não uma extensão das minhas muitas obrigações.

— Amor... — começo a minha fala, mas Rodrigo logo me beija e anula todas as minhas chances de argumentar.

É um beijo gostoso, mas acaba rápido.

A pressa é mesmo a inimiga da perfeição, já dizia o ditado.

Sinto seu pênis pressionar em minha entrada, antes mesmo que o meu corpo comece a despertar. Prático e objetivo indo direto ao ponto, chegando aos finalmente sem passar pelas preliminares.

Já fomos tão bons em preliminares.

Ele percebe que ainda não estou pronta, sabe que todo o seu tamanho não passará sem ajuda. Estou seca e bem longe de me lubrificar naturalmente. É aí que vem a pior parte.

Rodrigo se afasta um pouco, apenas o suficiente para olhar em meus olhos e transmitir todo o desejo e necessidade que está sentindo. Lambe os próprios dedos, deixando bastante saliva entre eles e então acaricia a carne seca que tentava penetrar, espalhando a lubrificação improvisada até sentir que é o suficiente.

Será que ele compreende o quanto isso é degradante para mim?

— Oh que gostoso! — empurra mais fundo com dificuldade.

Não me diga...

Meus gemidos são tão sinceros quanto consigo fingir apenas para preencher o silêncio constrangedor, outros de incômodo.

É sempre assim.

O sexo semanal tem sido a nossa única interação nos últimos tempos. No fundo da minha mente, o pensamento medieval de que ele tem suas necessidades e eu minhas obrigações ainda existe. Já tivemos brigas e crises intensas, mas nada comparado ao que vivemos hoje, nada tão neutro.

Cheguei em um estado que sigo no piloto automático... e nem sei como cheguei aqui.

A cama range, as molas do colchão choram cada vez que ele investe contra mim. Seu pênis arranha o meu interior e se afunda mais em marteladas

constantes.

Não me sinto confortável transando enquanto os meus três filhos estão dormindo tão perto. Tento esquecer, me envolver na transa, mas simplesmente não consigo. O erro está em mim ou nele? Como obrigar o meu corpo a sentir prazer quando o homem sobre mim parece transar com uma boneca inflável?

— Geme para mim. — pede.

Fingir. Quem nunca?

Quanto mais eu gemo, mais ele se entrega e seus músculos se contraem. O corpo dele sobre mim dá sinais de exaustão e prazer. Sei que mais sussurros intensificam o que ele sente, então faço uma atuação digna de cinema.

Ele sabe que está sendo enganado.

Rodrigo acelera em suas investidas no já ultrapassado “papai e mamãe” de sempre, ergue a cabeça e goza dentro de mim.

Meus olhos fechados me permitem fazer um planejamento completo do dia de amanhã.

Às 8h tenho uma reunião com o novo laboratório. Deve terminar lá pelas 9h, então terei tempo de fazer uma visita técnica nas obras da ala norte. Isso. Não posso esquecer de comprar a fantasia de apresentação da Lia e de mandar o bilhete sobre a revisão da prova de história do Felipe. E ainda tem o aluguel emergencial para questionar com o financeiro.

— Gozou? — eu detesto essa pergunta.

— Aham

Rodrigo cai sobre mim, beija o meu pescoço e rola para o seu lado da cama quase adormecido.

Achei que não terminaria nunca.

Levanto-me na ponta dos pés para não fazer nenhum barulho. É como um ritual que se repete todas as vezes que transamos. Vou ao banheiro e me lavo, depois vou ao quarto das crianças para me certificar de que todos estão dormindo tranquilamente.

A casa está escura e silenciosa. Caminho recolhendo brinquedos e objetos fora do lugar que as crianças deixaram. Lia costuma brincar com peças de montar e elas são como uma armadilha pronta a derrubar qualquer um. Felipe está na fase dos eletrônicos e Luiz é enérgico e esportista como o pai, vive correndo ou se pendurando por aí.

Meu casamento e meus filhos são a parte mais importante da minha vida. Tudo que construímos e o que vivemos me faz feliz e realizada. Às vezes acho que o problema é comigo, que estou distorcendo as coisas e achando rachaduras onde não existe. Não sei...

Minha dor de cabeça vem forte.

Tomo um comprimido, verifico mais uma vez meus filhos e volto para a cama. Quietinha, movimentos lentos e calculados para não despertar Rodrigo, entro debaixo do cobertor e ali fico imóvel até pegar no sono.

Capítulo 3

A porta do meu escritório é aberta precisamente ao meio dia, me dando um baita susto. De terninho vermelho, óculos de grau de oncinha e sapatos pretos de bico fino, Giu surge solar.

Minha amiga é uma alegoria ambulante.

— Nossa comida acabou de chegar. — levanta a sacola e aponta para mim — Nós iremos almoçar no terraço AGORA.

Ela não esqueceu.

Olho para a minha mesa cheia de contratos, planilhas e ordens de pagamento. Uma hora que perco comendo daria para fazer tanta coisa...

— Nina, eu vou jogar esse seu maldito computador pela janela e alegar estresse funcional.

— Sabe que posso te demitir, não sabe?

Ela move os ombros.

— O que eu sei é que o trabalho que você teria para encontrar outra gerente de RH como eu seria imenso. — sorri, orgulhosa — Duvido que você teria tempo para isso em dezembro com o balanço chegando.

— Tem razão. — levanto, jogando a cadeira para trás — Vamos comer essa bomba de sódio.

— Isso!

O terraço do prédio é um amplo jardim suspenso com uma bela vista da região e a falsa sensação de liberdade. Recentemente encomendei uma pesquisa de satisfação e o resultado foi que o terraço é a área preferida dos funcionários, sendo colocada como um local para recuperar as energias. Concorde.

Com nossas caixinhas de papelão e latinhas de refrigerante, eu e Giu nos sentamos em um banco de cimento maravilhosamente posicionado sob uma árvore. Tiramos nossos torturantes sapatos de salto e apreciamos o toque da grama em nossos pés. É divino.

— Ainda bem que você me tirou daquela sala. — gemo de prazer ao sentir a grama fresca.

— Se eu não fizer isso você criará raízes lá, amiga. Não sei como aguenta.

Encaro-a com deboche.

— Olha quem fala. Seu carro sempre está aqui quando eu chego.

— Mas não está quando sai. Em minha defesa, almoço todos os dias e nunca... quase nunca saio daqui depois das 19h30min.

Termino de mastigar a primeira garfada.

— Admito que almoçar é um luxo para mim. Quando vejo, o horário já passou e estou absorta em minhas atribuições. — bato meus ombros nos dela — Mas não saio tão tarde. Nem me lembro quando foi a última vez que deixei meu escritório depois das 20h.

— Vou fingir que acredito.

— É sério. — Giu me olha por cima dos seus marcantes óculos de oncinha. Reconsidero. — Talvez.

O almoço é divertido, mas passa mais rápido que eu gostaria. O tempo é algo inexplicável e também incontrollável. Quando precisamos dele ou estamos nos divertindo, passa na velocidade da luz, mas se o que estamos fazendo é desgastante e penoso, ele passará como um cágado manco e reumático depois de um dia de trabalho.

Giu vem comigo para usar o banheiro privativo do meu escritório e enquanto escovo os dentes, ela fala:

— Contratei o quiropraxista que te falei.

— Lembro de ter comentado sobre isso.

— Já estava na hora de termos um profissional com essa qualificação na equipe.

— O cara é bom?

Giu ergue a sobancelha e passa a língua pelos lábios. Safada! Não foi isso que perguntei, mas entendi o recado.

— Além de ser um excelente profissional, é... — ela faz cara de

inocente e se abana — uma delícia.

— Mesmo?

— Você não faz ideia. Deveríamos trocar todos os carecas e barrigudos por exemplares como aquele. Amei as mãos fortes e firmes.

Enxaguo a boca, olhando-a através do espelho, exigindo explicações detalhadas. Dessa missa eu não estou sabendo.

— A senhora é uma mulher casada, dona Giulia. — pego no pé dela.

— Ah eu sei, acredite! — sorrimos — Eu não poderia contratá-lo sem fazer um teste drive. Fiz uma sessão e não tenho palavras para descrever o que ele fez comigo. Uma delícia!

— Giulia Brandão!

— Delícia de sessão, obviamente. Sessão de quiropraxia. — fingindo seriedade, ela completa — Você precisa experimentar, vai melhorar o seu humor e a sua coluna.

Giu sabe que sinto fortes dores na coluna devido ao tempo que passo na frente do computador ou com a cabeça baixa lendo contratos. Por mais de uma vez já busquei tratamentos alternativos como acupuntura ou até mesmo aromaterapia, mas não sou disciplinada com a minha saúde como sou com o meu trabalho.

Talvez valha o teste.

— Ele atende quais dias? — dou descarga.

— Todos os dias da semana. Se quiser vejo se tem um horário para você hoje.

Hoje ainda é 2 de dezembro e já estou empenada. Restam vinte e nove dias até o balanço ser finalizado e até lá já estarei de cadeira de rodas. Será que uma sessão resolve?

— Vou pedir para a minha secretária ligar lá para baixo. Se conseguir encaixar na minha agenda, faço uma sessão.

— Está certo. — Giu recolhe as coisas e joga em sua bolsinha — Tenho que ir.

Com a saída do meu pai, mais e mais coisas recaíram sobre mim.

Algumas delas não são diretamente minha responsabilidade, mas como diretora da rede, é minha obrigação garantir que os responsáveis diretos cumpram o seu papel.

Na parte da tarde fico presa em uma longa reunião. Argumentos, questionamentos, gráficos e relatórios expostos ao redor da comprida mesa de madeira rodeada por mentes brilhantes. Nunca irei me acostumar a ocupar a cadeira que foi do meu pai e antes disso, do meu avô.

Será que um dia algum dos meus filhos se sentará aqui?

Terminamos a pauta, assino a ata. Temos o nosso novo chefe de cirurgia, o doutor Ernesto Silva e Silva, neurologista há anos no MAH, indicação do meu pai. Doutor Leônidas ainda tem grande influência sobre toda a administração.

Matteo e Marco não se mostraram surpresos com o resultado. Assim como eu, eles sabem que o posto de chefe de cirurgia requer anos e anos de experiência, além de muito tempo disponível. Em alguns anos eles serão candidatos perfeitos, mas hoje não.

Planilhas, gráficos, orçamentos, licitações e reuniões. Por fim, desliguei meu computador às 19h em ponto. Um milagre para a época.

Minha secretária, Ierlane, marcou um horário com o novo quiropraxista. Tenho esperança de, pelo menos, conseguir trabalhar sem sentir tanto o quadril. Só preciso de mais algumas semanas nesse ritmo e depois irei tirar uns dias de férias.

Pelos longos e bem iluminados corredores, atravesso o complexo apressada. No decorrer das décadas o hospital passou por reformas e ampliações até chegar na forma atual. A última há cinco anos, quando meu pai comprou o terreno dos fundos, ocupando assim a quadra completamente.

— Tenho um horário agendado com o quiropraxista. — digo à recepcionista do setor.

Nesta ala estão fisioterapeutas, acupunturistas, massoterapeutas e agora o quiropraxista.

— Doutora Nina! — a jovem não consegue esconder a surpresa ao me ver.

— Não sou doutora, Dalete.

Aprendi com meu pai a tratar todos as pessoas pelo nome. É importante que cada funcionário ou colaborador se sinta importante e notado e perceba que mesmo sendo uma pequena parte do todo, é fundamental.

Obviamente não sei o nome de cada um dos milhares de empregados do MAH, contudo, uma rápida espiada no crachá é o pulo do gato.

Dizem que meu pai era o carrasco e que eu sou sua versão de saias, porém, maternal; do tipo que bate e assopra.

— A senhora pode entrar. Última porta à esquerda no final do corredor.

— Obrigada!

Faço o caminho rapidamente. Troco a bolsa de braço para bater à porta, mas não é preciso.

— Doutora, Nina? Sou Marcelo Fontes.

O homem que abre a porta do consultório não parece ter nem trinta anos. É jovem demais, bonito demais, sensual demais. Branco, com cabelos despenteados e iluminados por finas mechas naturais em meio ao castanho, ele é uma mistura de James Franco com Zac Afrom.

Diferente do que eu esperava, não está de jaleco ou qualquer coisa do tipo, veste jeans e camiseta branca. Nos pés, apenas um tênis cinza.

Ele sinaliza e eu entro na sala.

— Apenas Nina, por favor. Não sou médica.

— Temos algo em comum. Também não sou médico.

A resposta vem acompanhada de um sorriso sedutor. Apenas de jovem, ele tem no olhar promessas sujas e maliciosas.

— Li o seu currículo antes de vir. — por que disse isso? — Eu não entregaria minha coluna a qualquer um.

— Tenho certeza que não.

Não costumo puxar assunto, mas como não nos conhecemos, me sinto obrigada a dizer algumas coisas.

— Se passou pelo nosso processo seletivo, acredito que saiba exatamente o que está fazendo. Somos muito exigentes com nosso corpo multidisciplinar?

— Eu sei disso. Sou um viajante nato, mas pretendo ficar um longo período. Não é todo dia que se é aceito no MAH. — sem desviar os olhos do meu em nenhum momento, ele diz.

— Como diretora do MAH, espero que fique e que nos traga muitos pacientes com a sua arte.

— Em uma família de médicos, você é uma mulher de negócios?

Inclino a cabeça levemente, concordando em parte.

— Sou a que se estressa com finanças, contratos e problemas enquanto os outros brincam com seus bisturis.

Enquanto falo, ele dá a volta em meu corpo. Sem pedir ou sinalizar, retira a bolsa do meu ombro e a deixa sobre uma cadeira. O gesto invasivo me surpreende, mas não o repreendo.

— Sou o que resolve os seus problemas, enquanto os outros os trazem. — próximo demais da minha orelha, pede — Tire os sapatos e sente-se aqui, por favor.

A sala é pequena e parecida com todas as outras do hospital, paredes verdes e chão cinza. Uma maca baixinha no centro e alguns outros aparelhos e acessórios afastados.

Faço como me pede.

Marcelo junta meus sapatos em um canto da sala e quando volta, passa por trás de mim e, sem dizer nada, retira o blazer que visto, escorregando a peça pelos meus braços. Fico arrepiada.

— Não te perguntei como funciona a sessão de quiropraxia.. — é a única coisa que consigo falar.

— A ideia dessa primeira sessão é identificar as estruturas que estão mal posicionadas e melhorar a mecânica do seu corpo. — seu olhar é direto e profundo, ele explica sem cortar a comunicação visual e isso me desconcerta — Você é uma mulher de negócios, sofre estresse e imagino que permaneça muitas horas mal alocada.

Incomodada, só presto atenção no final da frase.

— Aham.

Ele segura os meus pés, levando-os para cima da maca.

— Pois é. Seu corpo é uma máquina potente, mas demanda manutenção. — percebo um discreto franzir de suas pálpebras — Vamos colocar essa máquina em total funcionamento.

É uma promessa e tanto.

Cérebro, cérebro... sem duplo sentido, por favor.

— E por onde começamos?

— Deite-se de bruços. Vou analisar as estruturas do seu corpo, só preciso que relaxe.

Giu não deveria ter dito aquelas coisas. Agora preciso controlar a minha mente para não pensar maldade em tudo que ele diz.

De bruços, sinto as mãos dele segurarem meus pés com firmeza e uma leve tensão. Ele está me medindo. Que posição ingrata para estar diante de um desconhecido.

Uma lembrança me ocorre.

— Ah... eu almocei no terraço hoje. Posso ter sujado os pés na grama. — comento sem jeito.

— Estão limpos e muito macios, Nina.

— Que bom! — respiro aliviada — Imagino que já tenha atendido pessoas de todos os tipos.

— Garanto que já atendi pés muito difíceis nos últimos anos. Os seus são os mais bonitos que já vi.

Se eu não estivesse de costas, ele veria com estou vermelha.

Ele flexiona minhas pernas, dobrando até que os calcanhares encostem no bumbum.

— Sua perna direita está um pouquinho mais curta.

— Mais curta?

— Sim. Com o passar dos anos nosso corpo vai se acostumando e se

ajustando aos desvios de postura. Você nem percebe. Isso pode causar dores.

— Sinto muito o quadril no final do dia.

Ele deixa minhas pernas e para ao meu lado com a mão pouco acima da minha bunda. Instantaneamente travo a respiração.

— Preciso da sua licença. Vou começar e se te incomodar, você me fala.

— Está bem.

O que eu deveria dizer? Não toque nas minhas nádegas?

Os toques e movimentos são um tanto diferentes. Ele pressiona com os polegares investigando cada osso e cada junção milimetricamente. Suas mãos percorrem a parte inferior das minhas costas, subindo e descendo até o vão entre minhas nádegas. É evidente que está tateando os ossos, mas não posso deixar de pensar bobagem.

Talvez o sexo frustrante de ontem tenha me deixado mais... pervertida que de costume.

— Levante a perna direita o mais alto que conseguir.

Faço o que ele me pede, erguendo a perna para trás o máximo que posso, uma depois a outra. A sessão segue dessa forma por vinte minutos. Marcelo move minhas pernas, braços e quadril de um lado para o outro e pesa seu corpo sobre o meu, torcendo-me como uma boneca.

É engraçado, mas fica evidente que é tudo muito estudado e profissional. Quase me esqueço que estou sob um jovem de vinte e poucos anos. Esqueceria, se ele não insistisse em me lembrar disso com o seu olhar intenso e sua voz atraente.

— Esse barulho foi reposicionando o seu sacro. — diz ele, após o som alto das minhas juntas estalando me fazer suspirar.

— É assustador.

— Vire-se de bruços novamente. Podemos dizer que você é uma mulher crocante.

— Deveria ser um elogio?

Ele volta a puxar minhas pernas.

— Para mim sim. Eu adoro coisas crocantes. — Adora? Sei... — O alinhamento das suas pernas já melhorou.

O melhor momento é quando chegamos às costas e pescoço. Mesmo com todos os estalos apavorantes, a sensação é gostosa, relaxante. Por pouco não durmo.

Ao final, Marcelo me ajuda a vestir o blazer e novamente me surpreende quando fica de joelhos para calçar os meus sapatos.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei, mas quero.

Parte do meu cérebro insiste em dizer que não é despretensiosamente que ele segura meu tornozelo com tanto jeito enquanto me encara com esse sorriso cafajeste.

Mas a parte coerente, diz: Sossega e vá logo para casa.

— Obrigada.

— Foi um prazer, Nina. — ele estica a mão e eu o cumprimento formalmente — Semana que vem no mesmo horário?

Acho que não. Já me sinto bem melhor só com uma sessão. Marcelo me deixa incomodada, em estado de alerta. Algo me diz que devo cortar o mal pela raiz.

— Ah... não sei se consigo.

— Faça um esforço. — diz sem soltar minha mão e com os olhos intensamente focados nos meus — Esperarei por você.

Quando uma mulher casada percebe o que eu estou percebendo agora, deve correr, ficar o mais longe que puder desse tipo de sensação. E é exatamente o que eu farei.

— Tchau.

Viro-me segurando a respiração e atravesso o corredor até o hall dos elevadores sem olhar para trás.

Capítulo 4

Ontem, na mesa de jantar, entre ouvir sobre o dia das crianças na escola e sobre os planos para o final de semana, contei a Rodrigo a respeito da minha primeira sessão de quiropraxia. Ele não deu muita importância, estava entretido com Luiz, mas disse que se me fizesse bem deveria continuar.

Segundo meu marido, qualquer coisa que eu faça é melhor do que não fazer nada.

Já tentei, mas nunca me encontrei em nenhuma atividade física regular. Pilates, rpg, ginástica, cross fit, yoga. Foram inúmeras tentativas de melhorar o meu condicionamento, e não levei nenhuma delas a frente. Admito, sou um pouco preguiçosa.

Algumas pessoas acordam às 4h da manhã para correr, outras têm equipamentos em casa. Eu não sou nenhuma delas. Rodrigo é. Meu marido pedala todas as manhãs, faça chuva ou faça sol.

Chego ao hospital por volta das 8h com o tempo fechado e nuvens negras no céu. Nem parece verão. Eu estava distraída repassando mentalmente meus compromissos, quando dei de cara com Marcelo trancando sua bicicleta. A calça esportiva leve e clara dava um bom vislumbre de suas pernas e a camiseta também não guardava grandes segredos. Por ser alto, chama a atenção e seus notáveis músculos torneados são um espetáculo.

Não que eu esteja cobiçando ninguém. Só que é impossível de ignorar.

Pensamentos são apenas pensamentos.

— Bom dia, Nina! — diz ao me ver — Dormiu bem?

Marcelo vem em minha direção caminhando com segurança e um belo sorriso no rosto. A camiseta deixa seus braços aparentes e eles ganham a minha atenção, por dois segundos.

— Bom dia, Marcelo! — ignoro parte da sua pergunta.

Consigo ver seus olhos por trás dos óculos escuros e percebo o longo tempo que dedica aos meus lábios e isso me deixa encabulada; mas

orgulhosa. Batom vermelho é uma das minhas paixões. Sou uma mulher de pouca maquiagem, no entanto, não dispenso uma boa máscara de cílios e lábios vermelhos cor de sangue.

Uma das poucas lembranças que tenho da minha mãe, é do batom que ela usava, o tom exato ficou gravado em minha memória.

— Foi bom te encontrar aqui. Será que você pode me ajudar com uma coisa?

Ajudar? Por que não?

— Claro!

Marcelo é o tipo de pessoa que fala com as mãos, isso fica explícito em poucos segundos. Ele me toca, segura em meu cotovelo. Tudo de maneira natural, quase íntimo. Sinto como se ele estivesse entrando em meu espaço, tornando nossa relação pessoal quando na verdade ela não deveria ser. Ninguém aqui, exceto minha família, tem tal liberdade comigo. Ao passo que me incomoda, aguça a curiosidade.

— Eu cheguei há poucos dias de um longo período fora. Estou reconhecendo o terreno. Na verdade, não me readaptei a viver no Brasil. Estou em um hotel, procurando apartamento, reconhecendo o terreno antes de fechar qualquer contrato.

— É uma fase conturbada.

— Nem me fale. — seus dedos apertam meu cotovelo, transmitindo calor — Será que posso te mandar alguns links. Não é muita coisa. Eu só preciso de alguém da cidade para me dar um norte.

Então ele só quer uma opinião. Isso não representa nada demais.

— Vai ser um prazer te ajudar, Marcelo. Pode me mandar sim.

Ele sorri, satisfeito e saca o celular.

— Qual é o seu número?

Só depois de dar a informação, penso no que isso significa. Não é comum para mim. O meu contato com os colaboradores do MAH-SP é muito específico, e fora alguns poucos colegas de muitos anos e a família, ninguém tem o meu celular pessoal.

— talvez seja melhor você passar para a Ierlane. Sempre estou em reunião ou envolvida com mil coisas. Ela me passará tudo e também pode te ajudar.

Falo de uma vez, na tentativa de consertar as coisas, mas imediatamente sinto o celular vibrar. É ele.

— Só um “oi” para você salvar o meu número.

Chego a minha sala com os olhos baixos, fixos na tela do telefone. Estou analisando minuciosamente a foto de perfil de Marcelo. Provavelmente o fundo é uma praia, ele está sem camisa, de óculos escuros e sorrindo. Que sorriso bonito! Dentes grandes, boca aberta, parece absolutamente feliz e seguro de si.

— Dona Nina, acabaram de ligar da escola dos seus filhos. — Ierlane ganha minha total atenção — Parece que o Felipe teve um pequeno problema e eles precisam que um dos responsáveis vá para lá.

Nenhum “pequeno” problema justificaria uma ligação assim.

— Você falou com o Rodrigo?

— Tentei, mas hoje é quarta-feira. — ela ergue os ombros e recebo um típico olhar de pena feminina.

Às quartas-feiras meu marido fica incomunicável para qualquer situação. O mundo pode acabar, pacientes podem morrer, nosso apartamento pode pegar fogo e ele não será informado, pelo simples motivo de deixar o aparelho celular na mochila quando sai com o seu grupo de pedal para fazer trilha.

Eu nunca vou entender como todas aquelas pessoas encontram tempo numa quarta para pedalar no meio do mato.

Fecho os olhos, controlo a raiva instantânea e digo:

— Tudo bem.

Não está tudo bem, mas o jeito é descobrir o que está acontecendo com o meu filho e deixar meu marido quieto com seus mosquitos e amigos ocupados.

Nem tive tempo de entrar na minha sala.

Chego à escola das crianças com o coração pequenininho de medo, angustiada. Por que eles não dizem de uma vez o que aconteceu por telefone? Isso pouparia as minhas rugas de preocupação e a minha imaginação pragmática de cogitar as piores coisas possíveis.

— A senhora pode entrar. — diz a secretária do diretor da escola.

Pego minha bolsa na cadeira ao lado, ajeito minha saia lápis e tomo um pouco de ar. Estive em reuniões assim por mais vezes do que gostaria.

Dentro da sala, o diretor, um homem na casa dos setenta anos se parece muito com o Leôncio do pica-pau, conversa com um casal. Suas caras não me dizem muita coisa, mas posso imaginar o que me espera.

— Com licença. — digo ao passar pela porta.

— Sente-se, por favor. — aponta a cadeira vazia e se dirige aos pais que não conheço — Esta é a mãe do Felipe.

É uma novidade. Estou acostumada a ter problemas com a energia de Luiz ou com o gênio difícil de Lia, mas não com Felipe. Meu filho mais velho é um doce.

Olho para o casal, que me encara com um típico olhar de desculpas. A mãe em especial, parece querer se esconder de vergonha.

Volto-me para o diretor Ariostolo.

— Desculpe, mas, eu perguntei a sua secretária e ela não soube ou não pode me responder. Por que exatamente estou aqui?

Os pais se encolhem na cadeira e o diretor me entrega um papel completamente amarrotado. Nele há um desenho com traços infantis, mas que não pode ser interpretado de forma errada. É um menino gordo rodeado de comidas com uma bomba dentro da barriga. Não precisava, mas o nome do meu filho estava escrito logo abaixo “Felipe, a porca gorda”.

Fico completamente sem reação. É cruel e triste.

— Senhora Nina. — encaro o diretor — Isso foi pregado atrás da cadeira do Felipe. Olhamos as câmeras da sala e descobrimos que a brincadeira foi feita pelo colega Thiago e acobertado por mais dois colegas.

Só consigo pensar no que o meu filho de 9 anos sentiu ao ver o desenho. Estou estarecida. Ele não tem maturidade para entender a crueldade

dos outros e muito menos para se defender.

— Nós somos os pais do Thiago. — diz a mulher ao meu lado — Estamos muito envergonhados pelo que o nosso filho fez. Mas a senhora deve entender que é coisa de criança. Todos nós já fizemos piadas com algum amiguinho na época da escola, não é mesmo?

— Verdade. — diz o pai — Eu mesmo já fui da turminha da pesada. Brincava muito com os colegas mais gordinhos como o seu filho. É só piada. Não podemos levar tudo tão a sério.

Ignoro-os.

Ao notar o meu completo descontentamento, o diretor muda a sua postura e tenta adoçar o acontecido com voz mansa, dizendo:

— Isso ocorreu durante a aula de inglês e gerou um tumulto, que logo controlamos. Garanto que foi um caso isolado e não se repetirá. Achei por bem chamar vocês e colocá-los cientes da situação. Nossa escola anda de mãos dadas com a família.

— Nós entendemos perfeitamente. — diz a mãe do outro garoto — Vamos conversar com o nosso filho, diretor Ariostolo.

Estou calada. Por fora mantenho-me quieta, mas por dentro estou fervendo de raiva. Quero esganar o diretor por classificar o ato como uma brincadeira, quando na verdade passa longe disso. Só a voz da mãe ao meu lado faz meus nervos se contraírem.

Engulo o bolo de fel em minha garganta e digo:

— Quero falar com o meu filho.

O diretor se apruma na cadeira e logo responde.

— Claro, claro. Vou mandar chamar os dois e eles podem fazer as pazes.

Inclino-me para frente e coloco uma das mãos sobre a mesa de madeira escura. Lábios franzidos, olhar fervendo e voz trêmula de raiva.

— Eu disse que quero falar com o MEU filho, não com os dois. Quero ouvir a vítima e não o agressor.

A mulher dá um salto na cadeira.

— Agressor? Você está louca de chamar o meu príncipe de agressor?

Ainda buscando controle, olho-a e digo:

— Por educação estou usando uma palavra leve. Pensar no que o meu filho sentiu ao ser chacoteado pelo seu, só me faz elaborar termos muito piores.

— Então meça as suas palavras. — intervém o pai, ficando de pé — A senhora não sabe com quem está falando.

O grama de paciência que eu ainda conservava, perdi.

— Se isso for uma ameaça, saberei com quem estou falando diante de um juiz. Não venha se impor para cima de mim ou resolveremos isso com a polícia, senhor. — olho para o diretor — Quero falar com o meu filho a sós, por favor.

Diante da minha postura irredutível, ele concorda e pede que os outros pais deixem a sala.

Não demora até Felipe passar pela porta de cabeça baixa, rosto inchado e braços cruzados. Conheço muito bem os meus filhos, sei como cada um reage aos seus problemas.

Felipe está magoado. Ele é um menino mais introspectivo, sensível e de poucos amigos. Diferente do irmão, ele não gosta de atividades em grupo e esportes, meu mais velho é tímido e reservado.

— Como você se sente, meu filho? — pergunto, esfregando o braço dele com carinho.

— Bem.

— Quer me contar o que aconteceu?

Ele não responde de imediato, mantém os olhos no chão, pensa um pouco e então fala:

— Nada demais. Uns meninos chatos fizeram uma brincadeira.

— Foi divertido para você? — ele nega com a cabeça — Então não foi uma brincadeira. Ei! Levanta a cabeça, cara. Eles estão errados, eles devem sentir vergonha de agir assim e não você.

— Sou mesmo uma porca gorda.

Meu coração chega a sangrar ao ouvi-lo se depreciar dessa maneira. Como mãe me sinto um lixo.

— Felipe, isso não é verdade. — seguro o queixo dele, fazendo-o olhar em meus olhos — Você é um garoto lindo, educado, amado por todos que te conhecem e muito mais inteligente que aqueles bostinhas.

— Bostinhas, mãe? — repete com estranhamento.

Não é comum que eu use esse tipo de linguajar, mas o momento exige.

— Bostinhas, merdinhas, mal elementos e por aí vai. — beijo-o — Não se deixe abater por gente assim, Felipe. Você é incrível.

Seus olhos denunciavam seus pensamentos. Felipe é um menino transparente.

— Quero ser magro como Luiz e o papai. Eu não quero ser uma porca gorda como eles me disseram, mãe.

Engulo a raiva crescente que estou sentindo pelos outros garotos. É muito errado eu desejar esfregar a cara deles no chão? Eu sei que são apenas crianças, mas são crianças malvadas.

— Vou te ajudar nisso se for o que quer fazer. Conte comigo.

— Obrigado. — diz, desanimado.

— Agora vamos conversar com o diretor e resolver isso tudo.

No estacionamento da escola, ligo diversas vezes para Rodrigo sem sucesso. Não é possível que ele não tenha parado em algum momento para verificar o telefone. Como pode se abster dessa maneira sabendo que há uma vida do lado de cá?

Desgraçado!

São tantas coisas sobre mim, tantos problemas. Só queria que Rodrigo se preocupasse da mesma forma, que estivéssemos em um melhor momento e que ele não desaparecesse sem deixar rastro.

— Aqui é o doutor Rodrigo Bogoni. Não estou podendo atender, mas você pode deixar um recado e retorno assim que possível.

Ah que raiva!

— Já é a décima vez que te ligo. Felipe teve um problema na escola e

estou saindo daqui agora. Quando acabar o seu recreio, me liga.

Capítulo 5

A semana passou voando. Hoje é terça, nove de dezembro e os problemas saltam aos meus olhos como sapos em noite de chuva. Wesley, o diretor financeiro do hospital passou a manhã inteira na minha sala se explicando e justificando desvios encontrados na unidade de diagnósticos.

As informações não batem e eu odeio desconfiar de alguém tão importante.

A equipe está empenhada em fechar todos os pontos. Só assim poderei tomar uma decisão. Espero sinceramente que eles não encontrem nada de errado que comprometa um funcionário de tanto tempo.

Eu deveria estar a caminho de casa.

Paro diante da porta branca. Sala 215. A essa hora o movimento é reduzido neste andar, pois a maioria dos consultórios só funciona em horário comercial. Em um hospital tão grande temos todos os tipos de atendimento, podendo ir do caos da emergência à paz do SVO.

— Que bom que encontrou um tempo para mim. — sem que eu bata, Marcelo abre a porta e faz sinal para que eu entre.

— Desculpe ter feito você esperar. O meu dia não foi fácil.

— Não se desculpe. Eu esperaria muito mais por você, Nina.

A frase aparentemente inofensiva, veio carregada de intenções nas entrelinhas. Pude sentir isso. A gente sente quando um homem está, mesmo que sutilmente, tentando abrir caminho para algo mais. E eu senti.

É melhor ignorar.

De pé no meio da sala, Marcelo anda ao meu redor, para trás de mim e coloca as mãos quentes sobre os meus ombros. A sensação me faz conter um suspiro. Ele tem mãos fortes, habilidosas e dedos longos que apertam meus músculos tensos, num passe de mágica transformando os nós em relaxamento.

O que será que ele faz para ser tão bom nisso?

Soltei a bolsa no chão, desejando me livrar de tudo que me atrapalhasse. Sei que ele não é um massagista, mas desempenha o papel com exímia perfeição.

— Você sempre atende até às 21h? — pergunto.

— Não. Só para pacientes especiais.

Deixei escapar a centelha de um sorriso, mas logo o recolhi, agradecendo por estar de costas. O que está acontecendo comigo? O que estou pensando? Sou uma mulher de quase quarenta anos prendendo a respiração na presença de um homem mais jovem que meus irmãos.

Controle-se, Nina Malamam.

— Vou tentar vir mais cedo na semana que vem.

Ouçó o seu sorriso. É um som gostoso e quente.

— Não se engane, só faço isso porque é minha chefe. Do contrário já estaria naquele quarto de hotel sem graça assistindo séries velhas enquanto escolho algo para comer no aplicativo de entrega.

Além de lindo e talentoso, é divertido. Seu humor me arranca um sorriso genuíno que não dou há tempos.

— Sou chefe de todos aqui dentro. — ele solta um “uau” — E por isso não tenho hora para sair ou para entrar e sempre me ferro no final das contas.

Marcelo retira o meu blazer como fez na semana passada e o pendura em um cabideiro. Deito-me de bruços com os braços esticados na lateral do corpo. Não o vejo, mas sei que caminha pela sala.

Preciso desesperadamente da deliciosa sensação de ter meu corpo como novo, como me senti da outra vez.

Principalmente depois de ontem.

As crianças dormiram na casa dos meus pais. Apartamento vazio, marido mal-intencionado e cheio de planos. Rodrigo passou na minha sala para sairmos juntos, mas vendo que eu estava presa em alguns problemas, disse que iria para casa antes para preparar o jantar. Em “maridez” isso significa “serei bonzinho e mereço sexo como recompensa”.

Depois de uma reunião com o RH, consegui chegar em casa às 21h. Eu

estava morta de cansaço, cheia de coisas sérias na cabeça e desejando desesperadamente um banho quente. Estava...

Rodrigo sabe como me conquistar quando quer, ele me conhece como ninguém e vai exatamente no ponto certo. Fez risoto, comprou meu vinho favorito, colocou uma música ambiente e baixou as luzes. Foi como chegar no paraíso.

Tomamos banho juntos na banheira e fomos nos agarrando para a cama ainda molhados. Há muito tempo não me sentia realmente excitada, desejando por sexo. Meu corpo estava soltando fogos em comemoração.

Eu teria gozado se o meu celular não tivesse tocado no exato momento que comecei a sentir os primeiros tremores de prazer.

Se fosse qualquer outro número, não teríamos atendido, mas era o meu pai e eu sei que ele jamais ligaria se não fosse importante.

— Como foi a semana? — Marcelo pergunta enquanto gira o meu quadril. Encaro-o sem entender bem o propósito do seu questionamento — Quero saber se percebeu alguma mudança no seu corpo.

— Ah, sim! — como estou aérea — Eu me senti mais leve, percebi o meu corpo respondendo melhor aos meus comandos e o meu quadril não doeu por uns três dias.

— Depois voltou a ser como antes?

— Infelizmente.

— Isso é normal. — ele joga o peso do seu corpo sobre mim e sinto o estalo. É tão bom! — Seu corpo está acostumado com o mau posicionamento de algumas estruturas e com isso elas tendem a voltar para o lugar errado.

— São teimosas.

— São. — mais alguns estalos — E por isso precisamos manter as sessões por algum tempo, até que o seu corpo seja reeducado.

Viro de bruços novamente.

— Considerando que estou fazendo errado há quase quarenta anos, acho que a reeducação deve demorar.

— Isso é sério?

— O que? — olho-o por cima do ombro.

— É surpreendente que tenha quase quarenta. — Marcelo abaixa e se aproxima do meu ouvido — Ainda é uma garota.

Elogiar a minha aparência é golpe baixo.

— Isso não irá te garantir um aumento. — brinco.

— Sinto algumas regiões bem tensas aqui — ele aperta um ponto da minha coluna — e aqui. Passou por situações de estresse?

E quando não passo?

— Tirando o infernal balanço de final de ano, os gastos astronômicos que minha mãe julga indispensáveis para a confraternização de natal do hospital e o meu filho ter caído da casinha da árvore da minha família ontem às 23h... Nada de mais.

— Que vida movimentada.

— Se você entende isso por movimentada, sim. Eu chamaria de caótica.

Enquanto conversamos, ele manuseia os meus pés, reposicionando algumas estruturas. A sensação é incrível. Sinto-me leve.

— Seu filho está bem? — pergunta aparentando real preocupação.

Só de lembrar, meu coração acelera.

— Luiz, meu filho do meio, é agitado e gosta de qualquer coisa que o coloque em perigo. Puxou o pai. Ele subiu em uma antiga casa na arvore que fica no terreno dos meus pais e acabou caindo. Meu pai é neuro e achou por bem trazê-lo até aqui no meio da noite. Não foi nada sério, apenas uma luxação, em poucos dias ele estará bem.

Quando a sessão termina, Marcelo se abaixa diante de mim para calçar os meus sapatos. Será que ele faz isso com todos os pacientes? Não é que seja ruim, mas não sei se consigo me acostumar com isso.

Embora eu já tenha sentido os dedos de Marcelo sobre os meus pés, é diferente. Ele está de joelhos sentado em seus calcanhares enquanto afivela a sandália de tira ao redor do meu tornozelo. Permito-me admirar seu rosto jovem e viril enquanto está concentrado na tarefa, mas me perco no tempo e quando dou por mim, é ele quem me observa.

Olha-me como se me estudasse, então seu semblante muda, intensifica. Conheço o jogo da conquista. Quero desviar o olhar, cortar a conexão que cresce e fechar essa janela de erros que se abre diante de mim... mas não faço.

— Meus filhos. — o pensamento sai em voz alta.

Marcelo segura meus tornozelos depois de terminar, seus lábios em uma linha reta, refletindo.

— Quantos filhos você tem, Nina?

— Três. Dois meninos e uma mocinha, a caçula.

Perguntar sobre os meus filhos é o caminho certo para me fazer falar demais.

Para evitar estender o assunto, fico de pé, visto o blazer e pego a minha bolsa.

— Quantos anos eles têm?

— Felipe tem 9, Luiz 7 e Lia tem 3... quase quatro.

Marcelo olha para a bolsa em minha mão e depois sobe lentamente o olhar pelo meu braço passando por meus seios e colo. Quando finalmente chega ao meu rosto, suspira.

Que sensação constrangedora.

Tenho a impressão que irá dizer tudo o que seu olhar transmite, colocar para fora o que vejo agora em seus olhos. Tenho até medo de ouvir o que se passa nessa cabeça. Ficamos os dois imóveis nos encarando, até que me dou conta do erro.

— Meu marido está esperando por mim. — falo rapidamente na tentativa de reverter a situação — Obrigada por isso. Eu estava precisando.

Vou em direção à porta.

— Estarei aqui sempre que quiser.

— Acho que essa foi a última sessão. De agora para frente dezembro fica caótico por aqui.

Ele não diz nada, mas acena com a cabeça.

Saio do consultório mais uma vez com o coração na boca e sem olhar

para trás.

Mas que loucura estou caçando para a minha vida? Só pode ser efeito tardio do vinho de ontem.

— Nina, não vá por aí, por favor. — digo em voz alta dentro do carro — O que você está sentindo não é real. Não pode acontecer.

Dirijo até em casa de maneira imprudente. Não costumo agir assim, mas me sinto diferente por dentro. E não é só isso. Estar com Marcelo me deixou quente e cheia de pensamentos picantes. Por Deus, estou fervendo de desejo e molhada.

Que vergonha!

A casa está apagada e as crianças dormindo. Passa das 22h. meus filhos dormem cedo, é um costume que sempre incentivei. A luz do meu quarto está acesa e vou até lá tirando os sapatos no caminho.

Deitado em nossa cama, Rodrigo me olha por cima de um livro.

— Não te ouvi entrar em casa. Está tarde.

Tranco a fechadura e o meu gesto o surpreende. Só fazemos isso em dia de sexo.

— Você está cansado? — pergunto desabotoando minha camisa.

A cada segundo minha excitação aumenta mais e mais. Estou molhada, meus seios sensíveis por trás do sutiã e a necessidade crescente de ter um pênis adentrando em meu corpo, aquela deliciosa sensação da primeira investida, a mistura perfeita entre dor e prazer.

— Nem um pouco. — Rodrigo levanta da cama. Ele está usando uma calça de pijama verde musgo e nada na parte de cima. — Acho que estou com sorte hoje.

— Pode apostar que sim.

De quem é a sorte, não sei. O que sei é que estou louca de tesão e pronta para gozar a qualquer momento. Aposto que ele não se sentirá mal se for usado como ferramenta para o meu prazer, não é mesmo?

Pela ereção que já se apresenta, acho que não.

Rodrigo me agarra e eu seguro em seu pescoço, devoro sua boca

tomando a iniciativa e o controle da situação. Percebo sua resistência por estar surpreso, mas isso pouco me importa.

— O que fez com a minha esposa? — ele pergunta quando começo a ajoelhar distribuindo beijos pelo seu peito.

— Nem te conto...

De cócoras, puxo o cós da calça de Rodrigo para baixo, somente o suficiente para libertar sua ereção. Que pau maravilhoso! Está aí uma coisa da qual não posso reclamar, meu marido tem um belo membro.

Coloco a língua para fora e lambo da base até a cabeça, por fim engulo tudo deixando chegar ao fundo da minha garganta. Meus olhos lacrimejam, mas não desvio o olhar de Rodrigo, que está atordoado com o que ofereço a ele.

— Caralho, Nina! — ele geme e segura meu rabo de cavalo com a mão — Que delícia!

Continuo o trabalho.

Sinto-me a própria messalina entregue e pronta para dar prazer. A excitação passa pelas minhas veias como fogo, meu coração está acelerado e meu corpo vibra de desejo.

Marcelo... — o pensamento toma conta da minha mente.

Chupo mais forte e mais fundo. Tomo o pau inteiro em minha boca, lambendo e engolindo o máximo que consigo. É saboroso, firme e grosso. Preciso esticar os lábios para acomodá-lo. Vou até a base e tiro-o para lamber a cabeça vermelha. Uma gota escapa e eu a sugo.

— Me come! — imploro.

Pelo cabelo, mas sem usar a força que tem, Rodrigo me puxa para cima até que estejamos cara a cara. Sou içada e enrolo minhas pernas ao seu redor, enquanto com a outra mão ele apoia minha bunda. Vamos até a cama.

Quero ser jogada, presa contra a parede, fodida no chão. Quero força, intensidade e loucura. É isso que a loba dentro de mim necessita para sentir prazer.

Sou depositada cuidadosamente em nosso confortável colchão. O lençol de centenas de fios faz carinho na minha pele. Aconchegante e

confortável.

Eu não quero conforto. Quero violência!

Abro as pernas para ele, oferecendo-me descaradamente. Passo a mão direita pelo meu corpo indo do pescoço até os seios, depois a virilha para, então penetrar a cavidade pulsante. Coloco um dedo bem devagar e depois o outro sentindo a umidade escorrer entre eles.

Imóvel e com os olhos vidrados na minha boceta, Rodrigo mal respira.

— Me chupa. — peço.

Rodrigo fica de joelhos, usa as mãos para abrir minhas pernas bem amplo. Quando retiro os dedos, ele segura o meu pulso e leva minha mão a boca para lamber a lubrificação que os cobre.

Vou explodir!

Sou incapaz de manter os olhos abertos quando ele começa. É fantástico! Sua língua, sua boca e lábios me devoram de uma forma que não sei explicar. Permito-me ser devorada.

Estou tão perto. Estou chegando, posso sentir.

Oh, por favor!

Por que demora tanto?

— Que delícia! — as palavras saem da boca do meu marido, mas a voz na minha cabeça pertence a outro homem.

Ouçó Marcelo elogiar o meu sabor. É uma alucinação, estou vendo coisas. Vejo o seu rosto entre as minhas pernas e o seu sorriso safado ao enfiar a língua dentro do meu corpo.

É um gatilho. Não preciso de mais nada para mergulhar no prazer mais intenso, visceral e longo que já senti em toda a minha vida. O orgasmo é construído em camadas e vibra pelo meu corpo dos pés à cabeça e termina com um grito de libertação.

— Ah!!! Isso!

Quarenta minutos depois, estou deitada ao lado do meu marido na nossa cama. Ele dorme exausto e eu estou insone, com o coração acelerado e

os olhos arregalados no escuro.

Será que ele desconfiou de alguma coisa? Será que fará perguntas ao amanhecer?

Isso não pode se repetir.

Capítulo 6

— Terra chamando Nina do planeta das loiras avoadas.

Pisco várias vezes, recuperando minha mente que estava longe.

— O que foi?

— Está tudo bem? — pergunta Giu enquanto almoçamos no terraço.

— Sim.

Minha resposta não a convence. Eu e Giu nos conhecemos há tempo o suficiente para entender que quando uma não quer falar sobre algo, o melhor caminho é o tempo.

Foi assim ano passado, quando ela se comportou de maneira estranhíssima por dois dias e depois desapareceu, surgindo na outra semana com um aspecto arrasado. Ela disse que havia passado por um resfriado forte. Fingi acreditar no que ela disse e guardei minhas perguntas. Não precisei esperar muito tempo. Em uma semana ela estava deitada sobre as minhas coxas depois de tomar uma garrafa de vinho no chão da sala da minha casa e contar que havia feito um aborto.

Eu nunca esperei aquela revelação. Para ser sincera, não digeri até hoje. Giulia é mãe de uma jovem de vinte anos. Minha melhor amiga. Foi um baque, mas sequei suas lágrimas e ouvi suas justificativas. Não que importassem, mas porque ela precisava proferi-las e virar a página.

— O que acha de um vinho na sexta lá em casa? — diz ela ao ter minha atenção — Brandão ganhou uma garrafa de Romaneé-conti de um cliente depois de finalmente vencer um processo que se arrastava por anos.

— Não vou nem perguntar o valor do processo.

— Muitos zeros. O cara é um pecuarista riquíssimo, dono de metade do mundo.

Espero que o meu sorriso desanimado não passe uma má impressão. Giulia é uma ótima companhia, mas eu não estou das melhores depois de ontem.

Reagir como reagi, me sentir como me senti. Eu desejei estar com outro homem, fantasiei de fato como se o meu corpo fosse tomado por ele. Traí o meu marido... mentalmente, mas traí.

— Vou falar com o Rodrigo e te aviso.

— Tudo bem.

Concentrar-me no trabalho é um desafio. A cada página, linha ou cálculo, as lembranças voltam a minha mente me fazendo reviver as sensações. Um inferno.

Fingi não perceber, mas vi o olhar surpreso de Ierlane quando me viu deixar o meu escritório antes do horário normal. Em outras circunstâncias, em dezembro só saio arrastada ou quando não há mais luz do sol.

— A senhora retorna ainda hoje, dona Nina?

— Não. — chamo o elevador — Se for algo urgente, estarei no celular.

Passo a tarde descalça em casa, usando apenas um pijama velho de frente para a tv. Busco as crianças na escola, dispenso a empregada e faço o jantar. Tudo na tentativa de me reencontrar com uma Nina que não sei onde perdi. O desespero de voltar a me sentir eu mesma.

Refleti, ponderei. E olhando para dentro de mim entendi que o problema não é o desejo que senti por Marcelo, mas sim o que não tenho sentido por Rodrigo. Nossa relação está desgastada e nenhum dos dois está disposto a olhar para ela com o carinho de antes.

O sofá da sala de televisão fica pequeno para nós cinco, mas o prazer de estarmos juntos supera qualquer coisa.

Felipe, que é mais agarrado comigo, assiste o filme enrolando os dedos em meus cabelos. Luiz e Lia brigam por espaço no colo do pai. Uma farra regada a pipoca e brigadeiro de panela.

— O que estamos comemorando, mamãe? — Luiz pergunta enquanto tenta equilibrar o máximo de pipocas em sua pequena mãozinha.

Eu e Rodrigo nos entreolhamos. Assim como eu, ele sabe que as crianças têm notado o nosso distanciamento.

— Somos uma família unida. — digo — Não precisamos de mais motivos para comemorar, Lipe.

— Com brigadeiro! — grita Lia no colo do pai.

— Papai vai roubar esse docinho dando sopa aqui. — Rodrigo abocanha a colher que Lia segurava — Hum!

Será que meus filhos percebem que eu e o pai deles não trocamos duas palavras nesse tempo todo que estamos aqui?

Lembro-me pouco da minha primeira mãe. Quase nada na verdade. Mas me lembro muito de ser quase da idade de Lia e perceber a mudança da atmosfera da casa com a chegada de Sarah, minha mãe do coração, a única que verdadeiramente me viu como filha.

Um dia, quando eu tinha uns cinco anos, acampamos no jardim de casa. Teve fogueira, marshmallow, sacos de dormir e histórias. É uma das minhas mais gostosas lembranças.

Meus pais sempre estavam de mãos dadas, há todo momento havia carinho e contato entre os dois. Aquilo me passou a segurança que eu precisava.

Acho que não temos dado o mesmo aos nossos filhos.

Duas horas depois, eu e Rodrigo carregamos os corpinhos adormecidos para seus respectivos quartos.

Rodrigo dorme profundamente ao meu lado. Eu não tenho a mesma sorte.

Depois que nossos filhos adormeceram, troquei a pipoca e o brigadeiro por duas taças de vinho e o chamei para curtir um momento a sós na varanda e admirar a cidade iluminada.

Não basta ter um casamento, é preciso alimentá-lo. Eu repeti isso para mim mesma a noite inteira.

As pessoas costumam me parabenizar e dizer que tenho o marido dos sonhos, um casamento perfeito. Muitos até invejam a nossa relação. Decerto vestimos bem o personagem da porta para fora.

A paz sob o céu estrelado não durou vinte minutos.

Sem me consultar, Rodrigo combinou com amigos uma viagem para a praia no final de semana. De sexta a domingo seis casais dividirão uma casa no litoral no sentido mais “good vibes” possível. Não é um problema, apesar

de não ser o meu programa favorito. Seria até bom, se as crianças não estivessem em época de provas finais e eu em mês de balanço.

Tentei argumentar, reclamei por ele agendar programas sem me consultar e aí se deu o caos. Em briga de casal sempre aparecem adendos e fatos antigos que são inflamados por fatores externos e anos de convivência. Qualquer pessoa casada sabe do que eu estou falando.

Como isso é desgastante.

Sem enxergar o fim da discussão, disse que ele deveria ir sozinho, já que não se importava com os compromissos dos demais membros da família. E o que ele disse? Disse que seria melhor mesmo e que precisa de um tempo livre em paz.

Ele precisa de paz? Essa é boa!

Minha vontade foi de voar no pescoço dele, mas me contive. Pelo amor de Deus, o que ele quer dizer? Às vezes eu acho que só nos suportamos pelas crianças, as vezes acho que somos o casal mais feliz do mundo.

Não sei o que pensar.

Os dias passam. Dias iguais, mais do mesmo e dentro de mim aquela vozinha vinda direto dos lábios do capiroto plantando ideias ruins. Meus sonhos são impronunciáveis, e tão reais.

É SEXTA-FEIRA À NOITE, estamos na casa de Giu tomando uma taça de vinho e petiscando queijos e embutidos. Brandão adora receber e papear noite à dentro.

Mais cedo, logo depois de deixar as crianças nos meus pais, eu estava me arrumando para vir. Estava sozinha em casa, angustiada pelo meu marido ter saído do trabalho direto para a estrada sem ao menos se despedir. Os últimos dias foram uma tarefa de resistência, cada um para um lado, dormindo de cara virada. As vezes uma fagulha é o bastante para causar um incêndio.

Enquanto eu terminava de fechar a minha sandália, Rodrigo apareceu, com cara de Madalena arrependida, carregando de volta sua mala. Não perguntei nada, apenas esperei que trocasse de roupa, entramos no carro e viemos em silêncio até aqui.

Quem olha para nós dois sentados felizes e sorridentes, não imagina o que acontece ou o que não acontece dentro de casa.

Como na maioria das vezes, jogamos o problema para debaixo do tapete e deixamos ele lá.

— E vocês, pararam na primeira? Lia está esperando um amiguinho até hoje.

Engulo seco o comentário de Rodrigo. Nem ele e nem Brandão sabem do que aconteceu no ano passado. Giu me encara através dos cílios e respondo com um discreto erguer de sobrancelhas. O vinho mal passa pela minha garganta.

— Não foi por falta de ação, meu amigo. — Brandão responde, abraçando Giu pela cintura — Mas a dona aqui colocou um limite, disse que se não acontecesse até o ano passado, desistiria. Fechamos a fábrica.

É impossível não me sentir mal, afinal eu sei algo que ele não sabe. Pior, eu sei de algo que ele deveria saber e não eu.

Brandão e Giu são casados há vinte anos. Com o trabalho intensivo como advogado, ele negligenciou a família por muito tempo, mas isso mudou quando se separaram há uns quatro anos atrás. Depois de muita terapia, decidiram tentar novamente, porém, com regras claras sobre o excesso de trabalho e momentos juntos. Na época eu estava grávida de Lia e quando ela nasceu, Brandão disse que eles tentariam mais um filho.

Não sei se esses eram os planos da minha amiga.

— Estamos na idade de aproveitar a casa vazia. Brunella já está na universidade, nós temos uma vida confortável. Vê se vou querer começar do zero depois dos quarenta, amor.

— Seria bom. — ele responde — Quando Brunella nasceu não tínhamos dinheiro nem para fazer o enxoval, eu era um fodido aceitando qualquer coisa que aparecesse. Hoje faríamos as compras em Miami.

Giu gargalha e beberica a sua taça.

— Não seja por isso, leve-me para fazer compras em Miami e faremos uma segunda lua de mel, meu anjo. Quer motivo maior para comemorar do que ter-me como esposa por todos estes anos? Você é um sujeito de muita

sorte.

— Claro que levo. — Brandão beija o pescoço da esposa — Sou mesmo um homem de muita sorte.

Rimos juntos. Eu sorrio olhando para Rodrigo e aproximo o meu rosto do seu na esperança de receber um gesto de carinho, como o que nossos amigos acabaram de trocar, mas isso não acontece. Ele simplesmente não percebe a minha necessidade de ser bajulada.

É disso que sinto falta.

Até quando nos sentamos para assistir um filme juntos, permanecemos separados. Céus, há quanto tempo não nos beijamos fora da cama? E não falo de bitoquinhas, selinhos. Falo de beijo de verdade.

— O que aconteceu com a gente? — pergunto assim que entramos em casa. Fizemos o caminho de volta em silêncio — Somos dois estranhos dividindo a mesma cama. Nem se quer nos beijamos mais.

Já passa das duas da manhã.

— Claro que nos beijamos.

Deixo minha bolsa sobre a mesa de jantar, vou até a cozinha e encho um copo com água. Quando retorno, ele está jogado no sofá com os sapatos sujos sobre o estofado.

— Acho que você não entendeu. — começo com paciência — Só nos beijamos na cama. Um selinho de boa noite ou um beijo mais profundo durante o sexo. Eu quero beijos na vida, no meio do dia. Sei lá... Lembra quando almoçávamos juntos na minha sala.

— Nina, isso tem mais de cinco anos. Nossas vidas mudaram muito desde então.

— Porque deixamos mudar, Rodrigo. Estamos longe um do outro.

Ele bufa e cobre o rosto com o braço.

— Essa conversa tem que ser agora?

Como vou conversar com alguém que não quer me ouvir.

— É disso que estou falando.

Impaciente, ele se levanta e anda em minha direção, parando dois

passos antes.

— Você quer um culpado pelo fim do nosso casamento e está tentando jogar esse peso sobre mim. Não se engane. Sabe como é ser casado com a toda poderosa do hospital? Ser subordinado à mãe dos meus filhos e ainda perder a minha esposa todo final de ano, porque ela é incapaz de delegar funções?

Fim do nosso casamento?

— Rodrigo...

— Você é centralizadora, Nina. Quer resolver os problemas de todo mundo, supervisionar tudo e controlar cada detalhe. Pena que isso negligencia todo o resto.

— Não pode estar falando sério.

— Mas estou.

Respiro fundo.

— Então você acha que o nosso casamento acabou. Não tem mais jeito?

Irritado com a minha insistência, ele senta e esfrega o cabelo com as mãos.

— Podemos encerrar por aqui, Nina? Está tarde, bebi mais do que deveria. Estou cansado.

Sento-me ao lado dele.

— Quero voltar ao que tínhamos antes, Rodrigo. Vou considerar o que disse e tentar melhorar. Mas também tenho as minhas queixas. — abaixo o tom de voz — Não estou pedindo muito. Precisamos nos reaproximar, conversar mais, ter um tempo juntos. Quero me sentir desejada, devorada... na cama.

A reação dele a minha última frase é muito pior do que eu esperava. Ele se ofende, muda imediatamente de postura e arregala os olhos.

— Está dizendo que sou ruim de cama?

— Não! Estrou dizendo que... que preciso de mais empenho para me entregar.

A essa altura a conversa virou discussão. Rodrigo fica de pé, de costas para mim. O arrependimento é instantâneo. Eu não deveria ter dito nada.

— Se entregar? Desde quando você se entrega, Nina. — sorri ironicamente — Está sempre cansada, sempre apática e seca. Você não sabe o que é se entregar na cama.

— Como é?

Suas palavras me magoam profundamente. A visão dele é o oposto da minha e não conseguimos nos entender.

— É exatamente isso. Nosso último sexo foi o melhor em anos. O melhor em muitos anos. Olha... eu entendo que tem o trabalho e as crianças, mas eu também tenho as minhas necessidades. Você quer falar sobre necessidades? Não é só o homem que deve investir no sexo, Nina.

— Eu sei...

Não consigo me expressar. As palavras dele me magoaram e penetraram fundo em minha cabeça, de tal forma que só desejo me esconder e lambe minhas feridas.

— Eu vou dormir no quarto do Felipe. — digo, magoada.

— Será assim?

— É melhor, antes que as coisas piores.

Estou no corredor quando o escuto dizer:

— Eu deveria ter ido para o litoral.

Capítulo 7

O meu casamento já passou por algumas crises, mas nenhuma como a que estamos enfrentando atualmente. Quando Lia nasceu, os meninos ainda eram pequenos e minha casa lembrava muito mais uma creche do que um lar. Eram fraldas, brinquedos, chupetas e mamadeiras para onde quer que se olhasse.

Rodrigo estava terminando o mestrado e mal tínhamos tempo de nos ver ou conversar sem que o assunto fosse os nossos filhos ou o quanto estávamos esgotados.

Obviamente com ajuda é tudo mais fácil. Tenho uma funcionária e na época tinha uma babá para auxiliar, mas nunca gostei de gente de fora dentro da minha casa. Fico incomodada e me sinto sem privacidade.

Mas nada é para sempre. O tempo passou, as coisas se ajustaram e as crianças foram para a escola. Quem cuida de dois, cuida de três. Foi isso que repeti para mim mesma no primeiro ano.

Esta semana tudo parece contribuir para que nos distanciemos mais e mais. Depois da briga de sexta, Rodrigo saiu logo cedo no dia seguinte. O filho da mãe não teve a coragem de conversar, deixou um bilhete avisando que iria viajar com o pai para conhecer uma nova propriedade no interior. Meu sogro está em busca de um local para desfrutar da aposentadoria.

Não liguei, não mandei mensagem. Fingi total indiferença, quando na verdade estou profundamente magoada com o que ele disse e com o seu descaso. Ele não se importa mais.

Passei o fim de semana adiantando o trabalho em casa. O apartamento vazio foi bom para focar nos gráficos do hospital, mas o silêncio pareceu cavar um buraco em meu coração.

Ainda bem que a semana recomeçou.

Deixei as crianças na escola com a promessa de fazermos uma noite de filme e brigadeiro. Eles amam uma farra. Como Rodrigo ainda não retornou, enviei uma mensagem o comunicando. Ele visualizou, mas não respondeu.

Guardo o celular ao ouvir duas batidas a porta. É horário de almoço e minha secretária não está no seu lugar.

— Entre.

— Oi! — surpreendo-me com a visita — Desculpe se te atrapalho. Sua secretária cancelou a sessão de amanhã e as próximas. Aconteceu alguma coisa?

Por que ele está aqui?

Escondida por trás do meu computador, esfrego as mãos sobre as coxas. Eu não esperava por isso. Mais cedo, quando cheguei, pedi a Irlane que cancelasse as próximas sessões de quiro. Pensei muito durante do fim de semana e cheguei à conclusão que é o melhor.

Ontem eu me toquei, senti a necessidade de satisfazer o meu corpo. Depois de duas taças de vinho, achei uma posição confortável na cama e fiz o que não fazia há um longo tempo. Foi como visitar o paraíso e depois cair de um cavalo. O maldito rosto desse homem que veio a minha mente a todo momento, do início ao fim. A voz dele, as mãos dele. Eu gozei pensando em outro homem.

Preciso cortar o mal pela raiz.

— Marcelo... — visto-me com a minha versão mais segura — Eu já sabia que seria difícil por conta dos meus horários. Obrigada por vir até aqui, mas realmente precisarei cancelar.

Mantenho-me firme. Quanto antes ele for embora, melhor.

— É uma pena. — diz ele, com os olhos fixos nos meus e aquele semblante sempre cheio de promessas e desejos — Você parece tensa, Nina.

Ele caminha pela minha sala, contorna a minha mesa e se aproxima sem se quer pedir permissão. É um intrometido. Não me movo, permaneço sentada em minha cadeira com as mãos sobre as pernas. O que ele pensa que está fazendo?

— Permita-me pelo menos ajudá-la por uma última vez.

— O que você?... — ele me pega pela mão e me conduz até o meio da sala.

Não sei porque, mas vou como uma boneca de pano. Paramos no meio

da minha sala, onde um tapete persa vermelho decora o ambiente. Marcelo me encara e sorri, satisfeito.

— Deite-se.

— No chão?

— No chão. — fala com convicção.

O que estou fazendo?

Deito-me no meio do tapete com as pernas unidas. O meu vestido preto de corte reto vai até o joelho e não revela quase nada do meu corpo, mas me sinto nua diante desse homem atormentador.

Marcelo vai até a porta e a tranca. Isso está errado de tantas maneiras. Meu coração acelera de tal forma que ouço os batimentos em minhas orelhas. Eu deveria sair daqui ou por fim neste circo.

— Vamos tirar isso. — ele se ajoelha e começa a tirar os meus sapatos, primeiro um e depois o outro sem pressa.

O que estou fazendo deitada no chão da minha sala? Preciso agir e pará-lo imediatamente. É isso que farei agora.

— Seus pés são lindos. Amo unhas vermelhas nos pés, é sexy.

Dedos quentes e firmes apertam meus pés e meus tornozelos. O simples toque transmite erotismo e posse. Em nada se assemelha com uma massagem. Ele não veio como profissional, mas sim como homem.

Meus seios sobem e dessem acompanhando a respiração ofegante que não consigo controlar. O gosto do proibido, o sabor do pecado instiga a curiosidade. Não é fácil declinar a oferta.

Quase lamento quando ele se afasta e fica de pé. Do alto, me olha dos pés a cabeça lentamente passando por todo o meu corpo. seus olhos transmitem luxúria. Eu vejo o quanto me deseja.

Não movo um músculo, imóvel observando Marcelo caminhar ao redor do meu corpo como um tigre pronto para atacar. A todo momento me questiono e me condeno.

De que importa a consciência do erro se não coloco um ponto final?

— Por que cancelou as sessões, Nina? — pergunta.

— Estou muito atarefada.

Ele sorri com deboche.

— E a verdade?

— É a verdade.

Ele está jogando comigo.

— Por que cancelou as sessões realmente? — ele paira de pé sobre mim. Uma perna de cada lado do meu quadril — Eu sei o que está acontecendo, mas gostaria de ouvir da sua boca.

Eu sou a presa, a caça e ele o predador. Quanto mais fujo, mais ele me quer. Ou será que sou eu que desejo ser caçada?

Seus olhos não saem de mim e isso me excita. Esfrego as pernas discretamente, deixo o ar entrar em meus pulmões e expandir meu peito. O que vejo entre suas pernas é uma ereção?

Não posso passar daqui...

— Não sei do que está falando.

Tento me levantar, mas ele é mais rápido e coloca o seu corpo sobre o meu.

Marcelo monta sobre mim, parando sentado em minhas coxas. Com as mãos, ele segura meus pulsos, um de cada lado da cabeça. Minha respiração acelera e um grito para na base da minha garganta, impedido de sair pelos lábios exigentes que tomam os meus.

É um beijo devasso, impuro, pervertido de tal forma que eu jamais havia experimentado na vida.

Fiquei parada, permitindo que levasse de mim o que quisesse, até que houve um encaixe perfeito, e sem precisar de ensaio respondi na mesma intensidade.

Sua ereção se tornou indisfarçável. Não que ele pretendesse esconder ou disfarçar. Esfregando-se contra mim, ele moía nossos quadris e esfregava o meu juízo para longe.

Marcelo morde a minha boca, beijando além dos meus lábios. Sua língua empurra e invade minha boca entrando quente e molhada até encontrar

aminha.

Estou muito ferrada.

Logo meus braços não o empurram, minha boca se abre, minha língua dança com a dele e meus lábios o sugam. Contorno seu pescoço com meus dedos, puxando para perto, tomando mais e mais. Sinto seus lábios se curvarem em um sorriso.

— É por isso que não me quer por perto? — não consigo responder com ele esfregando seu pênis em mim.

A fina calcinha pouco faz para me defender. O tecido áspero estimula ainda mais os meus nervos. É gostoso. Deixo escapar alguns gemidos enquanto ele continua. Sentir seus olhos contemplando o prazer que atravessa o meu rosto, só piora.

Gosto de como me olha. Gosto do desejo que sente por mim. Quero que veja e admire o meu prazer como se fosse um espetáculo.

Ouçoo passos baixos pelo corredor. Os funcionários começam a retornar do almoço.

O que eu estou fazendo?

Empurro-o com toda a minha força, mas sou fraca. O desejo do meu corpo é infinitamente maior do que a razão. Quando Marcelo me empurra para baixo e enfia seu corpo entre minhas pernas, mal contenho o gemido. Sua ereção se encaixa em mim.

— Pare de fugir.

Viro o rosto para escapar do beijo, mas ele segura o meu queixo.

— Eu sou casada.

Se ele não tem meus lábios, vai para o pescoço e para a orelha. Falta-me ar.

Oh, Deus...

— Não será isso a me impedir.

Ele segue o seu caminho e desce distribuindo beijos e mordidas pela minha clavícula, colo e seios. Por cima do vestido, morde o meu mamilo. Murmuro em satisfação.

— Você está molhada, Nina? Sua boceta está pronta para mim?

— Não.

— Será?

Apoiado no cotovelo direito, Marcelo engue o meu vestido com a mão esquerda. Seus olhos focam em um ponto entre minhas pernas, então sobem zombeiros. A expressão é de puro pecado. Tudo nele me excita, a postura, seu rosto másculo, o olhar pervertido, a malícia. Solto o ar quando dedos longos e grossos mergulham em minha calcinha, passando por meus pelos até chegar no centro.

— Melada. — diz sem pudor. — Uma boceta melada e quente. Pronta para eu me enterrar até as bolas.

Oh, céus!

— Marcelo...

— Xiii! Fique calada. — ele enfia dois dedos dentro de mim e eu grito — Eu não me importo se puderem te ouvir lá de fora, mas acho que você sim.

Cubro a boca com as mãos.

Seus dedos entram profundamente e saem lentamente três vezes. A sutileza não dura muito e não combina com ele. Seu polegar cobre meu clitóris, fazendo círculos enquanto os dois dedos me penetram rapidamente.

Quero gritar. O prazer me faz gemer e meu corpo ondular. Só com os dedos ele me tem alucinada no chão do meu escritório. Do lado de fora as pessoas trabalham e eu... não me importo. Tudo o que sei agora é que vou gozar.

Marcelo não desvia seus olhos de mim. Sinto-me constrangida, mas não tenho forças para lutar contra o que nasce dentro de mim. É forte, intenso e fora de controle. Movo o quadril para frente e para trás, respiro com dificuldades, quase não consigo conter os gemidos com as mãos. Vou explodir!

— Ainda não.

Filho da mãe!

— Não, por favor...

Marcelo se ajoelha entre as minhas pernas abertas e sem qualquer delicadeza, arranca o meu vestido por cima da cabeça e rasga a minha calcinha. É violento. Brutal. Estou nua, mas ele permanece completamente vestido. Com o queixo, ele segura a barra da camisa e puxa o cós da sua calça de elástico para baixo, libertando o pênis. Engulo seco. É grande, muito grande.

— Vai gozar no meu pau. — ele segura a base da minha nuca e me puxa — Fique de quatro para mim, Nina.

Obedeço. Estou tão excitada, tão molhada que faria qualquer coisa. Apoio minhas mãos e joelhos no chão, sem muita certeza do que estou fazendo.

Acho que vou cometer o pior erro da minha vida.

— Cotovelos no chão. — faço — Agora empine essa bunda o máximo que conseguir. Arreganhada, ofereça esse rabo a mim. — ele enfia o rosto entre minhas pernas e lambe da boceta até o ânus, enfiando a língua lá atrás.

Curvo minha coluna, empinando ao máximo. O desconforto não chega aos pés do tesão. De joelhos atrás de mim, Marcelo dá um tapa na minha bunda e se posiciona melhor.

— Isso é um erro. — não se importando, ele me penetra. Grito — Um erro enorme.

— Vou te mostrar como os erros podem ser gostosos. — outro tapa — Toma!

A maneira exigente que me toma é alucinante. Marcelo é bruto, forte e intenso. Freneticamente ele me penetra, mais e mais, enfiando tudo o que tem e me levando ao limite, quase dor. Não posso gritar. Não posso!

— Vou te comer em todos os lugares. — seu pênis me expande. Entra, sai, vai fundo — Vou te chupar nas escadas de emergência até te fazer gozar na minha boca.

Investida a investida, ele destrói todas as minhas barreiras, me levando a loucura de tal forma que não contendo alguns gemidos. Esqueço onde estamos, mergulhando no prazer.

Oh que pênis maravilhoso! Vou explodir.

Estou molhada, escorrendo e pulsando ao redor dele que simplesmente não para nunca. Vai fundo, mais fundo. Não vou aguentar.

— Assim! — diz ao me puxar pelo cabelo até que esteja com a boca em minha orelha — Estou te sentindo. Que delícia!

Sem poder conter, gozo.

— Não pare! — tento não gritar, mas talvez tenha falhado.

Ele continua sem piedade. Entra e sai como uma máquina perfeita enquanto o meu orgasmo acontece. Vou do céu ao inferno em rodopios.

Depois do meu prazer se esvair de mim, quase desmonto, mas Marcelo me sustenta.

Ele não para.

Entra e sai.

Mete sem pena.

Mais e mais. Estou a ponto de implorar por uma pausa, quando sinto o primeiro jato quente dentro de mim.

A camisinha...

Não usamos preservativo.

Marcelo estremece dentro de mim. Mais dois jatos são derramados até que ele desmonta colocando todo o seu peso sobre o meu corpo e ficamos os dois sobre o tapete. Exaustos, suados, melados por fluidos corporais. Não tenho certeza se ainda estou viva.

Eu acabei de transar com outro homem, um funcionário do hospital. O pênis dele ainda está dentro de mim.

Fecho os olhos, consciente do que acabou de acontecer.

O formigamento na ponta dos meus dedos é em consequência do orgasmo avassalador que tive. Isso já aconteceu antes e eu gostava muito. Senti falta da sensação.

Olho para o piso perfeitamente limpo, para o pé dos móveis. Nunca vi minha sala por este ângulo antes.

O pênis de Marcelo dá sinal de vida dentro de mim. Sinto-o inflar mais

uma vez. Como consegue tão rápido?

— Sua boceta quente está me deixando pronto para outra. — diz, com a rouquidão pós sexo, esfregando o rosto em meu cabelo.

É tão bom! Aperto-me ao redor dele e gememos juntos. Aos poucos Marcelo recomeça os movimentos, empurrando para dentro de mim e expulsando seu sémen que me enche. Sinto o líquido escorrer pelas minhas pernas.

— Precisamos parar. — nem eu acredito no que estou falando — Minha secretária logo vai... — ele empurra mais fundo — Seja rápido.

Oh, merda! Que delícia!

— Vamos tentar assim.

Marcelo retira o seu pênis e pincela o membro molhado em minha bunda. Contraio a entrada instintivamente. Sexo anal não é um tabu para mim, mas nunca foi o meu favorito.

Excitada como estou, pouco reluto.

Ele empurra enquanto eu brinco com meu clitóris e relaxa para facilitar a sua entrada. É tão errado. É tão gostoso.

— Isso! Deixa eu entrar nesse cuzinho, Nina. Abre.

Marcelo senta sobre mim e segura a minha cabeça firme no chão. Com as duas mãos, separo minhas nádegas.

A cena crua e voraz me excita ainda mais. Pervertida, dominada, fodida contra o chão sem qualquer cerimônia, estou assustadoramente satisfeita e desejosa.

O pênis enorme de Marcelo entra e sai da minha bunda provocando arrepios dos pés a cabeça. Meus dedos aceleram e ele intensifica as investidas. Algumas doem, outras me obrigam a conter gritos de prazer. Luxúria pura.

Quando o orgasmo vem, sufoco o gemido com a mão. Meus dedos cheiram a sexo sujo.

— Adorei comer o seu cu, Nina! — posso sentir Marcelo sorrir satisfeito ao sussurras com malícia em minha orelha.

“clack...clack...clack”

Meu coração para e minha alma sai do corpo.

Alguém está tentando abrir a porta da minha sala. Meus Deus!!!

— Por que a porta da sala da Nina está trancada? — ouço a voz perguntar do outro lado da porta.

É o Rodrigo.

— Acredito que ela ainda não tenha voltado do almoço, doutor Rodrigo. — Ierlane responde.

— Você tem uma chave reserva? — a voz é distante, mas consigo compreender a pergunta.

A minha vida acabou!

Capítulo 8

Duas horas antes

— Você não veio aqui para ficar mexendo no celular, não é?

— Não.

Continuo com os olhos fixos na tela do telefone, olhando fotos aleatórias de Nina e das crianças. Minha família.

— Podemos começar por adivinhações. — os olhos de Marco se estreitam em minha direção — Fez alguma merda no hospital? Matou alguém?

— Claro que não.

Matteo, que está perto da janela descascando uma tangerina, sugere:

— Quer fazer uma surpresa para a sua mulher? Precisa de ajuda?

Isso será mais difícil do que eu esperava.

— Antes fosse...

Ficamos os três dentro da sala de Matteo por um longo tempo. Meus dois cunhados e amigos me encarando impacientemente minuto a minuto enquanto os pensamentos me consumiam.

— Porra, Rodrigo! Tá de sacanagem? — Marco se debruça sobre a mesa — Cospe logo essa merda, antes que eu acredite no que está passando pela minha cabeça.

— Talvez você devesse acreditar. — rebato.

Marco e Matteo trocam olhares cínicos, mas logo percebem que o meu silêncio confirma suas suspeitas.

— Quem é a mulher? — Matteo pergunta, sério — Trabalha aqui?

— Não é ninguém. Foi só uma vez... não foi nada demais.

— Se não foi nada demais, por que está nos contando isso? Filho da puta, se não fosse nada era para enterrar e esquecer e não envolver mais gente. Ela ainda é a nossa irmã.

Solto o ar com força. Estou perdido, irritado comigo mesmo e arrependido de tudo.

— Eu não sei. Sinceramente não sei, mas eu precisava falar com alguém. Vocês são meus amigos...

Marco dá um soco na mesa.

— Mas somos irmãos dela, porra! Como você conta uma merda dessas assim? — Marco se levanta e vai até o irmão — Não sei você, mas eu nunca nem estive aqui. Não ouvi nada e não sei de nada. Quando essa merda estourar, e vai estourar, vai respingar para todos os lados.

Não posso julgar a reação do meu cunhado. Talvez eu faria o mesmo se fosse o contrário. Considero muito o Marco e sei que ele já perdeu demais para se arriscar assim por mim.

— Desculpe, Rodrigo, mas se eu te ouvir terei que me posicionar. — ele me encara, leva a mão a boca como se não quisesse continuar falando — Não posso ficar do seu lado sobre isso. Pelo bem da nossa amizade e pelo bem do meu relacionamento com a minha irmã, vou ficar de fora.

Dito isso, ele sai.

Eu deveria rir. Quem trai a esposa e desabafa com os dois irmãos dela?

Olho para Matteo sem coragem de continuar.

— Pode ir. Vamos fingir que eu não falei nada com vocês. Só esqueçam.

— Marco não está errado. Damaris e Pérola são amigas de Nina, e elas nos matariam se acreditassem que acobertamos algo assim.

Não lembro de ter visto Matteo tão enfurecido desde que éramos jovens. De onde está, ele me encara com seus olhos azuis gelados por trás dos cílios escuros. A testa franzida e os lábios rígidos entregam o que pensa.

Solto o ar, exausto.

— Eu também não gostaria de ter ouvido isso. Te odeio por me colocar nesta situação, mas você ainda é parte da família. Nessa família seguramos as merdas uns dos outros.

— Obrigado, cara.

— Dê um tempo ao Marco, ele vai te apoiar quando a raiva passar. — ele pensa um pouco — Nina é nossa irmã mais velha, Rodrigo, nossa única irmã. E ainda tem as crianças.

Tentei ignorar, mas a menção aos meus filhos fez brotar um nó em minha garganta.

— Estou realmente arrependido, Matteo.

— Espero que sim. — ele sai da janela e toma o lugar a minha frente do outro lado da mesa — Quer desabafar? Vá em frente, sou todo ouvidos.

Recosto na cadeira e deixo o peso da culpa cair sobre mim.

— Não estamos bem há um tempo, um longo tempo. — esfrego as sobrancelhas pensando em nossas brigas — Algo mudou entre nós. As brigas são cada vez piores, recorrentes e quase sempre sem uma razão real. Praticamente nos suportamos e dividimos a mesma cama.

— Só dividem?

Falar de sexo com o irmão da minha mulher não estava nos meus planos, mas considerando a situação...

— Praticamente.

Matteo fica visivelmente desconfortável com o rumo da nossa conversa.

— Vocês estão juntos há bastante tempo e fases ruins são comuns em casamentos longos, Rodrigo. Já conversaram sobre isso?

— Até conversar é difícil quando a relação está desgastada.

— Não suspeitei que estivesse tão ruim. — Matteo suspira — Nem mesmo imaginei que estivesse ruim.

— Fingimos bem.

Não é uma qualidade que eu gostaria de ter, mas desenvolvemos com o tempo e a prática. Quando se trabalha no mesmo ambiente e com famílias tão próximas a gente apende a manter as aparências.

— Quer falar sobre... o que aconteceu?

— Fui com meu pai visitar algumas propriedades no interior. Foi uma viagem rápida e voltamos na noite de sábado, nem mesmo deveria ter

dormido fora de casa, mas eu e sua irmã havíamos brigado na sexta à noite e antes disso também. Foi uma decisão idiota.

Vendo a minha relutância em continuar, Matteo diz:

— Fale de uma vez, Rodrigo. Não vou te julgar. — olho-o incrédulo — Já te julguei o suficiente. Agora só estou como ouvinte.

Meus olhos percorreram toda a sala, procurando as palavras certas quando na verdade não existiam. Erros tão grotescos não podem ser amenizados.

— Fui a casa de um amigo para conversar e esfriar a cabeça. Ele não seria a minha primeira opção, mas todos os outros estavam no litoral. Chegando lá, ele não estava. Acabei entrando e conversando com... outra pessoa.

É tão difícil.

— Nós... Conversamos muito, desabafei, reclamei bastante. Ela me deixou confortável para falar e foi uma excelente ouvinte. Era para ter terminado aí.

— Mas não terminou?

Nego com a cabeça.

— Ela abriu um vinho e bebemos juntos. Acho que os dois precisavam colocar problemas para fora e afundar as frustrações no fundo de uma garrafa.

— E por fim, você se afundou foi no meio das pernas dela até as bolas.

Fico sem palavras.

Matteo não é o tipo de homem que fala rasgado ou se comporta de forma grosseira. Ele simplesmente não faz essa linha. Matteo é formal e educado demais para demonstrar irritação.

Hoje conheci outro Matteo. Vejo que tenta, mas não consegue esconder o quão puto está comigo.

Só não se se o motivo da raiva é o que eu fiz ou o fato de tê-lo arrastado para a história.

— Bem resumidamente, foi isso. — admito.

Tenho tantas razões para me sentir um grande filho da puta. Errei com minha esposa, com minha família, com meu amigo. Errei comigo mesmo e enfiei os pés pelas mãos. Não consigo olhar nos olhos das pessoas por me sentir um lixo.

— Vai contar a ela? — Matteo pergunta.

— Não sei se tenho coragem para isso, Matteo.

Por um longo tempo não dissemos nada, nem uma única palavra. O telefone da mesa tocou algumas vezes, mas Matteo deixou claro que estava em uma reunião urgente, depois tirou o fone do gancho.

As lembranças da noite passada estão vivas em minha mente. Muito mais vivas do que eu gostaria que estivessem. O toque amigo em minha coxa, nossos olhares se cruzando, a blusa dela que mostrava muito mais do que deveria quando se curvou em minha direção.

Vi os mamilos, mas não desviei. Foi o meu primeiro erro, uma total falta de respeito com todos os envolvidos. Mas não fui o único a errar, percebi isso quando voltei minha atenção ao rosto dela. Ali ficou claro a satisfação que ela sentiu ao ser desejada por mim.

A partir do “sim” velado transmitido pelo olhar, não houve empecilho. As roupas estavam fora em um segundo. O novo é estimulante e divertido. Nós dois experimentamos e desfrutamos um do outro cheios de curiosidade e dedicação. Pela entrega, aposto que ela também não se satisfazia plenamente há tempos.

Assim como eu.

— Acho que você não deveria contar. — Matteo fala, contrariado — Talvez não nesse cenário, é o que quero dizer. Invista na relação de vocês, tente melhorar o que está errado e voltar a ser o que já foi um dia.

É um bom plano.

— Quando se sentir seguro, conte.

— Acha que ela me perdoaria?

— Claro que sim. Vocês são uma referência de casamento para qualquer um, Rodrigo. Eu mesmo já disse a Pérola que quero ter uma família como a de vocês e manter um casamento longo como o dos meus pais.

Dou de ombro.

— Nem tudo é o que parece.

— Você quer terminar?

É uma pergunta franca e direta. Respondo sem rodeios, porque não preciso.

— Não.

— Então invista em seu casamento antes que seja tarde demais.

Matteo está certo.

O fato de estarmos atravessando uma crise, depois de tantos anos juntos e uma família formada, não anula o amor que sentimos. Ele ainda existe, mesmo que escondido debaixo de todo o rancor das brigas e a rotina. Pensar em colocar um ponto final é doloroso demais para eu acreditar ser possível.

Nosso casamento é um acordo de fidelidade, comprometimento e dedicação. Precisamos voltar para os trilhos, antes que tudo vá pelos ares.

— Obrigado por me ouvir, Matteo.

— Disponha. — ele pensa melhor — Não, não disponha. Que seja a última vez que eu tenha que ouvir algo como isso.

Sorrio por educação, indo em direção a porta.

— Se um dia eu puder retribuir o favor, conte comigo.

— Não precisará.

Abro a porta e saio pelo corredor do hospital.

Matteo ainda não sabe, mas casamento vai muito além do que queremos ou planejamos para o nosso futuro. Não se trata de falta de amor. Às vezes o amor está lá, ele existe e é tão forte quanto antes, mas acaba sufocado por tantas coisas que colocamos na frente que parece desaparecer. Só o tempo nos mostra isso, não importa o quanto os outros digam, não acreditamos até que acontece.

Se há três ou quatro anos alguém me dissesse que eu e Nina nos tornaríamos o casal que nos tornamos, eu não acreditaria.

Capítulo 9

Não vejo uma saída.

Quantos segundos eu teria para pensar em algo até que Ierlane encontrasse a chave em sua gaveta? Não muitos.

— Vá para o banheiro e carregue seus sapatos com você. Agora! — sussurro para Marcelo, apontando a direção.

Em meu escritório há uma estante de freijó natural e nele se esconde uma porta ripada que dá acesso ao banheiro. É a antiga sala do meu pai e reformei não faz muito tempo.

— Eu posso lidar com o seu marido, Nina.

Lancei um olhar horrorizado para ele. Não era isso que eu queria de qualquer forma. Ainda havia uma esperança.

— Você não irá lidar com ninguém.

Tropeçando em minhas pernas saio catando as peças de roupas espalhadas pela sala. Cada segundo é um passo a mais para o fim da minha vida. Desesperador.

Não tive tempo de pensar em nada. O som da chave entrando na fechadura me empurrou direto para o banheiro. Por sorte, tive tempo de fechar a porta atrás de mim.

— O perigo não te excita? — Marcelo sussurra em meu ouvido, apertando meu corpo contra o dele — Me excita muito.

Posso sentir que está falando a verdade. Como ele pode ficar nesse estado em um momento aterrador como este?

— Por favor, silêncio! — cochichei — Afaste-se de mim, Marcelo.

Meu pedido não tem qualquer efeito, mas continuar falando seria pior do que apenas ignorar. Mesmo com o meu corpo tremendo e com a possibilidade de sermos pegos, Marcelo esfrega sua ereção em minha bunda e funga em meu pescoço.

Por baixo da porta, uma fina lâmina de luz atravessa. O cômodo sem

janelas somado ao meu estado de desespero, parece uma estufa pronta para assar minhas entranhas.

— Vou deixar isso aqui. — ouvi a voz de Rodrigo — Acha que está bom assim?

— Está ótimo. — respondeu Ierlane — Ela verá assim que passar pela porta. São lindas, doutor Rodrigo.

Enquanto eles conversam, eu tento sufocar as lágrimas e o soluço de dor e arrependimento.

Tarde demais.

Quanto mais me esforço para afastar silenciosamente os toques de Marcelo, mais ele parece estimulado a continuar. É como se a ocasião fomentasse a sua libido. Por outro lado, o meu medo de ser notada me congela.

— Acho que vou esperar por ela aqui.

Não! Por favor, não.

— Claro. Estarei em minha mesa se precisar, doutor Rodrigo.

— Ué! Onde está minha irmã?

Matteo?

Isso não pode ficar pior.

— Acabei de vir do terraço e ela não está lá.

Marco também? Oh não, por favor, Deus!

Meu coração salta dentro do peito à beira de um colapso. O meu castigo será instantâneo e público. Será como as mulheres do passado que eram apedrejadas no meio da praça quando cometiam adultério.

Talvez eu verdadeiramente mereça.

Ouvi meus irmãos elogiando um buquê de flores e minha secretária dizer que eu ficaria muito feliz com o presente. A conversa entre os quatro continuou, mas eu estava congelada com o que acontecia do lado de dentro do banheiro.

As mãos de Marcelo passeiam pelo meu corpo, indo e vindo por todos

os lados, apertando meus seios, se enfiando entre minhas pernas. Seguro seus punhos, tento afastar o toque indesejado sem usar palavras, afinal estávamos escondidos, mas de nada adianta.

Ele sabe que eu não vou gritar e se aproveita.

— Vai esperar a Nina? — pergunta uma voz masculina, mas em meu estado não sou capaz de identificar.

— Não sei. O que acham?

Por favor, vão embora. Por favor!

Marcelo empurra seu membro para dentro de mim. Entra como brasa quente, arranhando minha pele e minha dignidade.

Só pode ser castigo.

O que eu poderia fazer? A vontade de gritar é tamanha, que mordo os lábios até sentir o gosto metálico do sangue em minha boca. Lentamente Marcelo empurra, indo e vindo, respirando em minha orelha. Não faço absolutamente nada.

Imóvel junto a parede fria, espero ele terminar a invasão indesejada. Não há prazer, em nada se parece com o que fizemos ainda a pouco. Para evitar gemer, Marcelo aperta os dedos em meus quadris e empurra fundo a última investida antes de gozar.

Quase ao mesmo instante, ouço todos deixarem a sala e Rodrigo dizer:

— Peça para ela me ligar quando retornar.

— Farei isso, doutor Rodrigo.

Alguns segundos se passam, mas não me movo.

Marcelo abre a porta do banheiro e sai, indo direto para o aparador onde deixo a máquina de café. Ele age como se nada tivesse acontecido, como se fosse normal. Seu olhar intenso já não tem o mesmo efeito sobre mim, nem mesmo sua beleza me afeta.

— Belas rosas o doutor comprou para você.

Não comento. Preciso me lavar e arrancar de mim o cheiro que exala pelos meus poros.

Apesar de pequeno, é um banheiro completo. Ligo o chuveiro e deixo que a água leve pelo ralo os sinais do que acabou de acontecer. Nem mesmo todo o sabonete do mundo anularia o que sinto. Meus cabelos finos são rapidamente secos pelo secador e uma muda de roupas limpas, que sempre deixo aqui, completa o serviço.

Por fora é como se nada tivesse acontecido.

Quando termino, encontro Marcelo deitado em meu sofá com o pote de biscoitos amanteigados. Eram presente da minha sogra.

— Quero que vá embora. — digo sem olhar em sua direção.

— Eu vou, tenho que atender em dez minutos. Não achei que as coisas aqui seriam tão animadas. — fala com sarcasmo.

— Quero que vá embora do hospital. Que volte para o lugar de onde veio ou para onde bem entender. — fui mais clara.

Sinto que me encara e não preciso olhar em sua direção para saber. O buquê de rosas brancas e o cartão ao lado delas têm toda a minha atenção. Nem me lembro quando foi a última vez que ganhei flores.

“Nina, eu lamento o que estamos passando, mas quero deixar aqui um sinal de paz. Eu te amo e quero lutar pelo que temos. Não desista de nós. Eu não irei desistir. Que o passado fique no passado”

Que o passado fique no passado.

— Nina?

Olho para Marcelo com raiva. Raiva pelo que ele fez contra minha vontade e raiva de mim, por tudo que aconteceu desde o início. Como pude ir tão longe?

— Vá embora! — digo mais alto.

— Eu não vou deixar o hospital.

Mas vai sim!

— Você está demitido.

Ele gargalha.

— Sabe que isso caracteriza assédio, não sabe?

Até onde ele irá com essa petulância?

— Eu nunca te assediei, Marcelo. — sorrio, nervosamente — O que aconteceu aqui foi o pior erro da minha vida. Me deixei seduzir, talvez tenha até procurado por isso, mas nunca te assediei. O único que ignorou o meu “não” foi você.

— Uma mulher na sua idade deveria saber que depois de gozar voluntariamente no pau de um homem, não dá para dizer que a terceira foi forçada.

— Desgraçado. — praguejo.

— Se fode comigo e depois me demite, é assédio. O que está pensando que vai acontecer? — aparentando irritação, ele vem até mim com o mesmo olhar de tigre — Não vou me contentar com uma foda, Nina.

Dou dois passos para trás, com medo da expressão em seu rosto. Depois do que aconteceu no banheiro, não poderia confiar. Seguro o telefone. Ele precisava entender que eu estava falando sério.

— Vou chamar a segurança.

A risada debochada e o olhar zombeiro me fazem sentir uma completa idiota.

— E vai dizer o que exatamente? Há menos de uma hora você estava gozando com o meu pau na sua bunda. Antes disso teve minha porra nessa linda bocetinha loira natural. O romântico das flores vai sentir o meu cheiro em você. Chame a segurança.

O que ele está fazendo comigo é uma chantagem suja e cruel. As palavras que usa, a forma imoral que me olha dos pés à cabeça...

Nada disso existia antes. Vi tarde demais.

Contorno a minha mesa controlando a respiração, tentando recuperar a dignidade rasgada e jogada na lama. Não irei desmoronar na frente dele. Sento-me em minha cadeira, empurro uma mexa de cabelo para trás da orelha e sustento a postura firme que sempre tive. Só por fora, porque por dentro estou sangrando em remorso e vergonha.

— O que você quer? — fui direta.

Não recuei quando ele chegou mais perto.

— Quero ficar com o meu emprego. — passou os dedos pelo buquê de rosas — E R\$ 200 mil está bom para começar.

Para começar?

— Está de brincadeira, Marcelo? Isso é chantagem.

Ele não demonstra o menor desconforto com a acusação.

— Tenho certeza que consegue transferir essa quantia em um estalar de dedos, Nina. — ele olha ao redor — Você está sentada em uma mina de ouro. Será dinheiro de pinga. Considere um bom negócio.

Dito isso, Marcelo deixa sua xícara de café sobre a mesa e caminha até a porta. Antes que ele saia, digo:

— Vou à polícia, desgraçado.

— Vá. — sorri e pisca — Quem tem mais a perder?

Ele tem razão.

Um escândalo desses pode acabar com a minha vida, expor toda a minha família e ter consequências irreparáveis. Não posso arriscar tanto, principalmente agora que compreendi com que tipo de pessoa estou lidando. Marcelo não é nem de longe o que aparenta ser.

Pense racionalmente. Pense friamente, Nina.

Eu tenho um grande problema para resolver e a besteira já está feita. Não há como voltar atrás. Não há tempo para lamentar. Preciso agir rápido, antes que tudo venha ao chão.

Apoio a testa em minha mesa, buscando uma luz no fim do túnel.

— Dona Nina. — Ierlane aparece sob o marco da porta — A senhora estava aqui o tempo todo.

Faço um sinal e ela entra, fechando a porta atrás de si.

— O que você viu, Ierlane? — ela fica vermelha e vejo a indecisão atravessar o seu rosto — Eu preciso saber.

— Vi um homem deixar a sua sala, mas não o vi entrar. Também não vi a senhora passar pela minha mesa, mas está bem aqui na minha frente.

A voz baixa e o olhar incerto dela me mostram que já juntou os

pontos e entendeu o que fizemos. Não sinto como se me julgasse. Sinto que está com medo.

— Isso pode ficar entre nós duas?

— Eu nem sei do que está falando, dona Nina.

Sorrio para ela. É uma reação rasa, pois por dentro estou em frangalhos.

— Ótimo! Quero que se livre desse tapete o mais rápido que puder e preciso que ligue para o gerente da minha conta particular.

Irerlane olha para o tapete e então para mim.

— Devo colocar no depósito?

Eu colocaria fogo.

— Não. Pode jogar fora ou dar para alguém. Não me importo.

— Dona Nina, é um tapete caro. — insiste.

— Não será o meu maior erro de hoje, Irerlane. Só suma com ele e não demore.

Capítulo 10

Colocar para fora é sempre uma escolha acertada quando algo nos incomoda. Aprendi isso com a minha mãe, Sarah. É uma pena ter esperado tanto para por em prática os ensinamentos dela.

Sinto que largar o incêndio para trás e vir aqui foi a primeira coisa correta que faço em um longo tempo. Eu já pretendia procurar ajuda profissional para o meu casamento, mas a ideia era uma sessão conjunta, caso Rodrigo tivesse topado. Nada aconteceu como eu planejava, nada mesmo.

Meu corpo ainda dói. O blazer esconde as marcas do que acabei de fazer, mas o tremor em minha voz denuncia os sentimentos que tento afundar dentro de mim. Estou evitando fechar os olhos, porque quando o faço, volto horas atrás.

Lembro-me de ainda criança questionar a história que ouvi sobre Eva. Ela tinha tudo, muito mais do que qualquer um poderia desejar, mas ainda assim caiu em tentação. A árvore proibida parecia ter frutos mais saborosos, instigava ao desejo; ao pecado.

Hoje eu agi como Eva. E como ela, serei expulsa do paraíso... é só uma questão de tempo.

— E a que você atribui o fracasso do seu casamento? — pergunta doutora Sayonara, arrancando-me do meu breve devaneio.

Olho-a imediatamente, surpresa. É uma palavra forte que me parece decidir o futuro de uma relação. Não é o que quero. Sinto como se ela tivesse jogando uma pá de cal no meu casamento e pensar assim me machuca de uma forma que sou incapaz de descrever.

— Fracasso?

— Foi a palavra que você usou ao descrever o que está vivendo. “Fracasso irrevogável”.

Tem razão, eu disse isso. Mas eu estava nervosa, angustiada. Depois de oxigenar minhas ideias não penso assim.

— Eu não sei... Acho que... errei na escolha das palavras.

A psicóloga com longa e notável experiência me encara. Sinto-me dentro de um tomógrafo, é como se ela pudesse enxergar cada coisa que estou pensando ou escondendo. É como uma bruxa.

— Você disse que saiu da sua sala e veio direto, sem nem mesmo pensar em conversar com o seu marido sobre o que aconteceu. Não acha que o cartão deixado por ele pode ser uma brecha para essa conversa? O passado tem que ficar no passado.

— Não posso. — minha resposta é baixa, porém, desesperada.

Ai minha cabeça!

Abaixo o meu tronco na direção dos joelhos, mãos unidas diante do rosto como se fizesse uma oração. Os movimentos quase imperceptíveis de vai e vem me acalmam, são um paliativo para a culpa.

— Pretende conversar com ele, Nina? — insiste.

Para ela é fácil, não está na minha pele. Em que circunstância eu chegaria para o meu marido e diria: eu transei com outro homem, querido. Desculpe, mas aconteceu.

— Eu não posso fazer isso. — digo baixo.

— Com ele ou com você mesma? São coisas diferentes, ainda que você queira colocá-las como iguais. O seu medo é da dor que causará a ele ou das consequências do que fez?

Meus olhos se perdem admirando a decoração clássica. É uma forma covarde de ganhar tempo.

Doutora Sayonara atende nesta sala anexa ao hospital há mais de quarenta anos. Isso é pouco mais do que eu tenho de vida. Olhando para ela, ninguém diz que tem tantos anos de profissão ou de idade, principalmente se considerarmos sua pele viçosa e seus cabelos cheios cor de fogo. As paredes revestidas em madeira, em nada lembram todo o do edifício, até mesmo o teto é amadeirado. Cadeiras em couro natural, tapetes pelo chão e um lustre que só pode ter vindo nas caravelas para cá. Ninguém pode acusá-la de falta de personalidade.

— Nina? — ela chama a minha atenção.

Deito-me no sofá, fixando meus olhos no teto.

— Nina, não posso te ajudar se não quiser realmente.

Não tenho mais tanta certeza do que quero revelar.

— Como vou contar a ele sobre o que eu fiz com a gente? — a primeira lágrima vence a minha resistência — Rodrigo é um bom pai, um ótimo filho, o melhor amigo que alguém pode ter, um médico incrível. Somos uma família...

— São muitas qualidades, mas em nenhum momento você o acusou de ser um bom marido.

— Ele é...

— Ato falho.

— Como?

— Responda-me, Nina. Rodrigo é um bom marido para você? Ele satisfaz os seus anseios enquanto mulher? E não estou falando apenas de sexo.

— Sim.

Repenso minha resposta sob os olhos dela.

— Houve um tempo que estive plenamente satisfeita enquanto mulher e esposa. Mas sinceramente não sei em que momento isso mudou ou quando começamos a nos afastar.

— Fisicamente?

— Não só fisicamente. Afetivamente estamos cada dia mais distantes também. Não conversamos, não tentamos resolver nada juntos. Das tarefas mais simples até as mais significativas, não agimos como casal.

— Conte-me sobre como se conheceram.

Fecho os olhos.

— Fazíamos faculdade juntos. Não juntos, mas no mesmo campus, e ele era primo de uma amiga minha. Nos víamos vez ou outra e eu era... diferente.

— Diferente como?

— Mais aberta, eu acho. Um dia o convidei para sair e ele aceitou.

Ficamos algumas vezes, coisa de jovem sem medo do dia de amanhã, sabe? Rodrigo sempre foi do grupo dos esportistas e amantes da natureza. Sempre que possível, viajávamos para uma cachoeira, praia ou qualquer lugar que ele pudesse se movimentar. — jogo um braço sobre o rosto — Naquela época o sexo era perfeito.

— E hoje não é?

Sento-me novamente e a encaro, intrigada.

— Você conhece algum casal que mantenha o sexo interessante ao longo dos anos?

Ela sorri, anota algo em seu bloquinho e se recosta na poltrona.

— Você se surpreenderia se soubesse.

— As coisas mudaram muito desde que engravidei. Não sei... Na verdade eu sei o que aconteceu. — relembro momentos que gostaria de esquecer — O que tínhamos na faculdade não era um namoro ainda, a gente ficava e estava sempre junto, mas não tinha um rótulo. Então eu engravidei e meus irmãos descobriram antes mesmo do Rodrigo. Matteo e Marco foram até a casa dele e, para encurtar a história, terminaram na delegacia.

— E o que aconteceu depois?

— Passado todo o drama inicial com as nossas famílias, ficamos noivos e marcamos a data. Engravidar não estava nos meus planos, eu era jovem e precisava me formar, só que depois de duas semanas já parecia ser a melhor coisa que tinha me acontecido. Marcamos a data, meu pai nos deu nosso primeiro apartamento, meus sogros mobiliaram e os amigos estavam se matando para serem os padrinhos do bebê e do casamento.

— Então depois que o Felipe nasceu, tudo mudou? — ela pergunta.

— Eu perdi aquela gravidez com doze semanas. Felipe não é o meu primeiro filho.

Lembro-me bem daquele dia. Estava chovendo bastante e nós ficamos na casa dos pais do Rodrigo. Os dois tinham que estudar, e com a proximidade do casamento, tínhamos mil coisas em mente.

Ele pediu comida, eu tomei um banho quente. Os pais dele estavam fora, viajavam muito. Nós comemos na cozinha entre beijos e amassos.

Típico de casal apaixonado. Transamos na ilha da cozinha da minha sogra. Foi tão intenso e faminto que nem precisamos tirar as nossas roupas ou fechar as cortinas. Ele estava com o jeans no meio das pernas e eu ainda vestindo um moletom vermelho que roubei no armário dele.

Acordei na madrugada gritando de dor. Eu não sabia de imediato, mas estava perdendo o nosso bebê.

Sayonara faz mais algumas anotações e pela primeira vez percebo uma mudança em seu olhar

— Sinto muito pela sua perda, Nina.

Solto a respiração.

— Faz muito tempo. — mantenho meus olhos no chão — Seguimos com os nossos planos, nos casamos e foi lindo. Meu pai no começo achou a maior loucura do mundo, mas não demorou para ele ser mais apaixonado pelo meu marido do que eu. Papai sempre diz que aquele bebê aconteceu para trazer o Rodrigo para a nossa família.

No dia em que meu pai me entregou para Rodrigo no altar foi exatamente isso que ele disse. Desde então há cada ano essa relação ficou mais forte e mais profunda.

— Te preocupa pensar sobre a reação da sua família caso essa crise não seja superada?

— Muito.

A ínfima possibilidade me abala e doutora Sayonara percebe isso. Ela desvia o assunto.

— Demorou muito para você engravidar do Felipe?

— Alguns anos. — ajeito-me na cadeira — Decidimos esperar um pouco para tentar novamente. Eu julguei melhor me formar, começar a trabalhar no hospital.

— É comum, depois de uma perda, tentar anular a dor com uma nova gravidez quase que imediata. O luto é parte do processo de cura. Cada um leva o seu próprio tempo para superar. Foi uma decisão conjunta? Vocês conversaram para chegar a essa sentença?

Definitivamente, não. Ter ou não filhos logo foi o motivo da nossa

primeira briga séria. Rodrigo estava determinado a começar a nossa família e eu ainda me recuperava da perda.

— Depois de muito insistir, ele cedeu.

Ela concorda com a cabeça, mas não comenta a minha resposta. A verdade é que não precisa, está claro que a bruxa consegue ler nas entrelinhas e decifrar o que nem mesmo passou pelos meus lábios.

Doutora Sayonara tem um semblante tranquilo. O tipo de pessoa que não se abala com nada. Você pode dizer “matei cinco idosas cegas vindo para cá” e ela não fará uma única ruga. Não sei quem é o dermatologista, mas o Botox está impecável.

— Quando foi a primeira vez que você tomou consciência que o convívio entre vocês não ia tão bem?

É uma resposta fácil.

— Quando engravidei do Felipe. Rodrigo mudou muito... eu também mudei, mas não como ele. Ele sempre foi o tipo de cara que todos amam e querem ter por perto, prestativo e educado. Isso não mudou. No entanto, como marido ele quase deixou de existir.

Ela me encara por cima dos óculos.

— Seja mais específica, Nina.

— Eu virei uma boneca de vidro para ele. O sexo foi ficando em segundo plano, quando acontecia era sem graça e delicado, sabe? Nada como antes

— Ele se sentia culpado pelo que aconteceu na primeira gravidez. É compreensível.

— Eu sei... Cheguei a questioná-lo na época, mas quando eu perguntava, a resposta era sempre negativa. Felipe nasceu e...

— E?

— Levamos um tempo, mas nos recuperamos. Houve uma fase, curta, que estávamos como coelhos no cio, apaixonados, viciados um no outro. Foi como voltar ao início do namoro na faculdade.

— E quando essa fase acabou?

—Quando engravidei de Luiz, meu filho do meio. — me exaspero — Então vivemos tudo novamente, até mesmo o período de paixão intensa. Até que veio a Lia.

— É comum que os casais passem por um período de adaptação, Nina. Nada dura para sempre com seres humanos.

Eu acreditava nisso, realmente acreditava.

— Minha caçula tem quase quatro anos. Quatro anos. O que era um interstício sexual, mudou de categoria. Nossos problemas saíram da cama e ganharam todos os outros âmbitos da nossa vida e relação. Não conversamos mais, não nos entendemos mais. Nem mesmo nos desejamos.

— Mas você se pegou desejando outro homem. E isso tem te consumido.

— Nunca estive tão carente e essa carência me fez cometer o pior erro que poderia. Onde eu estava com a cabeça? Errei ao trair e errei ao me entregar aquele desgraçado.

Sinto tanta raiva de mim mesmo, que afundo as unhas em minhas mãos.

— O que aconteceu entre você e Marcelo que ainda não me contou?
— Sayonara escorrega para a ponta da sua cadeira, olhando diretamente em meus olhos — Você chegou aqui despejando suas últimas semanas como um caminhão desgovernada, confessou que transou com ele e que quase foi descoberta por seu marido. O que está faltando, Nina?

— Eu não quero falar sobre isso. — sussurro.

— Diálogo é um dos alicerces para manter um relacionamento de pé. Seja com seu marido, seus filhos ou comigo.

Não quero falar, não me sinto confortável para contar o que aconteceu dentro daquele banheiro. É tão humilhante. Mais humilhante do que todo o resto.

Procurei por aquilo. Mereci cada segundo de terror que passei.

O movimento do lápis preto, enquanto ela anota rapidamente coisas em seu caderninho, fisga o meu olhar. Doutora Sayonara cruza as pernas e leva um dedo a boca, tocando os lábios repetidas vezes em sutis batidinhas,

como se refletisse amigavelmente.

— O mais tem te incomodado nos últimos anos? — ela pergunta.

A forma despretensiosa que as palavras deixam sua boca, seu olhar ou algo que não sei explicar, puxa cordas emocionais dentro de mim e me faz pensar.

— Acho que somos amigos que dividem a mesma cama. Talvez nem amigo sejamos mais, porque chega um ponto que até conviver é difícil. O que mais me incomoda é ter me acostumado a não ter o meu marido ao meu lado.

— Quanto tempo já ficaram sem se falar? — pergunta ela, enquanto anota.

— Oh... Já passamos uma semana conversando apenas o essencial ou quando terceiros estão por perto. Somos bons atores.

Um sorriso chama a minha atenção.

— Não são os primeiros e não serão os últimos, Nina.

Engulo seco.

— As vezes gosto de não tê-lo ao meu lado. — confesso mais para mim do que para ela.

Contraditório para dizer o mínimo.

Há quem diga que somos um casal modelo, um exemplo. Claro que dizem! As pessoas acham que sabem o que se passa dentro da casa dos outros, da vida dos outros. É uma ilusão achar que sorrisos e mãos dadas significam felicidade.

— O divórcio é um assunto recorrente?

Doutora Sayonara joga a pergunta e estuda a minha reação por cima dos seus óculos de meia lua. A bruxa deve ler meus pensamentos, porque consigo notar uma discreta mudança em seu semblante.

— Nunca dissemos a palavra, mas talvez eu já tenha cogitado mentalmente.

A quem eu quero enganar? Talvez?

Se não fosse tudo que já passamos, nossos filhos, família e história, provavelmente não estaríamos mais juntos.

— Não se culpe, Nina. É natural buscar fugas em momentos de raiva. O importante é pesar prós e contras.

Volto para a minha posição inicial. Pernas juntas, mãos em oração diante do rosto e corpo prostrado para frente. Eu deveria estar leve depois de uma sessão, mas me sinto tensa e ainda culpada.

Ela olha no relógio.

— Nina, você sabe que não estou aqui para te condenar, não sabe?

— Uhum...

— Eu vejo que existiu um gatilho, algum momento ou ação que está te consumindo por dentro. E não foi a traição.

— Eu não quero...

— Sei que não quer e irei respeitar o seu tempo. Mas tenha em mente que isso precisa ser trabalhado para deixar de te machucar.

Ela deixa o seu caderninho e o lápis hiperativo sobre a mesinha simetricamente posicionada ao lado da sua poltrona. Tranquila e com um leve sorriso educado no rosto, fica de pé.

Pego minha bolsa com as mãos trêmulas. É inimaginável pensar que semanas atrás nada disso era real.

— Obrigada por me ouvir, doutora Sayonara.

— Foi um prazer.

Saio da sala tão rápido quanto possível e mal tenho tempo de ouvi-la dizer “te vejo semana que vem”.

Capítulo 11

Já passa das 17h e ainda não consegui encontrar com Nina. Sei que ela retornou do almoço e que recebeu as minhas flores. Eu esperava uma ligação, mas isso não aconteceu e quando entrei em contato, a secretária disse que ela estava em uma reunião.

Trabalhamos em andares diferentes, alas diferentes e distantes. Não é como se nos esbarrássemos pelos corredores. Por um lado isso é uma merda, mas hoje estou feliz de não encontrar com ninguém da administração.

Depois de ontem, nada será como antes.

Retiro minhas luvas e jaleco após a segunda cirurgia do dia. Desde que trouxe para o Brasil a técnica mais avançada na correção da miopia, minha agenda não tem espaço para quase nada. Foram anos de estudo, dedicação e pesquisa afim de aprimorar técnicas ultrapassadas.

— Doutor Rodrigo. — a voz de Marco soa gélida.

— Doutor Marco.

Meu cunhado entra na sala de preparo e se recosta na pia. Não me dou ao trabalho de olhar o seu rosto, sei que está muito decepcionado comigo. Eu estaria da mesma forma se fosse o contrário. Não tenho uma irmã, no entanto, considero Pérola e Damaris como minha família e não aceitaria bem o sofrimento delas se isso fosse culpa de outra pessoa.

E ele nem sabe da pior parte.

Sento-me em uma cadeira do outro lado da sala. O clima é tão tenso que poderia ser cortado por uma faca. Ao nosso redor, armários de suprimentos e instrumentos e um grande vidro que dá vista para o centro cirúrgico, de onde acabei de sair. As luzes ainda estão acesas e a equipe de limpeza começa o seu trabalho.

— Sobre mais cedo. — Marco me encara e me vejo obrigado a erguer o meu olhar — Estou com raiva, decepcionado e... puto.

— Eu sei.

— Cala a boca, Rodrigo! — Vamos começar assim? Cruzo os braços e bufo, mas me calo — O que eu vim dizer, é que você ainda é meu amigo e que não vou me esquecer de todas as vezes em que pisei feio na bola e você me estendeu a mão. Eu já fui julgado e sei como é. Então... apesar de querer te matar por trair a minha irmã, estou aqui para o que precisar.

Bom. Diante disso não há muito o que dizer.

— Obrigado!

Continuamos longe, cada um em um extremo da pequena sala. Ele respira fundo, eu coço a cabeça. Não poderia ser mais constrangedor.

— Vai contar? — Marco pergunta.

Eu sei que deveria, moralmente. Racionalmente eu sei o que devo fazer sobre isso.

— Não é tão simples.

— Imagino que não seja mesmo. Eu não gostaria de estar na sua pele. Se ela descobrir...

— Ela não vai. — digo imediatamente.

— Espero que não.

Retiro minha toca. Tenho que visitar mais pacientes antes de finalizar meu dia. Marco se levanta e vai em direção a porta. Saímos juntos.

— Vou passar minhas visitas e depois vou à administração. Espero conseguir levar minha mulher para casa e começar uma nova fase em nossas vidas.

— Posso pegar as crianças, se quiser mais privacidade.

Paramos encostados na parede para deixar espaço livre no corredor.

— Faria isso?

— É o meu papel de tio, não é? — Marco coloca a mão em meu ombro — Além do mais, com um filho pequeno, pretendo cobrar o favor quando eu e Dama quisermos um momento só nosso.

— Pode cobrar.

Marco e Damaris são pais de primeira viagem do pequeno Miguel. É o

começo de uma longa jornada que já fiz três vezes. Eles com certeza irão precisar de todo apoio que puderem ter.

Em meu consultório, troco de roupa e deixo algumas prescrições para a madrugada. Penso em todos os detalhes para não precisar voltar aqui antes do necessário. Quero tirar a noite para investir em meu casamento e recuperar o que há de mais importante em minha vida.

O relógio marca 18h47min quando alguém bate à porta.

— Entre.

Estou de costas para a porta, organizando minhas coisas na mochila.

— Precisamos conversar. — reconheço a voz imediatamente.

— Imagino que seja sobre ontem. — viro-me para encará-la — Podemos apenas esquecer e colocar uma pedra sobre o que aconteceu.

— Você consegue? — ela pergunta com voz já embargada.

— Farei o meu melhor para isso.

— Acho que não consigo ser tão fria, Rodrigo. Passei o meu dia fugindo, me escondendo na tentativa de evitar um confronto. Não posso olhar para ela e não contar sobre o que fizemos.

— Ela não vai nos perdoar. Tem coisa demais em jogo para arriscar.

Não posso admitir a possibilidade de perder a minha mulher, tudo o que já vivemos, anos juntos por causa de uma atitude impensada e momentânea.

— Rodrigo... — ela tenta se aproximar, mas a impeço.

— Não.

Sob um olhar confuso, contorno a minha mesa e faço sinal para que ela se sente. Se temos que conversar, que seja agora e ponto. Não é o que eu pretendia, assim como ontem também não foi o que eu tinha em mente, mas aconteceu. Não podemos voltar no passado, no entanto, podemos passar por cima do erro e ignorá-lo.

— Giulia, nós sabemos o tamanho do erro que cometemos. Foi um momento de carência e imaturidade tardia que culminou em sexo. Somos adultos. Sexo é só sexo e não passou disso. Só precisamos esquecer.

A cor desaparece do rosto de Giulia.

Em todos os anos que nos conhecemos, nesse tempo que convivemos profissional e pessoalmente nunca sequer passou pela minha cabeça qualquer pensamento sexual. Sendo bem sincero, nem mesmo a via como mulher, mas como uma pessoa da família.

— Eu estou confusa. — diz com os olhos marejados.

— Confusa?

Acho que procura as palavras. Por instantes se mantém pensativa sem me olhar nos olhos.

— E se eu tiver gostado do que aconteceu, Rodrigo?

— Giu. — esfrego o rosto com as mãos impacientes — Há quanto tempo somos amigos? Casais amigos. Realmente você deve estar confusa e equivocada com o que diz. Você não gostou do que fizemos.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto. Não quero feri-la, mas preciso ser sincero com o que sinto.

— Acha que estou feliz por me sentir assim sobre o marido da minha melhor amiga? Não estou. — confessa, deixando as lágrimas caírem livremente.

— Por favor, Giulia... — respiro profundamente — Eu e Nina estamos em uma fase ruim, cada um sofrendo de um lado, mas isso não significa que acabou ou que devemos procurar novos parceiros. Eu amo a minha esposa.

Ela concorda com a cabeça e limpa o rosto com os dedos.

— Giu, me desculpa, por favor. Eu fui até a sua casa, eu dei o primeiro passo e criei o problema. Te peço perdão. Mas a Nina é a minha mulher, e por mais que as coisas não estejam boas agora, farei tudo o que eu puder para recuperar o meu casamento. Não alimente nada por mim além da amizade que sempre tivemos.

Ela parece aceitar o que digo e a vergonha passa pelo seu rosto. Não é um momento fácil. Muitos corações estão em jogo.

— Sinto muito. Me desculpe por reagir assim.

— Passe uma borracha na noite de ontem, é tudo o que te peço.

Ela assente.

— Não sei se consigo guardar isso comigo, Rodrigo. Estou me sentindo um lixo, um lixo podre. Nina é a minha melhor amiga.

Giulia não é uma pessoa ruim, assim como eu também não sou. Erramos. Ninguém planeja uma situação tão angustiante como a que estamos atravessando, mas infelizmente ela acontece.

Quando a mente não pensa o corpo padece e só percebemos o tamanho do monstro quando ele se volta contra nós.

— Dê-me algum tempo. — imploro — Ela tem que saber por mim.

Giulia concorda, mas percebo a resistência como um duelo interno.

— Vou tirar uns dias de folga, me afastar daqui por um tempo e conjurar os meus demônios. Ainda não posso encará-la depois de tudo.

— Será melhor.

Giu se levanta para sair.

Sinto como se eu tivesse usado da fragilidade de uma mulher para obter prazer. Um abusador.

— Giulia! — ela se vira em minha direção — Perdoe-me por ir tão longe e colocar tudo a perder.

Ela sorri, um sorriso melancólico e vazio, parecendo olhar para dentro de si.

— Eu tenho 42 anos, Rodrigo, não sou uma menina ingênua e influenciável. O que aconteceu foi porque nós dois permitimos. Eu sei que você ama a Nina. Eu também a amo. Só preciso me reorganizar, recolher a minha dignidade perdida. Espero que uma noite não destrua a sua vida... a nossa.

— Vai contar a ele? — refiro-me ao Brandão.

Ela nega com a cabeça e sai.

Sozinho na privacidade do meu consultório, tenho um acesso de raiva. Por muito pouco não lesiono os dedos gravemente com socos que desfiro contra a parede. A frustração é gigantesca. Eu só precisava ter raciocinado dois segundos e tudo isso seria evitado.

Faço um curativo às pressas, enrolando uma atadura ao redor dos meus

dedos. Pego minha mochila, jogo o que preciso dentro e saio.

Atravesso a ala norte a passos largos, quase correndo pelos corredores. Corto caminho, subo pelo elevador de carga e atravesso toda a ala pediátrica até chegar ao administrativo, onde minha mulher fica. Se olhando de fora o MAH é gigantesco, por dentro parece um emaranhado de corredores, salas e andares. Desde que meu sogro tomou a frente nos negócios da família a rede cresceu mais de 200%.

— Dr. Rodrigo?!

Viro-me para encontrar um rapaz com o crachá do hospital. Não conheço todos os colaboradores. Seu rosto é estranho para mim.

— Posso te ajudar?

Paro por educação, mas desejo desesperadamente me livrar do importuno.

— Sou Marcelo Fonte. Sua esposa tem feito sessões de Quiropraxia comigo.

Talvez ela tenha comentado.

— Prazer. — aceno com a mão enfaixada — Espero que ela seja uma boa paciente. Com aquela agenda, deve ser um desafio.

— É um bom desafio. — responde franzindo os olhos.

Tem alguma coisa nele que não me agrada. A forma excessivamente simpática que me olha, o sorriso perfeito. Pode ser apenas impressão, mas fico desconfortável.

— Bom, eu preciso correr. Quero pegar minha mulher para irmos para casa. Tenha uma boa noite. É Marcelo, certo?

— Marcelo Fonte. Vai lá, doutor. Mande lembranças a sua esposa.

Chego ao andar da administração e percebo que a secretária de Nina enrijece ao me ver. A mulher que sempre mantém uma postura neutra e profissional, gagueja e se enrola quando pergunto se minha esposa está na sala.

— Mas ela já saiu? — Não acredito.

— Ela... Ela teve uma reunião de última hora e depois iria direto para

casa. Quer dizer, eu acredito que iria para casa.

Mas sem falar comigo?

— Faz quanto tempo?

— Uma hora, talvez. Não tenho certeza quanto ao horário?

— Sabe se ela estava se sentindo mal?

— Não sei...

Perturbado com os nossos desencontros durante todo o dia, encaro Ierlane em busca de resposta. As peças parecem fora de ordem.

— Ierlane, minha mulher disse se não estava se sentindo bem ou qualquer coisa do tipo? Você deve ter conversado com ela.

Ela fica vermelha e arruma um pote de canetas que já estava devidamente organizado.

— Eu não sei de nada, doutor Rodrigo.

Será que Nina contou a ela sobre a nossa briga do final de semana? Pode ser que tenham trocado confidencias ou até conselhos. Não é incomum que mulheres abram seus problemas conjugais umas com as outras.

Se for isso, Ierlane deve estar me odiando agora. Ela não dirá nada porque sou o marido da sua chefe.

— Tudo bem. Irei encontrá-la em casa. Tenha uma boa noite, Ierlane.

— Para o senhor também, doutor Rodrigo.

Capítulo 12

Não sei como consegui dirigir até em casa, mas cheguei. Por trás dos óculos escuros e do vidro fumê escondi a humilhação, mas ao abrir a porta do meu apartamento a enxurrada de emoções escorreu livre. Olhei com melancolia para tudo, me despedindo das coisas ao meu redor como se no próximo piscar de olhos o mundo fosse acabar. As fotos espalhadas sobre os móveis, o tênis de pedal deixado ao lado da porta e a manta que trouxemos de uma viagem ao Peru pareciam esfregar na minha cara o que estava em jogo.

Em troca de quê?

O sexo pelo sexo foi fantástico. Admito. O instante foi de puro deleite e luxúria, mas não passou disso. Mais rápido do que o orgasmo, foi a queda do céu para o inferno.

Liguei o chuveiro deixando a água o mais quente possível. Tão quente a ponto de agredir a pele e deixar vermelhidão sobre ela. Não eram as únicas marcas. Em meu quadril hematomas desenhavam as mãos de Marcelo para quem quisesse ver.

Não sei se foram feitos enquanto estávamos no tapete ou no banheiro, enquanto ele me mantinha firme para suas lentas e dolorosas investidas. Faltam-me palavras para descrever o momento. O desespero ao perceber que ele não pararia com a minha negativa, foi tão grande que me congelou. Já estava arrependida, mas até então are apenas isso... porém o pior, o golpe cruel aconteceu dentro daquele banheiro.

Será que foi o preço? Será que mereci ter minha vontade ignorada, meu corpo violado? Quem merece passar por tal coisa?

Sinto-me quebrada.

Mesmo com toda a água e espuma, ainda me sentia suja. Nem todos os produtos do mundo levariam para o ralo o que ficou em mim.

Quando eu era adolescente e meus pais não me deixavam ir a festas e shows, eu sempre descontava a raiva arrumando meu guarda-roupa com música alta.

Velhos hábitos nunca mudam.

Entrei em meu closet vestindo um hobby de seda preto com mangas longas e joguei no chão tudo que estava nos cabides. Foi um acesso de raiva. Algo totalmente fora dos meus padrões. Em uma prateleira a taça e a garrafa de vinho. Em meu celular, música clássica. Os acordes dos violinos ecoavam pelo cômodo de forma amplificada, tomando cada canto dentro e fora de mim.

Peça por peça, reorganizei cada nicho cautelosamente. Não havia razão para me apressar.

— Nina. — a voz de Rodrigo sobressaiu a melodia.

Sem me virar em sua direção, digo:

— Já chegou?

— Fui à sua sala, mas você já havia saído. Está se sentindo bem?

Concordo com a cabeça.

Rodrigo vai até o meu telefone e diminui o volume, então vem até a mim, parando junto as minhas costas. Um tremor atravessa o meu corpo. Não posso transparecer o que sinto, mas não aguento mais tanta pressão.

— Recebeu as minhas flores? — pergunta.

Com uma mão ele alisa meu cabelo, com a outra segura em minha cintura, exatamente onde dói. Engulo um gemido ao sentir a fisgada.

— Eram lindas, Rodrigo. Obrigada!

Ficamos os dois em silêncio. Nossos corpos tão próximos, mas nossos corações ainda distantes.

O que vem agora?

Como as pessoas agem quando se sentem tão sujas a ponto de não conseguirem encarar o outro? Mesmo que o erro seja um segredo, mesmo que ninguém saiba, ainda assim há uma voz insistente que resfolega aos gritos para que não haja paz. Alguns chamam de consciência, outros de medo; eu chamo de culpa.

Eu jamais apostaria no que aconteceu a seguir. As palavras de Rodrigo me surpreenderam.

— Me perdoa, Nina?

— Pelo quê?

O ar quente de sua respiração profunda sopra em meu pescoço.

— Por tudo, amor. Pelo que estamos passando, pelo que já te fiz ou disse. Por todos os meus erros. Se eu pudesse voltar no tempo e consertar as coisas, apagar as mágoas, mas não posso.

— Rodrigo...

— Eu nunca deveria ter saído daquela forma, muito menos ter me afastado e... — silêncio — Eu errei em me afastar. Preciso que me perdoe e que me aceite, amor.

— Não tenho que te perdoar.

Isso é tão errado. Se ele soubesse o que eu fiz...

— Foi só mais uma briga, Rodrigo. — amenizo as coisas — Não me peça perdão por isso, por favor...

Não quero ouvir. Não me sinto digna das suas desculpas. Eu deveria estar me desculpando, não ele.

— Não. Não é só isso, Nina. — ele segura em meus ombros e gira o meu corpo. Ficamos frente a frente, mas evito olhar em seus olhos — Quero ser o marido por quem você se apaixonou e não um estranho dentro de casa. Quero que você volte a ser aquela mulher. Nós dois... nós cinco. Vamos tentar, amor? Lembra como somos bons juntos?

Só consigo assentir com a cabeça. As palavras estão presas em minha garganta.

— Eu te amo! — ele diz.

A declaração derruba a minha resistência e abre o mar de lágrimas que eu segurava com tanto esforço. Tento conter sem sucesso.

Choro como uma criança ferida.

— Eu também te amo.

Rodrigo, sem entender o que está acontecendo, me pega em seus braços e me leva para a cama. Ele pede perdão e promete que será um marido melhor daqui por diante, mas suas palavras são confusas e em alguns

momentos desconexas. É como se não falássemos sobre o mesmo assunto.

Ficamos os dois na cama.

Quando foi a última vez que dormimos de conchinha?

Quando passamos tanto tempo curtindo a companhia um do outro?

Quando estive tão imersa nos braços dele?

A noite se aprofunda minuto a minuto na penumbra sem que seja necessário um diálogo, somente o toque e a certeza de estarmos em comunhão. Nenhuma palavra além do som dos nossos corações. Que paz. Uma sensação que já havia esquecido há um longo tempo.

Estou acordada enquanto os primeiros raios de sol atravessam a janela. Ontem as persianas ficaram abertas.

— Vai ficar tudo bem, não é?

Achei que ele estivesse dormindo, mas parece ter acordado junto comigo. Seus braços ainda estão ao redor do meu corpo e uma manta sobre nós dois.

— Todas as noites deveriam ser assim.

— Concordo com você.

Apesar de termos acordado logo cedo, nunca dormi tão bem.

— Temos que trabalhar hoje? Poderíamos ficar o dia inteiro aqui, namorando. — Rodrigo me aperta contra o seu corpo — O que acha?

— Seria um sonho, mas temos muito trabalho nos esperando no hospital.

— É verdade.

Por alguns minutos ficamos na cama curtindo o momento. É divertido. Conversamos, rimos de coisas que nem deveriam ter graça, relembramos memórias do passado. Por que paramos de ser assim? Por que por tanto tempo deixamos de apreciar e saborear a companhia um do outro?

— Lembra quando o André e a Lígia decidiram se casar no meio da selva amazônica em uma cerimônia feita por um pajé?

— Nunca irei me esquecer. — respondo.

— Acho que nunca passamos tanto tempo incomunicáveis. O resto do mundo parecia nem mesmo existir. — acerto minha cabeça no peito de Rodrigo e ele puxa meu corpo para junto de si — É a melhor lembrança que consigo pensar.

— Ah, foi incrível mesmo. Mas eu também gostei bastante dos dias que passamos na Bavária.

Rodrigo se espanta e gargalha alto.

— Isso é uma mentira descarada. — diz ainda rindo — Você nem queria ir.

Sei a razão dessa descrença. Na época eu demorei um pouco para admitir, mas foi a melhor decisão. Seria a nossa primeira viagem internacional juntos, tínhamos acabado de nos casarmos. Oh, por favor! Eu queria Paris, Itália, Espanha, talvez Grécia. Alemanha não passava nem perto do que eu estava imaginando para uma viagem romântica.

— Admito que fui contrariada.

Beijo sua boca. Era para ser um rápido toque, mas perdemos a noção do tempo, brincando e saboreando os lábios um do outro. Rodrigo enfia os dedos per entre os meus cabelos, tombando sobre mim e carregando o beijo de paixão.

Era exatamente assim naquela época.

Estávamos casados há poucos meses e ele chegou em casa dizendo que tínhamos programa para as férias da faculdade. Nossa vida no começo foi como brincar de casinha. Jovens, estudantes, sustentados pelos pais. Não sabíamos de nada e muito menos o que o futuro nos reservava.

A surpresa eram passagens para a Alemanha.

Meus sogros haviam comprado uma viagem que era o sonho de vida deles. Conhecer a região da Baviera, sudeste alemão. Os planos deles foram por água abaixo quando a mãe de Rodrigo precisou fazer uma cirurgia de emergência. Ela ficou bem, mas deveria cumprir repouso.

Por sorte “herdamos” uma viagem com tudo pago.

Eu só não imaginava que seria tão maravilhoso quanto foi.

Fizemos as malas, aproveitamos as curtas férias de julho e fomos.

Seriam os nossos dez dias curtindo o verão europeu e ainda como recém-casados e loucamente apaixonados.

Devo admitir que fui um tanto chata durante as 12h de voo. Na época eu queria trocar as passagens e escolher um destino nosso, pesquisar hotel, passeios... sei lá. Acho que eu julguei que minha sogra não escolheria nada além do trivial.

Como me enganei.

No roteiro da minha sogra estava o desembarque no aeroporto de Frankfurt, seguido de uma viagem de carro de cinco horas até a cidade de Garmisch-Partenkirchen. O que tinha tudo para ser uma roubada, foram as melhores cinco horas das nossas vidas até então. Foi divertido, diferente, rodeado por uma paisagem surpreendentemente linda e bucólica.

Chegamos no hotel no início da noite. Estávamos cansados, mas o jantar a luz de velas acompanhado de um ótimo vinho foi mais do que suficiente para nos convencer a esperar um pouco mais pelo sono.

Foram dez dias incríveis.

Passeios a pé, visitas a castelos, teleféricos sobre os alpes, café e cerveja. Aproveitávamos o dia do primeiro raio do sol até a última fagulha de luz. E depois ainda tinha mais. As noites frias sempre estavam quentes em nosso quarto.

Fizemos amor em todos os cantos. Fecho os olhos e consigo me lembrar da cena.

Por um tempo esqueci.

A lareira estava acesa e apenas a luz do fogo amarelado inundava o quarto, deixando nuances coloridas nas paredes. No chão, perto do fogo, um tapete felpudo branco. Foi o sexo mais poético que já fizemos.

A música era o som da madeira queimando e dos nossos corpos em fricção intensa, indo e vindo de encontro um ao outro. O perfume ácido do suor somado ao doce de nossos sucos. O calor do fogo e do tesão. Tudo parecia encenado naquele dia, mas era espontâneo e real.

Guardei na memória a sombra enorme que se formou na parede. Rodrigo com as mãos apoiadas no chão, seu quadril investindo contra o meu

e minhas costas arqueando... eu me contorcia de prazer.

Senti por dentro e assisti nossas silhuetas. Era como ser voyer de mim mesma.

— Lembra como nos amamos todas as manhãs e todas as noites na Baviera? — Rodrigo diz ao meu ouvido, me pescando da lembrança erótica.

— Estava lembrando agora mesmo.

Contorço o meu corpo junto ao dele.

— Lembra da noite da lareira? — sussurra em minhas costas — Foi a melhor.

— Uhum... — perdi a fala ao passo que ele acariciava meus mamilos por cima da seda.

O laço do meu hobie foi desfeito e o tecido escorregou pela minha pele revelando os biquinhos duros. Adoro quando ele me conquista usando suas mãos e sua voz. Amo o timbre de sua voz.

— Eu estava tão enterrado dentro de você. Tão fundo.

Seu pênis está duro contra minha bunda. Rebolo. Com a mão livre, Rodrigo procura minha boca, tocando meus lábios até que eu engulo seu polegar, simulando o que quero fazer com todo o resto.

— Assim meu pau vai explodir. Estou duro feito aço, Nina.

— Já estou molhada para você. — respondi empinando minha bunda — Vem!

Lembrar do que já vivemos e sentir sua ereção pulsando foram preliminares o bastante para começar.

Quero-o dentro de mim.

Preciso dele...

— Faça-me esquecer, por favor.

O pedido desesperado saiu tão naturalmente que não tive tempo de refreá-lo em meus lábios. Sussurrei a súplica. Rodrigo segurou seu membro pela base e pincelou até encontrar minha entrada úmida e pronta.

Arfamos longamente enquanto o caminho foi tomado. Minhas paredes

esticadas para recebê-lo em todo o seu tamanho.

— Não quero que se esqueça de nada.

Ele não sabe o que está dizendo.

— Que fique somente o que foi bom. — digo.

Viro o rosto para trás e nos beijamos. Recebo-o e ele não para nem por um segundo. Lentamente me preenche, empurra até o limite da dor e depois sai quase completamente. Por vezes lamento sua saída e então ele volta. Com força. Com ímpeto.

Não mudamos de posição. É perfeito como está.

— Oh, amor! — gemo mais alto, e de novo — Assim!

— Que delícia, Nina! Vou gozar, amor. Vem comigo. — Rodrigo enfia a mão entre minhas pernas e acaricia meu clitóris como gosto. Ele sabe do que preciso — Está me apertando. Foda!

Falta pouco. Muito pouco.

Levo a mão a boca, quero abafar o grito, mas Rodrigo me impede.

— Geme gostoso para eu ouvir.

Encontro a minha libertação gritando o seu nome como uma oração. Digo manhosa cada sílaba, jogando para o universo que o homem dentro de mim é o que eu escolhi para ser.

Ele me possui, me ama.

É fantástico!

Minutos depois meu marido insiste que eu o acompanhe no banho. Aceito, mas volto atrás ao lembrar que tenho marcas pelo meu corpo. Como eu poderia justificar tal coisa?

Na cama, semicoberta pelo robe e no calor do sexo, ele não percebeu e eu também não lembrei. Mas agora tenho certeza que notaria.

— Vou preparar o nosso café enquanto isso. — digo enquanto escovo os dentes.

— Podemos sair para comer na rua e depois vamos juntos para o hospital.

Olho-o sob a água. É um homem muito bonito.

— Tem certeza que Marco levará as crianças para a escola?

— Não confia no seu irmão?

É para ser sincera?

— Vou mandar uma mensagem só para garantir.

Saio do banheiro e Rodrigo ri.

Não é que eu não confie no meu irmão. Eu só preciso me certificar que tudo será feito como deveria. É algo meu e sou incapaz de evitar.

Saímos depois que tomo o meu banho e me arrumo. Rodrigo recebeu uma ligação de um de seus pacientes e se ateve a conversa, me deixando sozinha no quarto. Graças a Deus!

Não demoro para vestir uma calça preta e camisa de manga longa lilás. Só de pensar em voltar para o hospital, no risco de encontrar com Marcelo sinto meu coração acelerar. Tento evitar, faço o melhor para não transparecer, mas é quase impossível.

— Está se maquiando novamente?

Sorrio para ele através do espelho.

— Errei uma coisinha e tive que começar do zero. Já te encontro no carro.

— Não demora. — ele beija o meu ombro — Não quero precisar correr no café.

Assinto e ele sai.

Encarar o meu reflexo no espelho depois de tudo é mais difícil e doloroso do que pensei. Tentar colocar a sujeira para debaixo do tapete parecia ser a melhor opção, mas na verdade está me machucando profundamente.

Não sei até quando conseguirei esconder a minha dor.

Rodrigo está diferente, dedicado, apaixonado. Ele realmente quer recomeçar e eu também quero... só não sei se consigo fingir que ontem não foi o pior dia da minha vida.

E a culpa foi minha.

Capítulo 13

Depois de fazer o jejum com meu marido em nosso café favorito e desfrutar de uma hora da sua companhia, senti a necessidade de refletir sobre o caos velado que venho enfrentando. Sabendo do local perfeito para reflexões e isolamento, fui atrás.

Por sorte ou por interferência divina, encontrei doutora Sayonara com um horário livre.

Entre correr os olhos pelos muitos livros impecavelmente organizados na estante e arrancar o esmalte das minhas unhas, permaneci da maneira que entrei.

— Não acredito que a mulher responsável por fazer este império funcionar esteja sentada diante de mim à meia hora admirando livros falsos.

— Falso?

— Tão falsos quanto o vermelho do meu cabelo. São de gesso, moldados e pintados para se parecerem com os verdadeiros. Mas sem ter que tirar para limpar e sem custar caro.

— Achei que psicólogos lessem muito.

— E lemos. Em meu kindle tenho centenas de títulos. Modernidades da vida.

— Logo nos alimentaremos na tomada. Carrego toda a minha vida em um celular.

Continuo observando a estante, mas dessa vez intrigada com a perfeição.

— As coisas não são fundamentalmente como as enxergamos, Nina. Nem em minha estante e nem na vida. — ela faz uma pausa — Por que veio até aqui?

Procuro não encarar Sayonara. O poder de persuasão que essa mulher tem no olhar é algo fora do normal. Ela não precisa dizer nada para arrancar informações.

— Eu só preciso ficar um pouco aqui.

O som da risada dela é discreto, porém, sarcástico.

— Sabe quanto eu cobro por hora?

— Menos do que Marcelo me cobrou, com certeza.

— O que quer dizer?

— Não é nada...

Sayonara descruza suas pernas e inclina o corpo para frente. Estou deitada no sofá enquanto ela está sentada em uma poltrona de couro verde. Separadas por uma elegante mesinha de centro, sinto o seu olhar sobre mim.

— Nina, está faltando uma peça muito importante nessa história. Acredito verdadeiramente que você precisa colocar para fora o que tanto te machuca.

— Sayonara, só me deixe ficar um pouco aqui. Não quero falar sobre ontem.

— Então fale sobre hoje ou até mesmo sobre o amanhã.

Empurro meus sapatos para fora. Minhas meias finas escorregam no estofado. Sinto-me como uma caixa muito, muito cheia que necessita de uma vazão para não explodir.

— Achei que minha vida havia acabado, mas estranhamente o meu dia começou... — lembro da manhã e sorrio — maravilhoso.

Minha pele chega arrepiar.

— Rodrigo está diferente. De um modo bom. Meus filhos ficaram com o tio e nós passamos a noite abraçados como não fazíamos há tanto tempo. Estávamos juntos de verdade. — minhas bochechas se aquecem — Fizemos amor logo cedinho, e foi amor de verdade. Algo que nem sei quando aconteceu pela última vez. Nós nos amamos e nos entregamos um ao outro tão intensamente.

— Isso é bom.

Meu sorriso desaparece, dando lugar ao medo.

— Até quando?

— Até quando vocês quiserem. Só depende dos dois, Nina.

— Estou sangrando por dentro. — confesso, sentindo as primeiras lágrimas — Não consigo me olhar no espelho. Estou suja e envergonhada.

— Sente-se assim por ter transado com outro homem?

Olho-a de soslaio.

— E como deveria me sentir?

— Nina, as relações humanas são mais complexas do que isso. O adultério não é novidade ou algo imperdoável. Em muitas culturas é tido apenas como um desvio leve. Alguns povos nem mesmo acreditam na monogamia. Existe uma pesquisa nacional que aponta que mais de 50% dos homens já traíram suas parceiras e mais de 25% das mulheres também. Eu mesma faço parte dessa estatística.

Isso é uma revelação e tanto.

Eu não diria isso.

— E como superou isso?

— Me divorciei. — encaro-a — Três vezes.

Como alguém que se divorciou três vezes quer me dar conselhos sobre o meu casamento?

— Espera que eu faça o mesmo? — pergunto sem esconder a irritação em minha voz.

— Não. A verdade é que não espero que você faça nada. — ela cruza as pernas — O meu desejo é que você consiga lidar com o caminho que escolher. Seja contando o que fez para o seu marido ou mantendo isso com você. Você é um indivíduo, Nina, aja individualmente.

Talvez ela tenha razão sobre isso.

Depois da consulta com Sayonara, vou até a sala de Giu. Conversar com a minha melhor amiga pode me ajudar a exorcizar os demônios que me afligem. E tenho a esperança de que ela me ajude a encontrar uma saída, uma forma de tirar Marcelo do hospital sem correr o risco de começar um escândalo.

— A Giulia tirou dez dias de férias, dona Nina. — diz Deise, assistente

de Giu.

— Férias? Ela não me disse nada sobre isso.

— Para nós também não. — visivelmente Deise está atolada de trabalho — Soubemos hoje por e-mail. Achei que a senhora soubesse. Ela disse que está com problemas particulares.

— Vou olhar minhas mensagens. — comento e me despeço.

O que pode ter acontecido para Giu tomar uma decisão tão inesperada? Ela não me ligou, não mandou mensagem e nem mesmo comunicou o seu afastamento a mim. Será que não sou a única a enfrentar problemas no casamento por aqui?

Ela teria me contado.

Como gerente de RH Giulia se deu férias e não consigo contato. Liguei algumas vezes, mas o celular dela está desligado. Pensei em ligar para Brandão, porém, desisti. Se ela quer ficar sozinha é melhor esperar o seu tempo.

Rodrigo me surpreendeu na hora do almoço com um convite irrecusável. Trouxe comida do meu restaurante favorito e ainda lembrou da sobremesa. Ele sabe como me conquistar e me ter nas mãos com gestos simples.

— Podemos comer em outro lugar?

Ele inclina a cabeça, parece confuso e surpreso. Antigamente costumávamos almoçar juntos na minha sala. Sei que a intenção era retomar esse momento.

— Tudo bem, mas...

— Estou com vontade de aproveitar um pouco do sol que está lá fora. Se incomoda de comermos no terraço? — tento parecer mais natural possível.

Rodrigo me puxa pela cintura e me beija.

— Eu não me incomodo de comer aqui. — diz ao pé do meu ouvido em tom de duplo sentido — Mas vou adorar pegar um sol com você no terraço.

— Obrigada!

Oh que alívio!

Foi muito difícil trabalhar aqui nas últimas horas. Para todo canto que eu olhasse, flashes vinham como lanças atiradas em minha direção. Mesmo sem o tapete, é como se um filme se repetisse diante dos meus olhos.

A mulher dominada, lasciva e fogosa daquele momento não imaginava o pesadelo que tudo se tornaria no final. Ainda não tive coragem de entrar no banheiro. Foi lá que vivi o pior momento da minha vida, e a menor menção faz minhas entranhas se contorcerem.

De mãos dadas, eu e Rodrigo chegamos ao terraço. Muitas pessoas estão aproveitando o intervalo em suas funções para comer, ler ou simplesmente descansar.

Sair do ar-condicionado é como uma chuva de alegria depois de tanto tempo rodeado por paredes e luzes brancas.

— Eu havia me esquecido do poder dessa costela defumada. — digo depois de saborear o primeiro pedaço — Faz uns anos que não como.

Rodrigo escolheu perfeitamente.

— A última vez foi quando Luiz caiu de bicicleta dentro da piscina dos seus pais e por pouco não o perdemos. Você ficou cinco dias no hospital sem comer, sem dormir e até mesmo sair daquele quarto.

— Credo! Só de lembrar me arrepio toda.

— Sentei-me na porta do restaurante esperando abrir. Foi minha tentativa desesperada de te fazer comer alguma coisa.

Paro de comer, observando o que ele diz. Aqueles foram dias terríveis. Meu bagunceiro sempre nos dando sustos. Lembro de Rodrigo me implorar por cada garfada.

— Achei que o perderíamos. — digo com pesar.

— Eu também achei. Ele engoliu muita água. Eu deveria tê-lo proibido de andar de bicicleta.

— Rodrigo... — sorrio e ergo minhas sobrancelhas.

Trocamos um olhar cúmplice.

Ele jamais faria tal coisa. Rodrigo ama pedalar e morre de orgulho do filho ter a mesma paixão.

— Se eu soubesse, teria proibido.

— Mas não tínhamos como saber, Rodrigo. Foi um acidente.

— É.

Em uma mesa mais afastada, continuamos o nosso almoço. Rodrigo conta sobre as duas cirurgias que fez até agora. Além de seus clientes tradicionais, meu marido tem atendido pacientes que não têm condições de pagar por isso. Uma vez por mês ele tira o seu dia para ajudar outras pessoas.

A comida está tão boa que poderia ser comparada a um orgasmo. Tempero, textura. Sabor.

— Se continuar assim, vou te sequestrar e passaremos a tarde na cama.

Abro os olhos e me deparo com o semblante intenso de Rodrigo.

— O que eu fiz?

— Está transando com a comida.

— Não estou não.

Sinto minhas bochechas aquecerem.

— Veja como me deixou. — discretamente, porém com firmeza, Rodrigo pega a minha mão e coloca sobre a sua calça. Ele está duro. Não o impeço, porque a mesa nos esconde. — Cada vez que escorrega os lábios por esse garfo com os olhos fechados, cada vez que geme em apreciação... quase dói.

— Não faz muitas horas que fizemos amor.

— Parece tempo demais.

Vejo em seu olhar a sinceridade das palavras, o querer. A necessidade sobressai livremente.

É algo que descobri sobre mim ainda na adolescência. Preciso da demonstração efetiva do sentimento, do toque físico, da constância. E não somente com o meu marido, mas mais com ele por motivos óbvios.

Desde muito pequena frequentei psicólogos devido ao que aconteceu com a minha mãe. A depressão pós-parto a afetou gravemente e somada ao fracasso de seu casamento com meu pai, virou uma bomba relógio. Não ter o seu afeto me abalou em esferas tão profundas que só notei ao me deparar com

as primeiras decepções, fossem com amigas ou com namorados.

A vida adulta e tudo ao redor me fizeram esquecer o quanto a crise no meu casamento poderia impactar sobre todo o resto e trazer à tona essa carência... até mesmo pensando em minhas recentes decisões.

Será mesmo?

Ou essa sou eu buscando covardemente justificativas para o injustificável?

— O que acha de uma viagem de férias em janeiro? — pergunto ao passo que a ideia surge em minha mente.

— Todos nós? Uma viagem em família. Para onde quer ir?

Eu não pensei sobre isso, simplesmente disse o que veio à mente. Mas depois de hoje, depois de lembrar momentos tão maravilhosos que passamos só nós dois, acredito que refazer a rota romântica com a família completa seria perfeito.

— Alemanha.

Surpreendi-o.

— Tem certeza? — o sorriso feliz em seu rosto me faz sorrir de volta.

— Lia conheceria o castelo da Cinderela original.

Rodrigo termina a sua comida e limpa os lábios com um guardanapo.

— Decidido então. Vamos para a Alemanha, nós quatro.

Até o céu parece comemorar conosco. O sol brilha, uma brisa fresca passa balançando meus cabelos. Tudo perfeito. Eu e Rodrigo estamos felizes desfrutando de algo que já tínhamos, mas que havíamos perdido por um tempo.

Não sei até que ponto a nossa última briga o afetou, mas está tão clara a sua mudança. Ele está diferente e empenhado a retomar de onde paramos. Mas não é só isso.

O que o fez mudar tanto?

Quando tento encontrar respostas, só consigo concluir que durante a viagem com o pai, ele tenha desabafado sobre a fase ruim que atravessamos. Meus sogros são casados há quase cinquenta anos. Seja lá qual foi o

conselho, está funcionando.

— Que prazer encontrar os dois aqui. — meu corpo inteiro congela ao reconhecer a voz.

Mantenho meus olhos fixos na comida, sem ser capaz de encarar a realidade. Na tentativa de esconder o tremor, solto o garfo.

— Doutor Marcelo. — cumprimenta Rodrigo — Prazer em revê-lo.

Eles já se encontraram?

— O prazer é meu. Nina, como vai?

Aja naturalmente. Não entre no jogo dele.

— Vou bem.

Apressada e desajeitada, fecho o recipiente onde está o restante da comida e amasso o guardanapo de papel. Não me preocupo com o que vão pensar. Preciso sair de perto desse homem.

Já dei tudo o que ele poderia querer. O que ele pretende, me enlouquecer?

— Estamos de saída? — Rodrigo pergunta, confuso.

— Estou atrasada. Vamos, por favor.

Evito contato visual com Marcelo.

Eu paguei o que ele exigiu. Por que está aqui com esse sorriso amistoso como se fosse bem quisto ao nosso lado?

Rodrigo fica de pé e segura a minha mão. Espero que ele não tenha notado o meu nervosismo.

— Como está a coluna, Nina?

Faço uma cara contrariada, mas me obrigo a responder. Não posso sair correndo feito uma louca. Como justificaria meu comportamento? Se ele pensa que irá me intimidar, terá mais trabalho.

— Ótima!

— Não pare o tratamento. É importante seguir até o final para manter o bom resultado. — Marcelo inclina o rosto e ergue as sobrancelhas, sem perder o ar humorado e envolvente. É um monstro dissimulado e sem caráter

— Fico feliz de ter lhe dado o que tanto queria.

Desgraçado!

— Preciso ir.

Caminho apressada e Rodrigo vem em meu encalço. Será que ele percebeu o clima pesado?

— Nina. — tenta me parar, mas não dou espaço — Nina!

— Vamos, por favor. — imploro, controlando a minha respiração.

— Está tudo bem? Você ficou tensa de repente.

Aperto o botão do elevador, viro-me para ele e o abraço o mais apertado que consigo. Só preciso disso. Preciso me sentir protegida e segura, sentir que o pior já passou.

Mesmo que isso seja uma mentira.

— Ei! — ele beija o topo da minha cabeça e escova meus cabelos com os dedos — Eu estou aqui. Seja lá o que for, passaremos juntos. Foi isso que prometemos diante do padre, não foi?

Concordo com a cabeça.

O elevador chega e entramos com mais algumas pessoas. Longe de Marcelo, consigo respirar aliviada.

Despeço-me de Rodrigo e desço no meu andar. Já passa das 13h e preciso focar no trabalho para colocar tudo em dia.

A viagem para Alemanha será a consolidação de uma nova fase e tudo precisa estar perfeito.

— Boa tarde, Irerlane. — paro diante da mesa da minha secretária, que também acabou de retornar do almoço — Faça uma cotação de passagens para Alemanha na primeira semana do ano. Passagens, aluguel de carro, hospedagem e seguro. O mais rápido possível, por favor.

— Claro, dona Nina. Chegou uma encomenda para a senhora. Deixei na sua mesa.

— Obrigada!

Vou direto para o banheiro do andar, escovo os dentes e retoco a

maquiagem. Escolhi simplesmente ignorar que tenho um banheiro em meu escritório. Estou inclusive cogitando trocar de sala.

Acho que levantaria suspeita. Não faz tanto tempo que fiz uma reforma. Talvez eu deva esperar e fazer isso quando retornar das férias.

Ao entrar em meu escritório vejo uma rosa vermelha, parece colombiana, sobre um envelope branco. Não tem remetente, apenas o meu nome escrito a mão.

É uma bela rosa. Perfumada.

— Ai! Droga!

Um espinho fura o meu dedo e uma gota de sangue cai, manchando o papel.

Abro o envelope. Dentro dele não há uma carta ou convite, mas sim uma tira de papel pardo, parece rasgado de uma sacola de pão.

Seu irmão mais velho é um homem muito educado. Conversamos bastante no elevador. Quero te comer outra vez.

Deixo o bilhete cair no chão e levo a mão a boca. Minhas pernas parecem gelatina e minha cabeça lateja como se fosse explodir.

Isso é uma ameaça. Ele já esteve com meu marido e agora com o Matteo. O filho da puta está me mostrando que não está para brincadeira.

— O que eu faço, meu Deus?

Capítulo 14

Terceiro domingo de dezembro. Faltam apenas quatro dias para o natal na quinta-feira.

Eu e Rodrigo estamos tentando passar o máximo de tempo juntos, um com o outro e com nossos filhos. As crianças notaram as mudanças, são espertas e atentas a tudo que acontece, mesmo que a mínima coisa. Lia é muito pequena, mas Felipe e Luiz não deixam passar nada.

Aqueles pestinhas precisam aprender a controlar a língua.

— Posso conversar com você, princesa?

— Pai...

Escorrego para o canto do sofá, dando espaço para o meu pai se juntar a mim. A família está reunida na Casa di Tutti, o refúgio dos Malamam em Campos do Jordão.

— Não posso chamar a minha filha de princesa? Você gostava disso antigamente.

— Muito antigamente, doutor Leônidas.

Com o passar dos anos meu pai se tornou um homem mais tranquilo. Não tão tranquilo quanto os demais vovôs espalhados por aí, mas ainda assim é mais suave do que a potência que já foi um dia.

Minhas pernas estão cobertas por uma manta. O entardecer trouxe a brisa fresca e cores lindas no céu.

— Está tudo bem entre você e Rodrigo? — ele é direto.

— Sim.

Do que adianta continuar empurrando a poeira para debaixo do tapete? Não estaria perguntando isso se não soubesse.

Olho para longe, além das flores, onde as crianças brincam com Marco e Rodrigo. Pistolas de água foram um presente e tanto para três arteiros no meio das férias de verão.

— Filha, fui à cidade logo cedinho comprar umas coisas para a sua mãe. Felipe estava acordado e quis me acompanhar.

— Ele acorda muito cedo. — digo, já imaginando onde a conversa dará.

Meu pai segura sua xícara de café e me encara. Sinto seus olhos em mim, mas não quero olhá-lo. Não posso mentir para ele, é impossível.

— Nina, eu já fui casado duas vezes. Duas experiências escandalosamente diferentes, graças a Deus. Mas posso te dizer com propriedade que nem todos os dias são bons ou ruins. Precisamos equilibrar as coisas. Resistir.

— Pai, por favor...

— Eu imagino que não queira falar sobre o assunto. É doloroso, seja lá o que aconteceu ou ainda está acontecendo. Mantenham em mente que não existe relação perfeita e que perdoar é uma escolha.

Puxo o ar, enchendo os pulmões.

— Nem tudo pode ser perdoado.

— Depende. Só sabe a extensão da dor, quem sente. Às vezes, abrir mão do outro machuca muito mais do que perdoar o que ele fez ou esquecer. Não cabe a ninguém julgar.

Ergo o rosto, encarando intimamente seus olhos azuis.

— O senhor não conseguiu perdoar a minha mãe.

Ele sabe que me refiro a minha mãe Sílvia. Eu tinha três anos quando ela se matou. Não tenho lembranças claras dela.

Papai sente o baque, minhas palavras o atingiram. Pouco falamos sobre essa parte das nossas vidas em todos esses anos.

— Não havia o que perdoar, Nina. Sílvia estava fora de si e incapaz de ser responsabilizada por suas ações. Se alguém errou, fui eu, por demorar demais a enxergar o potencial destrutivo dela.

Hoje entendo que essa culpa que meu pai carrega não é dele, mas demorei alguns anos para compreender. Aos poucos fui descobrindo mais e mais sobre a história dos dois e juntando as peças. Na adolescência meus

avós maternos tentaram plantar uma semente ruim, diziam que meu pai era o culpado pela morte da minha mãe, que ele a traia e a maltratava. Foi uma fase difícil.

Depois de um longo silêncio, papai diz:

— Tudo bem. — ele não parece feliz — Quando quiser falar qualquer coisa, saiba que estou aqui. Eu te amo muito. E você sempre será a minha princesa, mesmo que isso a envergonhe.

Apenas concordo com a cabeça. Tenho medo de abrir a boca e falar mais do que deveria, deixar a emoção tomar conta e não conseguir manter preso dentro de mim o que preciso.

Não vou relembrar nada daquilo. Não quero admitir as minhas falhas e nem... as minhas dores.

Fico sozinha observando a noite cair.

Pegamos estrada junto com a alvorada, só eu e Rodrigo. Nossos filhos ficaram com meus pais para aproveitar as férias e se divertirem. Seria injusto deixar os três trancados no apartamento enquanto trabalhamos.

Marco e Rodrigo conversaram até tarde. Da janela do nosso quarto vi os dois parecendo discutir na área da churrasqueira, mas o que disseram ficou do outro lado do vidro. Tive curiosidade de perguntar, mas...

Algo em meu marido estava diferente quando voltou para o quarto. Já era madrugada e uma angústia estranha em meu peito me fez recuar. Fingi dormir até realmente pegar no sono. Ele, por outro lado, não pregou os olhos.

— Está tudo bem? — perguntei já no estacionamento do hospital.

— O que?

Por que está tão distraído?

— Perguntei se está tudo bem. Não trocamos nem duas palavras por todo o caminho. Aconteceu alguma coisa? Vi você e Marco conversando.

Rodrigo me encara, seu semblante preocupado e os olhos tensos.

— O que ouviu? — pergunta imediatamente.

— Não ouvi nada. — apoio a mão em seu peito — O que eu deveria ter ouvido?

Ele solta o ar e seus ombros relaxam.

Está escondendo alguma coisa séria.

— Nada.

— Rodrigo?

O movimento no hospital é intenso. Hora de troca de plantão.

— Não é nada, Nina. Só conversamos sobre a vida... sobre tudo.

Se ele acha que me convenceu...

É claro que tem mais coisas, detalhes que ele não quer ou não pode me contar. Eu poderia insistir, persuadi-lo a falar, mas não vou.

Será que Marco teve uma recaída?

Será que meu irmão está novamente em problemas e Rodrigo não quer me contar para eu não me envolver?

É possível.

Ao chegar em meu escritório, mergulho no trabalho e em tudo que preciso resolver antes de sair de férias. O balanço está a todo vapor, temos contas e contratos para todos os lados e não posso perder nem um minuto com problemas que nem sei se existem.

O andar da administração ainda está vazio. Os funcionários só devem chegar em uma hora, aproveito a quietude para me concentrar na planilha de compras entregue pela pediatria.

O ponteiro do relógio corre rápido, tão rápido que quando dou por mim, Ierlane avisa que é hora do almoço.

— Dona Nina, estou saindo para comer. Quer alguma coisa?

Ergo a cabeça e vejo Ierlane parada na porta da minha sala.

— Obrigada, Ierlane. Não quero nada, pode ir.

Ela escorrega os olhos pelos quatro cantos da sala. Parece procurar alguma coisa.

Desde o que aconteceu não voltamos a tocar no assunto, mas percebo seu olhar preocupado comigo.

— A senhora não vai almoçar?

— Hoje não. Depois eu tomo um café lá embaixo.

— Café não é comida, dona Nina. Vou fazer uma marmita e trazer quando voltar.

Ah, ela não vai desistir.

— Perfeito. Agora vá para não perder a hora.

Ela sai e eu volto a minha atenção a tela do computador.

Estou terminando de redigir um e-mail para a substituta de Giu quando a porta se abre novamente.

— Voltou rápido. — ergo a cabeça com um sorriso, mas ele se apaga imediatamente. — O que faz aqui?

— Não foi assim que me recebeu da última vez. — abusa do sarcasmo — Eu diria que estava mais sedenta pelos meus habilidosos serviços, quase desesperada.

— Marcelo...

Ele entra e tranca a porta.

— Tire a roupa, Nina. — ordena, com os olhos fixos em mim.

Meu coração acelera e minhas mãos começam a tremer. Agarro o telefone e pressiono o número 9 com toda a minha força.

— A segurança estará aqui em dois minutos.

— Está blefando.

— Eu não apostaria nisso.

Marcelo se aproxima lentamente. Ele está com um olhar assustador, porém, seus movimentos são suaves.

Coloco o telefone no ouvido sem tirar os olhos de Marcelo, que me analisa. Do outro lado da linha, a telefonista diz o meu nome repetidas vezes enquanto ofego.

— O que vai ser, Nina? — pergunta ele, com as mãos espalmadas em minha mesa — Quer mesmo um escândalo?

— Ou você vai embora ou teremos um escândalo. Prefiro isso, a te ter perto de mim novamente. Você é nojento.

Não sei de onde vem toda essa força, mas não cedo a sua ameaça. Se ele está jogando comigo, também irei jogar.

— Dona Nina, a senhora está com problemas? Dona Nina? — diz a voz do outro lado da linha.

Não fraquejo.

Aproveitando-se do meu nervosismo, Marcelo caminha ao redor da mesa. Ele não tem pressa, parece se divertir com o meu medo. Fico rígida. A mão dele se aproxima do meu rosto em câmera lenta, até que agarra o meu queixo com força.

Os olhos dele... as expressões.

Ele encosta os lábios nos meus, mas os travo, sem dar qualquer chance dele aprofundar o contato. Sua língua passa de um lado para o outro, desliza pela minha bochecha até a minha orelha.

A voz da moça fica mais aflita e ouço-a dizer: “mande dois seguranças para o andar da administração. Algo de errado está acontecendo por lá.”

— Você irá depositar mais duzentos mil na minha conta até o fim do dia. — sinto o sangue voltar a circular quando ele solta o meu rosto — Ou pode me pagar com sexo. Sacrifício não será. Quer mais do que lhe dei? Estou duro só de ver o pavor em seu rosto.

— Seu porco.

— Mas você bem que gostou deste porco. — ele arranca o telefone da minha mão e desliga — Mate uma curiosidade. Transou com o corno depois que deu para mim? Ele chupou sua boceta depois que te fodi?

— Saia daqui. — grito e ele sorri.

— Diga-me... como explicou o meu cheiro ou a minha porra.

— Saia daqui agora mesmo. Você é cruel e miserável.

Por mais que eu fale, ele não se abala. Parece até gostar da dor que me causa. O seu jogo é me humilhar.

— Cruel é chifrar o pai dos seus filhos. Que feio! Mas te entendo, acredite. Não são todos que sabem foder uma vadia. Vocês precisam de mais empenho, muito empenho.

— Os seguranças estão subindo.

Minha respiração acelera e começo a hiperventilar quando Marcelo segura meus braços e me joga sobre a mesa. Os objetos caem no chão, o cristal que uso como peso de papel se parte em vários pedaços.

Ele irá me bater.

Não consigo reagir. Estou com medo. Congelo com os braços cruzados protegendo meu corpo enquanto ele tenta arrancar a minha roupa. São poucos segundos que parecem horas até que ouço um impacto. O som é alto e cru.

— Abra a porta! — vocifera uma voz masculina.

Ao perceber que eu falava a verdade, Marcelo me solta e desfere um tapa estalado em meu rosto. Sua expressão lasciva dá lugar a um olhar calmo e tranquilo.

É assustador! Antes era um bicho em cólera sobre mim, mas num passe de mágica se transformou.

Parece outra pessoa... aquela pessoa que conheci da primeira vez.

— Diga que tivemos uma discussão profissional ou terá muito o que explicar para eles e para todos. Entendeu?

Olho para ele com desespero.

— Abra a porta ou vamos arrombar.

— Entendeu? — insiste, dessa vez, com a boca encostada em minha orelha e uma das mãos esganando o meu pescoço.

Faço que sim com a cabeça e ele me solta. Corro até a porta e paro diante dela para recuperar o folego e me recompor. Não quero aparecer neste estado diante dos meus funcionários.

3...2...1... abro.

— Senhores... — digo aos seguranças. Eles passam por mim, invadindo a sala, encarando Marcelo — Já está tudo resolvido.

É evidente que eles não acreditam em mim.

O chão está tomado por folhas, canetas e pequenos objetos. Até mesmo meu monitor está fora do lugar, tombado. Será difícil justificar.

— O que o doutor faz aqui? — pergunta um dos seguranças — Coloque as mãos na cabeça.

Marcelo os encara. Seu semblante inocente e calmo. Ele dá de ombros e leva as mãos à cabeça, inocentemente.

— Explique a eles o que aconteceu aqui, dona Nina. — ergue as sobrancelhas — Seria péssimo se uma história errada ganhasse os corredores. As pessoas são maliciosas.

Desgraçado, dissimulado filho da puta.

Os dois seguranças enormes esperam por uma resposta. Olho para os dois sem conseguir elaborar nada convincente o suficiente.

— É... — refaço meu rabo de cavalo, ganhando tempo — Tivemos uma discussão de trabalho, senhores. O doutor Marcelo se excedeu quando descobriu que será demitido, mas ele já está recomposto.

Marcelo junta as sobrancelhas, mas não me desmente.

— Ele a agrediu, dona Nina? Podemos chamar a polícia.

— Não será necessário. — Marcelo se adianta e lança um olhar ameaçador em minha direção.

Os seguranças esperam pela minha resposta.

— Podem acompanhá-lo até a sala dele e depois para fora do hospital. Se ele concordar em sair tranquilamente, não precisaremos acionar a polícia.

— Acompanhe-me, por favor, doutor Marcelo. — diz o homem de terno preto.

— Acredito que não está pensando com clareza, Nina. — ele tenta me persuadir, mas mantenho minha decisão.

— Todos os seus direitos serão acertados. — respiro profundamente — E o valor que pediu será depositado ainda hoje. Depois disso, siga o seu caminho.

Se eu ceder agora, nunca mais conseguirei me olhar no espelho. Não posso deixar o medo me dominar, não posso ser refém de uma chantagem. Ele precisa entender que eu não vou me dobrar.

Marcelo sorri com os olhos fixos no chão, e então vejo mais uma vez

seu semblante se transformar diante de mim. É impressionante. Seria fascinante se não fosse assustador.

Ele está com raiva. O seu sorriso é perverso, como se quisesse mostrar as presas.

— Eu sempre sigo o meu caminho, Nina. Não posso dizer o mesmo de quem o atravessa. — ele vai até a porta — Mande lembranças para Rodrigo e para as crianças.

Um dos seguranças sai logo atrás de Marcelo. O outro permanece ao meu lado.

— Desculpe o atrevimento, dona Nina. Posso perguntar o que aconteceu de verdade? — ele olha para as coisas no chão e depois para mim.

Senhor Ronaldo trabalha no hospital há muitos anos. Lembro de ainda estar na faculdade e passar por ele quando vinha estagiar aqui. E ele já era um funcionário de muitos anos. Foi escolhido pelo meu pai e é de total confiança.

— Senhor Ronaldo, posso lhe pedir um favor? — minha voz é baixa.

— Qualquer coisa, dona Nina. — ele se abaixa para recolher o que está espalhado. — Esse homem não é boa gente.

— O senhor tem razão.

Pena que eu estava cega e só enxerguei isso tarde demais. Como fui burra.

— Qual é o favor?

Respiro fundo.

Ronaldo se ergue e cruza os braços diante do peito. É um homem de mais de sessenta anos, cabelos brancos e pele morena.

— Ninguém pode saber do que aconteceu aqui. Ninguém, compreende?

— Que raios aconteceu aqui? — Rodrigo entra intempestivo e visivelmente desconfiado.

Oh, merda!

Capítulo 15

Até aqui eu ainda não havia sentido o fim. Nem mesmo na semana passada, quando Rodrigo e meus irmãos estavam à uma porta de distância e eu me encontrava sem roupa, sendo dolorosamente penetrada por outro homem. Foi horrível, mas havia um fio de esperança.

Eu vejo o fim agora.

Ronaldo, muito discreto e educado, sai rapidamente fechando a porta atrás de si.

Ficamos os dois sozinhos. Silêncio.

Os segundos se passaram até que a primeira palavra foi dita. Não por mim.

— As pessoas estão assustadas lá fora. Este andar foi fechado e vi aquele... Não me lembro o nome dele, o quiropraxista ser levado pelo pessoal da segurança.

Levei o meu tempo para conseguir encará-lo. Toda essa situação está me sufocando e não posso continuar. É demais, muito mais do que aguento.

Não serei ameaçada, chantageada e subjugada como se não tivesse meios de me defender, como se um erro fosse maior do que eu.

Chega! É hora de encarar o monstro de frente e rezar para que o dano não seja irreversível.

— Ele veio me ameaçar e exigir... — engulo a vergonha — Exigir coisas que eu não estou disposta a dar.

— Coisas?

Olho-o aflita. Ele está sério, em sua testa três linhas profundas denunciam o quanto não gosta do rumo da conversa. Conheço suas reações há tempo demais para não notar que já desvendou o mistério, no entanto, preferem ouvir de mim.

— Rodrigo... — solto o ar e digo de uma vez — eu transei com ele. Uma vez, aqui nesta sala. Foi uma única vez e me arrependo amargamente.

Foi um erro.

De repente tomo consciência das minhas palavras e do estrago que elas podem fazer. Um buraco gelado e profundo se abre dentro do meu peito, tão grande que parece sugar as minhas energias para dentro dele.

Imóvel, com o maxilar travados e os lábios formando uma linha tensa, Rodrigo não pisca. Seus olhos estão em mim, fixos. O brilho é nitidamente caótico.

— Aqui? — ele pergunta sem desviar o olhar.

— Eu sinto muito.

— Transou com ele nesta sala? Bem debaixo do meu nariz, aos olhos de todos.

— Eu sinto muito. Por favor...

Ele leva as mãos ao rosto e esfrega a barba repetidamente. Nunca o vi tão perturbado. O que fiz? Não quero, mas vejo que parti seu coração ao meio.

— Nós não estávamos bem e eu me sentia confusa... carente. — ele serra os dentes — Não! Não estou justificando o que fiz. Aconteceu.

Limpo o rosto com o dorso das mãos, afastando as lágrimas.

Rodrigo, se afasta, vai até a janela. Tento me aproximar, caminhando em sua direção, mas me assusto quando ele desfere um soco contra o vidro.

— Naquela noite, quando chegou em casa excitada e pedindo que eu te fodesse, estava com ele? Antes de transar comigo, transou com ele?

— Não! — grito — Foi só uma vez. Eu juro.

Sei do que ele está falando e envergonho-me daquilo, mas não foi traição. Não existia nada.

— Diga a verdade, Nina. — fala de costas para mim. Seus ombros sobem e descem com a respiração acelerada.

— Eu estou dizendo a verdade. — respondo impaciente.

— Quando?

Eu não quero falar. Dói no fundo da minha alma passar por isso, mas é

um caminho sem volta e preciso me livrar do peso que carrego, mesmo que leve tudo que tenho.

Sento-me no sofá do outro lado da sala, sem forças para continuar de pé. Rodrigo permanece de costas, com o braço flexionado apoiado no vidro e a testa sobre ele. De onde estou vejo que ele também luta, mas perde a batalha contra as lágrimas.

Quanta devastação.

— Naquele dia que você ficou fora depois da nossa briga, eu estava aqui trabalhando e o... Marcelo veio até aqui. Ele queria saber por que eu havia desmarcado a minha sessão. Conversamos e aconteceu...

— Conta tudo. — Rodrigo diz em tom de ordem. Nunca o vi assim.

Não! Isso não vai mudar nada agora.

— Que diferença faz? — procuro as palavras em minha mente confusa
— Vamos esquecer o passado, podemos superar isso.

Rodrigo gira a cabeça e me olha por cima do ombro esquerdo. O que eu acabei de falar o fez lembrar daquele dia.

— Faz diferença para mim. Você não estava aqui, eu estava. Eu trouxe flores para você naquele mesmo dia. Conta, Nina?

Inclino o meu corpo para frente e seguro a cabeça com as mãos. Não quero olhar nos olhos dele.

— Foi antes.

— Vocês devem ter rido muito do idiota que ainda te trouxe flores.

— Claro que não. Pelo amor de Deus! Eu o mandei embora, o demiti. Foi o pior erro da minha vida, Rodrigo. Eu me arrependo, mas não posso apagar o que fiz.

Um longo silêncio.

Rodrigo anda pela minha sala de um lado para o outro como um animal enjaulado. Vejo o seu nervosismo, mas algo está fora do meu entendimento. Ele se aproxima de mim e se afasta, vai até o vidro. Parece procurar palavras para o que quer dizer.

De repente para, olha para o chão e ergue as sobrancelhas.

— Onde está o tapete daqui?

— Joguei fora.

Ligeiramente seus olhos se estreitaram em entendimento. Não preciso explicar o motivo.

Só quem vive tantos anos ao lado de uma pessoa é capaz de perceber no outro os sentimentos e reações. Vejo dor, raiva e angústia. Seus punhos fechados e veias exaltadas, os músculos tensos. Mal consigo encarar seu rosto sem temer pelo que virá.

Por outro lado ele também me lê e percebe que estou sofrendo. Só Deus sabe porque demorei tanto para contar. Quero abraçá-lo e dizer que tudo ficará bem, passar uma borracha e sei... Por trás da ira ele deseja o mesmo.

— Por favor, eu só quero que isso acabe. Não aguento mais... não aguento.

Ele tomba a cabeça para trás, olhos fixos no teto branco. Quando o ar escapa e seu peito afunda, o tempo fica em suspenso.

Nos conhecemos bem a ponto de eu enxergar que suas próximas palavras irão me machucar. Ainda não sei quanto, como ou o motivo, mas eu sei. Está nítido.

Rodrigo arranca seus sapatos, desabotoa os primeiros botões da camisa branca e puxa o tecido para fora da calça. Ele vai até a minha mesa e retira o telefone do gancho, depois desliga nossos celulares.

Por que está fazendo isso?

Preocupo-me um pouco quando o vejo girar o trinco da porta. Mas sei que, mesmo muito decepcionado, ele não me faria mal.

— Tem razão. Este inferno tem que acabar. Agora.

Por que acho que não estamos falando sobre mim ou sobre nós?

— Eu...

— Estamos adiando essa conversa há tempo demais. Não é de hoje que deveríamos ter colocado nossos problemas sobre a mesa. — ele abaixa e se senta no chão a minha frente — Esperamos tanto, evitamos tanto... até que permitimos a entrada de outras pessoas no que era só nosso.

Não digo nada.

Sentada no sofá, encaro minhas mãos ainda refletindo sobre “outras pessoas”? O que ele quer dizer com isso?

— Nina... Porra! Saber que a minha mulher se entregou a outro homem foi um golpe doloroso. Definitivamente eu não esperava por isso. — sua cabeça se move de um lado para o outro — Que droga! Eu não esperava.

— Rodrigo...

— Não! — ergue o dedo indicador — Deixe-me falar. — Nós nos perdemos, Nina. E por mais que eu queira gritar, por mais que eu queira te condenar e te punir, não posso. Eu não posso!

— Eu vou entender. — e realmente irei. Ele tem todo o direito de me odiar depois do que fiz.

— Eu também falhei com você. Errei e quis morrer por isso. Nós prometemos, mas não cumprimos.

— Do que está falando?

Ele se aproxima, deita a cabeça em meus joelhos como uma criança e fica. Reluto, tento controlar, mas não consigo e sem resistir meus dedos entram em seus cabelos negros e espessos. Afago os fios, toco a pele.

O tempo é um mero detalhe sem importância.

Ainda me lembro do cara alto vestindo camisa xadrez que me levou para conhecer o seu quarto com pôsteres de rock na parede. Lembro-me das meias sujas que catou às pressas e eu fingi não perceber.

Foi uma época feliz.

Ainda me lembro das semanas de prova, quando mal nos víamos e matávamos a saudade deixando os telefones no viva voz enquanto estudávamos. Eram horas de ligação onde a única coisa que se ouvia era o virar das páginas ou dedos nervosos no teclado.

Quando foi que esquecemos dos nossos votos ditos sob os olhares contemplativos dos nossos amigos mais queridos? Lembro-me do momento exato em que os escolhi, abrindo a bíblia e percorrendo cada linha do livro de Rute 1:16-17.

Eu poderia recitá-los agora mesmo...

“Não insista comigo que te deixe e que não mais te acompanhe. Aonde fores, irei. Onde ficares, ficarei. O teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, morrerei e ali serei sepultada. Que o senhor me castigue com todo o rigor se outra coisa que não a morte me separar de ti.”

De repente me dei conta que as palavras saíram uma a uma em voz alta, vindas do coração e não da boca.

Com o mesmo amor, o mesmo olhar e encanto do nosso dia, Rodrigo me observa. E novamente ficamos assim sem que o tempo importe.

— Eu Rodrigo, tomo você, Nina, para ser minha esposa fiel, para ter e manter deste dia em diante. Para melhor e para pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Para amar e respeitar até que a morte nos separe.

O sorriso surge em meus lábios enquanto ouço suas palavras repetidas. Meu coração quente outra vez, enxergando nítida a chance do final feliz e a nossa vontade de seguir em frente mesmo diante da dor e dos erros.

Mas como a magia surgiu, ela desapareceu.

Vi a escuridão cobrir e pesar no semblante de Rodrigo.

— Eu também tenho algo duro e doloroso para confessar a você. Não será fácil, muito menos simples de compreender e superar, mas se decidirmos seguir em frente depois de hoje, será sem segredos e mágoas.

— Não me conta.

Imploro covardemente.

— Nina...

— Está doendo tanto, está sangrando tanto o meu coração. Eu não quero mais disso. Chega! Eu prefiro não saber, eu escolho não saber.

Será melhor assim. Por que mais sofrimento?

— Será como um remédio amargo.

— Nunca gostei de remédios, nem mesmo os doces. — vejo que ele fala sério. Não adianta. Precisamos de uma limpeza completa — Vai dizer que já me traiu?

Ele concorda com a cabeça. Seu olhar fica perdido, como se duelsse

consigo mesmo. Uma batalha inglória.

— No dia que saí para ver as propriedades com o meu pai... naquela noite, depois que voltamos...

Um detalhe chama a minha atenção.

— Voltaram na mesma noite?

— Sim.

— Mas você não foi para casa.

É tão recente.

— Eu estava com raiva. Odeio brigar e fiquei remoendo as coisas, ruminando momentos ruins. Não vou minimizar minha culpa aqui, mas eu estava sobrecarregado.

— Procurou uma prostituta? — de alguma forma, no fundo, uma prostituta me pareceu tão banal e irrelevante. Senti-me aliviada.

Mas...

— Não.

É evidente que a transa não foi o pior. Tem mais.

— O que pode ser tão ruim para você me olhar com tamanho pavor, Rodrigo? — afasto suas mãos de mim e cruzo as pernas sobre o sofá — Vai doer tanto assim?

Ele assente.

Oh, Deus!

— Fui à casa de um amigo... precisava conversar e tomar alguma coisa forte. A ideia era voltar para casa mais leve.

Um amigo...

Arfo tomada pelo entendimento e choque.

— Rodrigo...

— O Brandão não estava em casa... — diz com a cabeça baixa, apoiada nos punhos fechados — Eu não planejei nada, Nina.

Oh, meu Deus! Meu Deus! Não!

— Giu?

Rodrigo confirma e meu coração explode no peito de dor e decepção.

Meu marido e minha melhor amiga. As pessoas que eu mais confiava. Oh, por favor ela é minha amiga há anos.

Como foram capazes?

— Nina? Nina, não foi como você está imaginando. — fala desesperado, agarrando meu rosto — Foi um erro gigante e brutal, mas não planejamos isso. Nunca houve nada. Nada. Nem um olhar, nem uma brecha ou interesse. Simplesmente aconteceu e... e... Estamos arrependidos, amor.

— Tem falado com ela?

Levanto-me. Sufocada pela dor, vou até a janela. limpo o rosto para afastar as lágrimas.

— Não. Não tenho.

— Como sabe que ela está arrependida? Pelo que sei ela tirou férias, provavelmente sem coragem de olhar na minha CARA.

— Ela veio me procurar no dia seguinte e disse que estava sofrendo muito. Foi um erro. Todos nós estamos sofrendo com os nossos erros, Nina.

Tantas coisas passam pela minha cabeça. Uma enxurrada de acontecimentos e desdobramentos atropelados. Corações destruídos, vidas bagunçadas penduradas por um fio de cabelo.

Viro-me em sua direção, encarando-o sem certeza de nada. Já não sei se quero ser perdoada. A dor está maculando meus sentimentos, distorcendo tudo ao redor.

— Fui duplamente traída.

— Estamos competindo aqui? É um jogo para saber quem falhou mais ou menos? Não, Nina.

Oh, que droga! Que droga!

— Eu te odeio neste momento, sabia? — mordo os lábios com força — Odeio nossas escolhas, nossas fraquezas, nossa covardia. Eu odeio pensar que te amo mesmo enquanto tudo parece ruído e pronto para desmoronar.

— Sinto-me da mesma maneira.

Vou até o armário, pego a minha bolsa e jogo minhas coisas dentro. Não tenho certeza do que estou fazendo, mas preciso de um tempo sozinha.

— Eu vou para casa. — digo com dificuldade — As crianças devem ficar em Campos do Jordão até o réveillon. Faltam poucos dias...

Ele vem até mim.

— Está me dizendo para não voltar para casa?

— Preciso de um tempo sozinha, Rodrigo.

— Não fui o único a errar, Nina. Por favor, não tente jogar a culpa do que estamos passando nas minhas costas como se eu fosse um monstro e você uma pobre esposa traída.

— Eu não estou...

— Claro que está! — grita — Você trepou com outro homem dentro do hospital, me traiu. Vai jogar a culpa para cima de mim?

Esfrego as mãos no cabelo.

Não podemos continuar essa conversa. Já estamos machucados demais.

— Escuta. — apoio as mãos em seu peito. O contato o imobiliza — Vamos... Só vamos deixar as coisas desinflamarem um pouco. Uns dias. Está doendo muito, Rodrigo. Eu não posso continuar essa conversa. Nós sabemos que será melhor. Por nós, pelas crianças... só uns dias de pausa.

— Uma pausa?

— Sim.

Ele assente, mesmo contrariado.

Quando a porta se fecha e fico sozinha, caio de joelhos no chão. Sem forças e sem vida. Nem mesmo a dor está aqui.

Capítulo 16

Em quarenta anos de vida, quase vinte deles vividos ao lado da minha mulher, este será o primeiro natal que passo sozinho. Completamente sozinho.

Os últimos dias não foram fáceis.

Depois de tudo que foi revelado, das feridas abertas e sangrando ininterruptamente, precisávamos nos resguardar e tentar preservar o que ainda existe. Pode parecer egoísta para quem olha de fora, mas garanto que só entende quem está dentro, vivendo e sentindo cada chicotada.

As crianças, de férias, estão protegidas de qualquer respingo e rodeadas pelo amor da família. Os três são a nossa maior preocupação e justamente por isso, decidimos nos manter temporariamente distantes.

Dói cortar na carne, mas é preciso.

Eu poderia estar em um flat, ter alugado um apartamento ou ido para a casa dos meus pais. Talvez eles estejam decepcionados com a minha recusa. Não posso lidar com perguntas e olhares penosos agora.

As perguntas precisariam de respostas, e as respostas trariam a dor de volta. Se ela não foi embora, como poderia voltar?

Acho que estou confuso.

O hospital é um bom lugar para estar quando minha cabeça implora por ocupação e meu corpo teima em não desligar. Quando tenho sono vou para um dos apartamentos da internação. Se sinto fome, o que é raro, vou ao refeitório. Se desejo matar o maldito garotão que comeu a minha mulher, me sento na recepção e finjo ler o jornal a espera da oportunidade perfeita.

O que ainda não aconteceu.

Sorte dele. E dos meus filhos, que não precisarão visitar o pai na cadeia.

Sabendo da traição, encaixo as peças e me enfurece lembrar das poucas vezes em que nos encontramos, do seu sorriso aberto. Ainda não sei o que,

mas há algo muito errado com aquele homem.

Desde o dia da briga, ele não colocou os pés no hospital outra vez. O RH diz que foi demitido e não deixou endereço ou contato. Da mesma forma que surgiu, desapareceu.

Foi um enviado do capeta para transformar a minha vida em um inferno. Fez o serviço e voltou.

A meia noite fiz uma chamada de vídeo e disse aos pestinhas o quanto os amo. Criança é admirável mesmo. Os três estavam alegres como se eu e Nina nem fizéssemos falta.

Terminei a ligação com um “feliz natal a todos”. Estava fora de cogitação conversar em particular com qualquer um. Sou ligado demais a família de Nina para conseguir esconder o que estou sentindo, o quanto estou sofrendo.

Resisti até às 2h da madrugada. Vinte minutos depois estava dentro do carro parado do outro lado da rua, vigiando a única janela acesa no nosso apartamento. Ela estava lá. Sozinha como eu, sofrendo como eu... lamentando o que passou... como eu.

Os primeiros raios de sol e as primeiras pessoas me despertaram para um fato: permaneci quatro horas ali.

Que dor é maior?

Do que consigo abrir mão?

Como posso melhorar?

O que estou disposto a aceitar?

... Estou disposto a aceitar?

Eu sei as respostas.

Ao sair dali dirigi até uma barbearia, depois tive que comprar umas camisas. Ir ao nosso apartamento não parecia adequado quando Nina ainda se mantinha longe.

Ela tem ido trabalhar. A verdade é que tem trabalhado tanto quanto eu, saindo do hospital tarde da noite e retornando junto com a luz do dia. A minha loira morre engasgada com a própria dor, mas não perde o olhar altivo

pelo qual me apaixonei. Eu a vi chegar todos os dias, estava linda.

Dia 25 passou.

Dia 26 passou.

Dia 27 passou.

Dia 29 se arrastou com pesadas correntes. Meu coração acelerou quando subi para fumar no terraço e a vi tomando um suco sozinha em uma área mais afastada. Apaguei o cigarro, joguei longe e me condenei por ter buscado consolo em um vício antigo que não mais fazia parte da minha rotina. Sou um atleta. Eu nem havia me dado conta do que estava fazendo.

Dia 30 não foi diferente dos outros. Até às 21h...

Eu estava me secando depois de tomar um banho em um dos apartamentos do hospital. Minha roupa pendurada sobre uma poltrona, a tv ligada com o volume baixo passando uma reprise qualquer. Ao meu redor o conforto impessoal de um dos hospitais mais caros do país. Estéreo e frio.

Três batidas à porta me pegaram de surpresa. As enfermeiras do andar estavam cientes da minha presença e do meu desejo de permanecer sozinho.

Abri uma brecha e me deparei com Ronaldo, um segurança muito antigo da unidade.

— Boa noite, doutor Rodrigo. — diz cordialmente.

— Boa noite, senhor Ronaldo. Aconteceu alguma coisa?

Sinceramente não consigo pensar em uma razão que o trouxesse até mim.

Ele ergue um aparelho celular. Vejo que há uma chamada em curso.

— O doutor Leônidas está do outro lado da linha e me pediu muito educadamente para localizar o senhor nem que estivesse no inferno. Se fosse preciso, deveria esmurrar o próprio capeta.

— Muito educadamente.

— Oh sim. — ele esboça um sorriso — Não precisei de tanto, mas consegui. É melhor atender.

Penso. Venho ignorando chamadas de todos os lados, fingindo-me de

morto para todos.

Por fim, pego o celular e entro no quarto.

— Leônidas.

— Rodrigo.

A voz fechada e rouca do meu sogro é inconfundível. Por anos convivi com a sua personalidade forte e com o seu coração grande. Por trás do carrasco exigente e sisudo, há um velho amigo.

Não ouço vozes, provavelmente ele está caminhando pela propriedade ou dentro de seu escritório.

— Vai me contar o que aconteceu?

— Não.

— Eu imaginei, filho da puta. — pigarreia — Ela também não quer contar. É teimosa, centralizadora.

— Quem será que puxou?

— Se tivesse me puxado não demoraria tanto para recuperar o que mais ama. Tenho todos os defeitos, mas sei reconhecer cada um deles.

Quanto a isso não posso discordar.

— Rodrigo, — ele começa e presto atenção — Sua esposa chegou aqui abatida, magra, triste e o pior... ela chegou sozinha. Ela está sozinha porque você não foi homem o suficiente para se fazer presente ao lado dela.

— As coisas não são tão simples. — deito-me na cama e apago a luz.

— Oh, eu sei disso. Tenho mais tempo de casado do que você poderia contar. E tenho orgulho em dizer que nunca abandonei a minha mulher. Sabe por que? — não respondo — Porque ela é MINHA MULHER.

— Leônidas, eu...

— Você é um filho da puta covarde. Achei que eu tivesse acertado quando a entreguei a você, Rodrigo.

— Quer parar de me ofender?!

— Dê-me uma razão para fazer isso, moleque?

Moleque? Não sou obrigado a ouvir isso calado.

— Foi ela quem pediu por isso, Leônidas. Ela não me quer por perto. NÃO FUI O ÚNICO A COMETER ERROS. Mas ela quis esse inferno de pausa. Acha que gosto de não ter minha mulher comigo? Acha que gosto de não ter a minha família comigo? EU NÃO GOSTO NEM UM POUCO.

Perdi o controle. Não deveria, mas gritei com ele. gritei como nunca fiz em vinte anos.

— Não gostou, mas está aí e não aqui.

Solto o ar. A raiva fervendo dentro de mim.

— Ela nem mesmo me contou que iria hoje. — e eu também não perguntei — O que me sugere?

Conhecendo meu sogro como conheço, não é muito esperto lhe pedir conselhos racionais.

— Porra! Eu erreí mesmo com você.

— Vai continuar com isso?

A gargalhada ácida atravessa a linha e dilata mais tímpanos.

— O genro que aceitei dentro da minha casa, me enfrentou sem titubear quando descobriu que Nina estava grávida. Eu fui bastante grosseiro naquela ocasião e ele não recuou a porra de um centímetro. Eu vi um homem de valor ali. O genro que aceitei, sustentou sua palavra quando não havia mais bebê. O genro que eu aceitei, me deu três netos incríveis.

Um nó doloroso me silencia.

— Há uns anos você carregou minha filha desmaiada por doze horas no meio de uma floresta. Eu tinha certeza que a traria de volta porque era você e não outro.. E também tive certeza que seguraria a mão dela a cada parto. Você me provou ser o homem certo, Rodrigo.

— Eu sou. — é tudo que consigo dizer.

— Se ainda se amam. Se o que sentem um pelo outro não foi destruído por sabe lá Deus o que aconteceu, seja aquele homem agora. Mas vou entender se for o fim e te respeitar por saber reconhecer que o que havia entre vocês acabou.

Não acabou!

Só a menção ao fim leva o ar para fora de mim. Não acabou.

— Ela é a minha mulher, Leônidas. Isso não mudou.

Desligo o telefone com a decisão tomada.

Capítulo 17

Arrumo o cabelo de Lia. Minha caçula passa longe de ser uma mocinha comportada e por isso só um rabo de cavalo para garantir que ela não sofra com os fios entrando em seus olhos enquanto corre e se diverte com todo o espaço livre. Eu estava morrendo de saudade deles. Saudade de estar junto de cuidar e ouvir sua bagunça. Estava quase esquecendo como é bom.

— O papai vem?

— Hoje não, meu amor.

— Por quê?

Oh como é difícil.

Desde ontem, quando cheguei aqui, tenho respondido as mesmas perguntas.

Ainda bem que só preciso lidar com as crianças. Meus pais, primos e tios parecem determinados a não tocar no nome de Rodrigo ou levantar qualquer questão sobre o nosso casamento.

Tenho certeza que já viramos assunto em todas as rodas, mas agradeço por eles estarem conseguindo fingir bem.

— Seu papai está muito ocupado ajudando as pessoas no trabalho, meu amor. Médicos as vezes precisam doar seu tempo para cuidar de outras famílias.

— Entendi, mamãe.

As festas de final de ano são muito aguardadas em nossa família. É o momento em que nos reunimos, a chance de juntar todos em um mesmo lugar e desfrutar de momentos e memórias.

Às 19h todos estão prontos para a passagem do ano.

Marco, Matteo, Luca, Milena e Belinda, com seus respectivos companheiros, jogam War no chão da sala de televisão, enquanto as crianças brincam no jardim e os mais velhos conversam na varanda. Os ambientes são abertos e integrados, de forma que interagimos e palpitamos entre os grupos.

Nossa família não se difere das outras. Somos apenas um grupo de pessoas que se ama e se ajuda ao longo da vida.

Auxilio Damaris a forrar uma frauda sobre o sofá para trocar Miguel, o pequeno mais gorducho e encantador que já vi. Ele é a cara de Marco.

— Olhando pequeno assim dá saudade, mas passa rápido. — brinco.

— Pode pegar esse aqui para você por uns dias. Eu deixo.

— Por enquanto vou passar a oferta. — brinco com ele para distraí-lo enquanto a mãe faz o serviço sujo — Quando for maior eu pego. Ele vai adorar ficar lá em casa.

— Vai mesmo. No dia que Marco levou as crianças com ele, Miguel amou a farra. Ele adora criança.

Sorrio para esconder a dorzinha de saudade que sinto.

A última vez que Marco pegou meus filhos, foi a noite que eu e Rodrigo passamos lembrando bons momentos e terminamos nos amando apaixonadamente. Foi perfeito.

— Não é vergonha sofrer por amor, Nina.

Ergo os olhos. Damaris é uma mulher incrível. Ela entrou em nossa família para somar e vem fazendo isso todos os dias.

— O sofrimento não me envergonha. O que me trouxe até aqui, sim. — olho ao redor para ter certeza que todos estão ocupados — Acho que meu casamento acabou.

— É o que você quer?

— Algumas vezes pensei que sim, mas todos estes dias e o vazio me fez enxergar que não é o que desejo. Eu ansiava por mudança, mas não tão radical. Na verdade só precisávamos reordenar as coisas... não as destruir.

Ela pega o pequeno nos braços e se levanta, indo em direção ao jardim dos fundos da casa. Acompanho-a e continuamos a nossa conversa.

Miguel dorme, o falatório continua no interior da casa e nós duas conversamos. É quase um monólogo. Eu falo e ela me escuta. No máximo faz comentários pontuais sobre o que digo.

Falar sobre Marcelo e Giu ainda é uma barreira que não consigo transpor, mas desabafar colocando para fora a montanha de outras coisas que nos direcionaram para o ápice, me faz bem.

À medida que me abro, me sinto leve.

Damaris é uma excelente ouvinte.

— O meu pai veio! O meu pai veio sim! — ouço a voz de Lia.

Estico o pescoço para ver a movimentação. Felipe, Luiz e Lia correm pelo alpendre da casa e logo descem as escadas aos tropeços. O rabo de cavalo que fiz em Lia agora não passa de um fiapo de cabelo rodeado por fios solto no ar.

Olho para Damaris. Meu coração acelerado, tomado por uma esperança tola. O que espero? Que ele venha montado em um cavalo branco e me diga que tudo não passou de um pesadelo ruim?

A última semana foi a pior.

Chegar em casa e ser recebida pelo vazio machucou muito mais do que qualquer coisa. Minha família, mesmo com todas as nossas arestas a serem aparadas, faz falta. Eles são quem eu sou.

Relutei, mas descobri que ainda não estou preparada para desistir do meu casamento. Provavelmente jamais estarei. Mesmo ciente de tudo que eu e Rodrigo precisamos melhorar, conversar, ceder e trabalhar, estou disposta a tentar mais uma vez.

— Está esperando o quê para ir até lá? — pergunta Damaris com Miguel adormecido nos braços.

— Não vai parecer que estou desesperada?

— Você está?

— Não! — respondo imediatamente.

— Continue mentindo assim e ninguém notará.

Ela cobre o rostinho do filho com um lenço e desaparece no corredor que dá acesso aos quartos.

Acalmo meus passos apressados, solto o cabelo.

Perto da área dos carros, distante da casa grande, Rodrigo retira cinco

malas do carro. São nossas malas de viagem, as que usamos para férias longas e destinos elaborados.

O que significa isso.

Permaneço observando o encontro a distância. Luiz é o primeiro a chegar. Rápido e competitivo, saiu em disparada deixando os outros dois para trás e pulou nos braços do pai. Depois chegou Lia, escalando o corpo de Rodrigo como se fosse um rapel. Ela chega ao pescoço dele sem dificuldades.

É uma cena que enche o meu peito de alegria.

Felipe chega por último. Grande e mais pesado, ele abraça a cintura do pai e ganha um beijo na testa carregado de carinho. Os dois trocam algumas palavras, mas não ouço o que dizem.

Só então sou notada.

Momentaneamente as crianças ficam em segundo plano. Nossos olhos se encontram e uma conexão acontece. Sem precisar de palavras, ele confessa a saudade e a necessidade de ser aceito de volta, de me receber de volta de acabar com todo o espaço entre nós.

Meus olhos sorriem de felicidade. Estão contentes em vê-lo.

Ele está diferente, mais magro, cansado e até mais velho.

Talvez eu não esteja diferente.

A pausa deixou marcas profundas em nós dois. Não só a pausa, mas obviamente a decepção e o arrependimento.

Entro em casa abraçando meu corpo. Os olhos de todos estão em mim, ávidos por um sinal qualquer.

— O que foi?

— Não vai receber o seu marido, filha? — meu pai pergunta.

Ao seu lado minha mãe parece saber mais do que eu. Ela estava complacente demais para não ter nenhuma carta na manga.

— Ele sabe o caminho.

— Credo, Nina, mas você é uma mula empacada mesmo. — diz Belinda, sentada no chão na rodinha do jogo.

— Falou a lady. — retruca Marco.

Ignoro as brincadeiras e alfinetadas e vou para o meu quarto. Preciso de alguns minutos sozinha para me preparar para o que está por vir. Estou adiando este reencontro a tempo demais.

Se precisamos tomar uma decisão, que seja logo.

Desta vez peguei um quarto para mim e para as crianças. Normalmente ficamos em um dos chalés perto do lago, mas me senti desconfortável de ficar lá sem Rodrigo. O nosso chalé tem as nossas coisas, o nosso jeito. Só alimentaria a saudade que eu tentava abafar.

Sento-me na cama. Meus dedos estão tremendo e o coração em um duro galope. Nem em nosso primeiro encontro me senti tão aflita. Eu não sei o que dizer, como agir ou o que esperar.

Não é como se ele fosse o vilão da nossa história. A verdade é que a única culpada foi a mágoa, que envenenou nossos corações e nos fez tomar as piores decisões, desejar as piores coisas.

Eu estava tão perdida que não vi o quanto ele também estava. Estava tão carente que não cogitei a possibilidade de ele estar também. Havia muito egoísmo e pouco casamento.

— Se a tristeza em seu olhar for por minha causa...

Na porta, parado me encarando, está Rodrigo.

— Não é.

— Que bom. — seu rosto se contorce — Posso entrar?

Assinto. Ele entra e se senta do outro lado da cama. Está usando calça jeans e camisa branca. Rodrigo é o tipo de homem que sustenta bem qualquer roupa, seu porte e postura transformam uma regata em alta costura.

— As crianças estão explodindo de felicidade. — digo.

— Eu estava morrendo de saudade deles. Acho que eles cresceram nos últimos dias. Lia está mais pesada.

— Minha mãe faz macarrão com queijo para ela todas as noites. Não sei mais o que dizer para impedir.

Rodrigo acha graça.

— Eles estão de férias, deixa. Casa de vó é assim.

Sou a megera mesmo.

— Se ela passar um mês aqui não entrará nas roupas que tem. Já basta o que Felipe passa na escola.

— Sobre passar as férias aqui...

Ele retira um folheto do bolso e me entrega.

É um encarte a respeito de um cruzeiro da Disney que parte de Miami e roda pelo caribe por uma semana. Leio cuidadosamente as informações, uma delas grifada em amarelo.

— Eu liguei para o hotel na Alemanha e, como não pagamos a reserva, perdemos. Acho que no meio de tudo ninguém lembrou. Então pensei que as crianças nunca fizeram um cruzeiro.

Fico sem palavras.

Ele está me convidando para fazer um cruzeiro em família no meio do furacão que estamos enfrentando?

— Rodrigo...

— Comprei as passagens de avião até a Flórida e a cabine no navio. Tem varanda. — pontua, animado — Passei em casa. Na nossa casa. Fiz as malas de todos, coloquei tudo o que lembrei e encontrei pela frente. possivelmente pagaremos excesso. Não esqueci suas coisas de cabelo e os protetores.

Ele fala sem parar.

Rodrigo conta os detalhes da viagem, as exclusividades do navio e os programas interessantes que selecionou para fazermos a bordo. Sua empolgação é uma máscara que esconde o nervosismo. Conheço-o para ver a insegurança escondida por trás de toda essa alegria.

— Não podemos fazer isso assim.

— Por quê?

Fico de pé, ganhado certa distância.

— Iremos jogar a sujeira para debaixo do tapete como fizemos com todas as outras coisas no passado?

— Não. Vamos dissecar, dissolver, esmiuçar cada um dos nossos monstros. É isso que faremos. — ele também se levanta, mas não se aproxima de mim — Nada mais irá para debaixo do tapete. Nem mesmo teremos um.

— E faremos isso viajando pelo Caribe com o Mickey?

Ele ri.

— Podemos trocar as passagens e deixar as crianças aqui até o final das férias. Prefere Paris? A cidade luz pode ser um bom destino para um recomeço.

— Não quero ficar longe deles nem mais um minuto, Rodrigo.

— Eu sei disso. — em três passos ele vem até a mim e segura meus braços — Sairemos de férias em família, nós cinco. Depois do cruzeiro podemos escolher outro destino. O que eu tinha para te contar, já contei, Nina. Agora quero te reconquistar.

Oh meu Deus! Como eu amo quando ele volta a ser o homem com quem me casei.

— Acha que conseguiremos nos perdoar? — pergunto em voz baixa.

É uma pergunta mais complexa do que parece.

Mesmo frente a frente e com as mãos de Rodrigo em meus braços, ainda não tivemos nenhum contato mais íntimo. Olho para o rosto, seus olhos tão expressivos, sua boca e me sinto atraída por cada detalhe.

— O que eu descobri dia após dia, foi que eu não conseguiria viver longe de você. Eu já te perdoei e rezei todos os dias para que você também me perdoasse. Um dia não pode pesar mais do que vinte anos, Nina. Não faz sentido.

Abaixo a cabeça, emocionada.

Ele tem razão. Tem toda razão. Se ele está disposto a deixar o passado no passado, por que eu não conseguiria fazer o mesmo?

— Eu morri de saudade. — confesso com voz embargada.

— Eu também, amor.

Quando seus braços envolvem meu corpo e, efetivamente, sinto-me

aconchegada dentro deles, deixo a emoção fluir dos pés aos fios de cabelo. Arrebatando tudo que há em mim. O cheiro, o calor, a força tomando o seu lugar e preenchendo o que antes estava vazio. Não há espaço para o que ficou para trás, está tudo ocupado pelo que sentimos na essência.

É isso que me faltava. O que perdemos pelo meio do caminho e abandonamos sem nos importarmos se faria diferença.

Os lábios de Rodrigo procuram os meus deslizando pelo meu rosto até encontrar. Recebo sua língua e lhe dou a minha. É um beijo cheio de saudade, profundo e íntimo.

Enrolo as mãos no pescoço dele e o puxo mais para mim, gemendo em contentamento quando minhas costas se chocam contra a parede. Ele me levanta, tira meus pés do chão e eu os enlaço ao redor dele.

Rodrigo não interrompe o beijo para nada. Não demora, nossos corpos respondem.

Calor. O desejo começa a fluir através das minhas veias e escapar pelos meus poros. Exalo tesão. Tremo por dentro ondulo por fora, oferecendo a ele tudo o que tenho e sei que ele quer. Eu dou.

Meus dedos permeiam seus cabelos. Os fios estão longos e gostosos de pegar. Quero que mantenha assim, é selvagem. Escorrego as mãos pelo pescoço e ombros, afundando as unhas em sua pele sob a camisa.

— Quer que eu te foda ou que faça amor com você?

— Que me foda... com amor.

Meu quadril está inquieto se esfregando e rebolando contra o volume do jeans. Os movimentos empurram minha saia para cima, revelando a calcinha de renda branca e minha vagina húmida e pronta.

Rodrigo cambaleia até a cama, caindo comigo no colchão macio. As molas gemem e nós sorrimos. Devem ter ouvido isso na sala.

— Será que já sabem que a conversa se aprofundou? — ele brinca.

— Devem estar torcendo por isso.

Engatinho para cima até alcançar o interruptor. Com as luzes apagadas e as janelas abertas, a luz da lua inunda a cama.

— A lua lhe cai bem.

— Em você também.

Rodrigo arranca a camisa por cima da cabeça e depois a calça junto com a cueca. Seu pênis salta duro apontando para mim. A cabeça já melada, assim como eu.

Ele vem para cima, bombeando seu pênis que só cresce. Abro as pernas e sustento o tronco com os cotovelos apoiados na cama. Quero ver o que ele vai fazer.

Rodrigo puxa o fundo da minha calcinha branca para o lado, mete o rosto entre minhas pernas e enfia a língua dentro da minha boceta, girando, depois sobe e chupa meu clitóris intercalando movimentos precisos com lambidas longas e molhadas. Vou a loucura.

Não consigo me manter e caio de costas na cama. Oh que perfeito! Levo as mãos aos mamilos e aperto com força, explodindo com a sensação. Rodrigo não para de me chupar.

— Achei que escolheria vermelho para a virada.

Engasgo com o prazer que ele me dá, mas ergo a cabeça para responder.

— Já tenho uma paixão.

Ele sorri com meu broto entre os dentes. A vibração é deliciosa.

Os ataques não param por um longo tempo.

Suas mãos me puxam mais para perto, colado em sua boca até conseguir o que queria. Gozo. Controlando os gemidos, afundando minhas unhas no lençol e erguendo o quadril, eu gozo. Dois orgasmos seguidos que me levam ao limite.

— Que boceta gostosa! — ele lambe meu gozo — Sabor de mulher.

Sem pausa, ele vem para cima de mim. Gira meu corpo, erguendo minha bunda no ar e lambe para depois enfiar dois dedos dentro de mim. Meu ânus contrai, mas ele insiste com o indicador e o dedo médio enterrados na frente e o polegar pressionando atrás.

Fica tão intenso.

— Enfia mais.

Ele retira os dedos da frente, então enfia os dois em meu ânus. Estão pingando pela a minha excitação e entram com facilidade. Empurro de volta, desejando mais.

Empino. Rebolo e me abro inteira.

Eu quero chupá-lo. Adoro ver o seu prazer e me sentir no controle da sua libertação, mas no ritmo alucinado que vamos, não acontece.

Rodrigo se senta na cama com as costas apoiadas na cabeceira acolchoada. paro na outra ponta, nua e descabelada para admirar a cena. Seu peito bem definido, com pelos negros aparados e gominhos. Mais para baixo o pênis chama a atenção. Grande, grosso, cheio de veias e com a cabeça vermelha e molhada. Está apontando para o céu, pronto para eu me sentar.

— Vem aqui. — diz, masturbando seu pênis — Vem foder comigo, enquanto te amo.

Engatinho até ele sem um pingo de vergonha. Seus olhos cheios de desejo vidrados em meus seios que balançam com os bicos duros. Monto-me sobre ele, mas não desço. Sustento o corpo com os joelhos e rebolo no ar com sua glândula dentro de mim.

— Nossa! — ele geme — Oh, Nina!

Seu prazer me incentiva a continuar.

Rebolo mais e inclino para frente. Ele abocanha o biquinho e suga. Meus seios são sensíveis, um simples toque já me arrepia. Rodrigo sabe como fazer.

Está tão bom!

Tremo inteira enquanto escorrego para baixo, engolindo seu pau até a base. A sensação de empalamento leva minha voz.

Rodrigo enfia a mão em meus cabelos e me domina com facilidade. Mesmo por baixo, ele dita a velocidade e empurra contra mim, penetrando profundamente.

Começo a rebolar de encontro a suas investidas, sentindo mais um orgasmo chegar. Meu corpo sedento vai sozinho em busca do prazer.

— Rodrigo...

Estou pronta para outra. Tudo em mim se armava para o momento.

— Vou gozar com você, amor.

Ele agarra minhas nádegas com as duas mãos, puxando para si e empurra fundo muitas vezes. Repetindo a investida feroz. Ele está faminto, desesperado de tesão. Fica claro pelo seu olhar, pelo som pesado que sai da sua garganta, os músculos contraídos e dureza de seu membro.

Minha vagina aperta, pulsando ao redor do pau durante o orgasmo. É um momento de puro frenesi, pois enquanto me contraio, ele se dilata e derrama seu prazer dentro de mim.

— OH! — ele gemeu longa e dolorosamente.

Eu não tenho forças para gemer.

Quando termina, tombo meu corpo sobre o dele, respirando com dificuldade, sentindo meu coração acelerado e o sangue correr. Estou uma bagunça.

Ficamos assim.

Eu não me afasto e Rodrigo não me solta. Nossos corpos ainda conectados mesmo que relaxados, posso senti-lo dentro de mim.

— Te fodi com todo o meu amor. — sussurra exausto.

— Sem dúvida. Sinto-me fodida e amada.

Nos beijamos.

Entre um beijo e outro, percebo seu olhar preocupado.

— Vamos viajar? — Rodrigo pergunta.

Ele escova meus cabelos com os dedos.

— Vamos.

Saímos do quarto a tempo de ceiar com todo mundo. Obviamente tivemos que aguentar algumas piadinhas e olhares maliciosos. Nada que não pudesse ser contornado depois de três orgasmos e uma reconciliação.

Papai preparou uma queima de fogos inesquecível. À meia noite fomos para o jardim e admiramos o show pirotécnico de luzes coloridas no céu.

Final de ano tem o poder de nos sensibilizar e potencializar qualquer coisa seja ela boa ou ruim. Pude sentir isso na carne. No natal, enquanto andava sozinha pela casa vazia com uma garrafa de vinho numa mão e um panetone inteiro na outra, pude experimentar o lado ruim. Eu poderia pegar o carro e passar a data com a minha família, com os meus filhos, mas não me senti emocionalmente bem para interagir com outros seres humanos.

Meu natal foi, com toda certeza, o pior que já passei e passarei em toda minha vida.

Diferentemente, a virada de ano veio com a lei da compensação.

Capítulo 18

02 de fevereiro

— Como foi de férias, Nina?

— Muito bem graças a Deus, doutora Sayonara.

Depois de 10 dias no Caribe e 20 dias finalmente na Alemanha, posso dizer que aproveitei as minhas merecidas férias com tudo que tinha direito. Dancei com o Mickey, mergulhei com golfinhos, tomei café da manhã com a Cinderela e ainda tive a irresponsabilidade de aceitar participar de um concurso de mímica no navio. Seria simples, se eu não tivesse me descoberto uma pessoa muito competitiva.

Por sorte naquela noite contratamos uma tripulante para ficar com as crianças. Foi a noite do papai e da mamãe. Resultado? Levamos uma competição recreativa a ferro e fogo e saímos de lá as gargalhadas depois de vencer todos os outros cento e cinquenta casais. Inacreditável. Terminamos tomando um porre de tequila no bar do navio do rato falante.

Hoje volto ao trabalho com as energias renovadas.

— Pelo sorriso em seu rosto, imagino que tenha encontrado um equilíbrio para os problemas que vinha enfrentando. Estou certa?

— Está sim, aos poucos. Cada dia melhor.

— Conte-me.

Acomodo-me melhor na poltrona e relato tudo o que aconteceu no dia em que mandei Marcelo embora do hospital. Falo sobre a chantagem, sobre o meu medo de ter a minha vida exposta e perder o respeito da minha família. Do meu medo de perder o meu casamento. Ela escuta atenta a todos os detalhes.

Infelizmente ainda não consigo falar sobre uma parte, a que mais me machuca. É um assunto muito difícil e delicado que mexe com feridas que ainda sangram.

Falar sobre a pausa me faz visitar um momento muito doloroso, no entanto ao contar sobre o processo, entendo que foi necessário atravessar a dor da ausência para entender que eu não estava disposta a viver aquilo por mais tempo.

— Você disse que o seu marido perdoou a traição e que desde então tem sido um companheiro melhor e mais presente. Isso é ótimo. As pessoas não são perfeitas e o perdão é uma ferramenta para o convívio e a felicidade. Principalmente dentro do casamento.

— Não é exatamente o que eu quero dizer, mas parece que o que aconteceu veio para nos lapidar.

Doutora Sayonara inclina a cabeça. Não concorda e nem discorda, mas segue anotando coisas em seu caderninho.

— Quando disse que perdoou o seu marido, isso se estende a sua amiga?

Ela me encurrala.

— Eu não sei. Acho que ainda não pensei sobre isso.

Doutora Sayonara me encara por cima dos seus óculos com aquele típico ar de dúvida.

— Nina, a sua melhor amiga transou com o seu marido. Acredito que você tenha pensado muito sobre o assunto. Talvez tenha pensado tanto que preferiu esconder o problema em alguma caixinha dentro de você.

Eu pensei mais sobre isso do que sobre qualquer outra coisa. Juro que tentei equilibrar o que senti e dividir o perdão entre os dois envolvidos, mas não consegui. Mesmo sabendo que é o certo, mesmo me sentindo mal por isso, não consigo.

Esfrego meu rosto com a mão e mexo nos cabelos.

— A verdade é que esperei por ela todo esse tempo. Esperei que me ligasse, que me contasse os seus motivos ou que ao menos me pedisse perdão. Nada disso aconteceu.

— Tentou procurá-la?

— Não tentei e nem vou. Se ela quiser falar comigo, serei toda ouvidos, mas não irei atrás. Eu sinto falta dela ao meu lado, das nossas conversas. Me dói perceber que mais de um mês depois ela ainda não me procurou.

Giulia desapareceu como fumaça. Enquanto estive de férias ela veio ao hospital e solicitou uma dispensa temporária. Ao que tudo indica, ficará seis meses afastada das suas funções.

O meu telefone é o mesmo, o meu endereço também. Se nossa amizade for mesmo importante para ela, saberá como me encontrar.

— Algumas pessoas enfrentam grande dificuldade para assumir seus erros ou para encarar um problema pessoal de frente. Giulia pode querer desesperadamente o seu perdão, mas não consegue te encarar.

— Duvido muito que seja o caso dela.

— Não duvide, Nina. Só sabemos como reagiremos em uma situação quando passamos por ela.

A sessão continua por mais vinte minutos. Tem me feito bem conversar com a psicóloga e colocar para fora sentimentos que costumo guardar. Aos poucos tenho certeza que serei capaz de abrir tudo o que me incomoda e quem sabe amenizar a angústia que ainda me acompanha.

Retorno para a minha sala pronta para começar o meu primeiro dia de trabalho do ano. Estou animada e pronta para matar o leão.

Ao passar pela mesa de Ierlane, noto que está vazia. Pegó minhas correspondências e caminho em direção a minha nova sala.

Ao sair de férias deixei uma tarefa para a minha secretária, ela deveria supervisionar uma pequena reforma na sala do final do corredor. É um espaço pouca coisa menor e com uma vista menos privilegiada. São detalhes que pouco me importam.

Ierlane fez um excelente trabalho. Meu novo escritório ficou incrível.

Estou em minha nova sala trabalhando quando Rodrigo entra. Sua chegada intempestiva me deixa confusa. Ele não costuma aparecer aqui no meio do dia, muito menos abrir a porta sem bater porque sabe que posso estar em reunião.

— Você está bem? — pergunto.

Ele entra e fecha a porta. Não parece muito confortável.

— Podemos conversar?

O seu tom é preocupado, beirando o desespero. Vejo que tenta não transparecer, mas falha, pois seus olhos vidrados em mim e o vinco em sua testa denunciavam que algo está errado.

— Precisa ser agora? Farei um intervalo para o almoço em vinte minutos.

Ele me encara e então leva a mão a parte de trás da cabeça.]

— Tudo bem, vamos conversar agora. — aceno para que ele se sente na outra cadeira.

Empurrei os documentos que eu estava lendo para um canto e desliguei a tela do computador. Se ele deixou o andar da cirurgia para vir falar comigo, imagino que seja algo que precise de toda a minha atenção.

Rodrigo saca o celular e me entrega o aparelho desbloqueado. Na tela uma reportagem policial com o título: *Homem é preso acusado de chantagear mulheres em troca de sexo ou dinheiro. Um dos casos terminou em morte.*

Com os dedos tremendo por imaginar do que se trata, leio o corpo da reportagem.

“Marcelo Fonte foi preso na última terça-feira (25), em flagrante. O homem, que é quiropraxista, manteve relações sexuais com uma cliente e após o acontecido começou a extorqui-la sob a ameaça de revelar ao marido da vítima o adultério. A mulher que não será identificada, chegou a pagar o valor, acreditando que se veria livre do problema, mas não foi bem assim. Dias depois Marcelo exigiu uma nova quantia. A mulher alegou não ter mais dinheiro e implorou ao criminoso que a deixasse em paz, mas não adiantou e ele fez novas exigências. Para guardar o segredo, Marcelo a obrigou a ter relações sexuais novamente com ele.

A vítima, uma jovem de trinta e cinco anos, mãe de duas filhas, denunciou o crime à polícia, que chegou ao criminoso. Graças a divulgação da foto de Marcelo em nosso jornal, mais de dez mulheres já prestaram queixa contra ele, alegando terem sofrido crimes semelhantes. O caso mais grave ainda está sob investigação. Neste, Marcelo é acusado de asfixiar uma mulher durante o sexo até a sua morte. Ao que tudo indica ela seria mais uma de suas vítimas.”

Sinto-me anestesiada.

Cada palavra pareceu perfurar meu corpo. Tento respirar, mas o ar não vem, minha visão escurece e meus ouvidos fecham por completo.

Desesperada, tento me mexer, gritar.

Pânico. Escuridão. Silêncio.

As sensações são assustadoras e incoerentes.

...

...

De repente, alguém segura a minha mão. Dedos quentes massageiam minha mão com carinho e cuidado. Posso sentir pelo toque que a pessoa está cuidando de mim mesmo que eu não possa vê-la. É bom e reconfortante.

O apito do oxímetro. Estou ouvindo o apito e senti o sensor em meu indicador esquerdo.

Estou internada.

Mas por que estou internada?

Não lembro do que aconteceu. Posso ter sofrido um acidente de carro ou caído. Mas nada está doendo. Será que foi infarto?

— Consegue me ouvir?

Reconheço essa voz, é meu marido.

— Nina, se você estiver me ouvindo, pisque.

Preciso de um esforço enorme para conseguir mover minhas pálpebras para cima e para baixo. E quando faço pela segunda vez, vejo um vulto alto de cabelos pretos ao meu lado.

— Rodrigo?

— Sou eu, amor. Graças a Deus!

Ele beija minha testa.

— O que aconteceu comigo?

Minha visão começa a voltar ao normal. O rosto de Rodrigo está péssimo, com olheiras profundas. Deve estar sem dormir.

— Você não se lembra de nada?

Tento puxar minha última memória. As lembranças vêm embaralhadas e imprecisas.

Minha cabeça dói.

— Fui à doutora Sayonara.

— Sim, você foi.

— Trabalhei na minha sala a manhã inteira. Tive uma videoconferência o pessoal do marketing da rede. Eu saí para almoçar?

— Não, você não saiu.

Tento um pouco mais.

— Espera... — levo a mão a cabeça — Você foi a minha sala antes do almoço. Eu lembro.

— Isso mesmo, Nina. E você se lembra o que eu fui fazer lá?

Hum...

Fecho os olhos novamente.

Eu estou quase lembrando, posso sentir. Eu sei o que é. Rodrigo estava preocupado comigo, nem quis esperar até a hora do intervalo. Ele me deu algo para ler. Uma reportagem.

Doutor Ernesto, neurologista, entra no quarto com o meu prontuário.

— Bom dia, dorminhoca.

— Bom dia, doutor Ernesto. Há quanto tempo estou aqui?

— Hoje é o segundo dia.

Olho chocada para Rodrigo.

— E as crianças?

— Eles estão bem, não se preocupe. Nossa prioridade agora é você.

Doutor Ernesto conta que tive uma crise de pânico forte o suficiente para me congelar e interromper a oxigenação no meu cérebro, o que causou o desmaio. Por sorte e por trabalhar dentro de um hospital, o atendimento foi rápido. Ao que tudo indica não terei nenhuma sequela do incidente.

É inacreditável. Nunca tive qualquer problema parecido.

— A Bela adormecida já pode receber visitas? — doutora Sayonara aparece na porta.

— Vou deixar vocês a vontade. — doutor Ernesto sai e leva Rodrigo com ele.

Ficamos apenas eu e Sayonara no quarto.

Aciono os botões da cama e elevo a cabeceira para ficar mais confortável e conversar com a minha psicóloga.

— Lembra porque veio parar aqui?

— consigo lembrar até o momento que Rodrigo me deu uma reportagem para ler. A partir daí é tudo escuridão.

Sayonara concorda com a cabeça.

— Você sabe quem é Marcelo Fonte?

O nome é como um interruptor, um gatilho. Imediatamente tudo volta a minha cabeça.

A reportagem. As mulheres que ele chantageou, a outra que ele matou ou estuprou. Ele é um monstro.

Olho para Sayonara sentindo uma lágrima escorrer pelo meu rosto. É espantoso, mas o que sinto neste momento é raiva.

— Ele fez o mesmo comigo.

— O mesmo? Quer dizer te chantagear? Ele exigiu que você desse dinheiro a ele em troca do silêncio?

Ela levanta uma das sobrancelhas e apoia as mãos sobre a minha cama.

— Ele me estuprou, Sayonara.

Capítulo 19

Depois de reler a reportagem, fiquei profundamente incomodada. Era como se eu estivesse falhando com aquelas mulheres ao não gritar junto com elas. Eu estava me negando a ajudá-las.

Ou pelo menos era assim que eu me sentia.

Foi então que decidi procurar as vítimas que se identificaram. Eram mulheres comuns, mulheres como eu que se deixaram levar por um desejo momentâneo, por um rosto bonito. Três delas perderam seus empregos por causa da repercussão do caso. Elas eram as vítimas, mas estavam sendo punidas de todos os lados como se ninguém nunca tivesse errado na vida.

Os julgadores de caráter apontavam o dedo para elas na rua, faziam chacota da sua situação. Houve quem disse “bem feito”. A cada relato que eu escutava, me sentia mais covarde.

Resolvi ajudar da forma que consegui. Pedi ao RH que encontrasse vagas para as três mulheres demitidas. Infelizmente não posso voltar no tempo, mas alguma coisa sempre dá para fazer.

Rodrigo já sabia que eu fazia parte daquela estatística. Ele não teve coragem de perguntar. Acho que ficou impressionado com a crise de pânico ou quer simplesmente passar por cima do passado e seguir em frente.

Eu não poderia prestar queixa sem antes contar a ele tudo o que aconteceu. Seria uma conversa dolorosa, mas inevitável. E foi isso que eu fiz.

A primeira reação dele foi de raiva. Não de mim, mas de si mesmo por não ter tido a chance de impedir. Ele ficou descontrolado ao ouvir da minha boca o que aquele homem havia feito comigo no banheiro. Só quando o seu acesso de raiva passou, ele conseguiu enxergar o quanto eu estava sofrendo. Viramos a madrugada em claro, minha cabeça pousada em seu peito, recebendo o carinho dos seus dedos.

Tive medo dele não me enxergar da mesma forma, medo dele sentir pena de mim. Eu não suportaria.

Na manhã seguinte fizemos o nosso ritual de todos os dias. Café da

manhã com as crianças, arruma-los e deixar na escola.

Mas a nossa próxima parada não seria o hospital.

— Tem certeza do que quer fazer, amor? — pergunta pacientemente.

— Eu preciso, Rodrigo.

Ele tira uma das mãos do volante e leva até a minha coxa, deixando-a lá. É a sua forma de me dizer que Está comigo.

— Vou me certificar de que ele fique na cadeia para sempre. — diz Rodrigo.

Chegamos à delegacia e ainda no estacionamento sinto minhas pernas fraquejarem. Respiro fundo, penso em todas as outras mulheres, coloco meus óculos e vou.

Sugeri a Rodrigo que não me acompanhasse, mas ele não abriu mão de estar ao meu lado quando eu denunciasse Marcelo pelos crimes de extorsão e estupro.

Foram duas horas de depoimento. Revivi o que diariamente tento esquecer, falei em voz alta para pessoas desconhecidas detalhes íntimos, constrangedores e humilhantes. Em alguns instantes cheguei a me arrepender. Eu só quero esquecer.

Quando estávamos terminando, começou uma movimentação esquisita. O delegado se retirou por mais de vinte minutos, dizendo que precisava confirmar uma informação. Eu Rodrigo e o escrevente esperamos até que ele voltasse.

— Desculpe a demora. — ele se senta em sua cadeira e me entrega um envelope — Pode abrir, por favor.

Mesmo reticente, abro o envelope e puxo para fora um maço de folhas. São cópias malfeitas de documentos do Marcelo.

— No que isso pode me ajudar? Documentos.

— Olhe os outros.

Passo as páginas uma por uma e não encontro nada de estranho. É tudo mais do mesmo, copias de documentos e foto dele.

— Desculpe, mas eu não sei o que preciso ver aqui. São apenas papeis

O delegado apoia os cotovelos na mesa, debruçando-se para frente.

— Observe os nomes nos documentos.

Mais uma vez retiro os papéis do envelope. Coloco um a um sobre a mesa para entender cada detalhe. É aí que percebo. Um Rg está no nome de Marcelo Fonte e o outro no nome de Mauricio Fonte.

— Ele usou os dados do irmão. — diz Rodrigo.

— Mas ele não é quiropraxista?

A minha preocupação se volta para o hospital. Ele trabalhou com o diploma de outra pessoa. Colocou a saúde dos pacientes do hospital em jogo,

Infelizmente, dona Nina. — o delegado diz — Nada sobre ele é o que parece. Mauricio Fonte não terminou nem mesmo o ensino médio. Ele começou a frequentar as casas de recuperação com 13 anos e com 17 já aplicava golpes mais elaborados.

— Como fez comigo.

— E o irmão? — Rodrigo pergunta com o semblante fechado.

— O irmão dele, o verdadeiro Marcelo, trabalha no Rio de Janeiro como quiropraxista. Esse não tem os traços criminosos do irmão. É mais uma vítima.

— O que irá acontecer com ele, delegado?

— Ele já está preso e com a quantidade de crimes que esse cara tem nas costas, ficará lá por um longo tempo. As pessoas não param de chegar de todos os cantos para gerar Boletim sobre Marcelo Fonte .

Respiro aliviada.

Entro no carro um pouco mais leve do que quando cheguei. Foi difícil, mas dei a minha contribuição para que aquele lixo humano nunca mais faça ninguém passar pelo que eu e todas as outras mulheres passamos.

Rodrigo dirige e percebo que não estamos no caminho do hospital.

— Para onde estamos indo?

Ele me olha de soslaio, ri e não diz nada.

— Sério, Rodrigo?

— É uma surpresa, não posso contar.

— Surpresa do nada assim?

— Acabei de decidir.

Não sei o que ele fará, mas estou gostando do clima de mistério.

Não me preocupo com nada, sou apenas um passageiro que não sabe do seu destino, mas confia no motorista. Por mais perdida que eu esteja, percebo que estamos em um bairro residencial e que ele começa a dirigir mais devagar.

— Agora falta pouco. Cruze os dedos e torça para a segunda parte da surpresa funcionar como estou planejando na minha cabeça.

— Tem uma segunda parte?

— A primeira era trazer você até aqui. A segunda é torcer para que o homem de Deus tenha bom coração.

Isso é um enigma?

Rodrigo encontra uma vaga e estaciona. Não há nada além de casas e prédios para onde quem que se olhe e isso só me deixa mais curiosa.

— Não desce.

Rodrigo vai no porta-malas e pega uma camiseta que estava perdida por lá. Dá a volta e abre a minha porta.

— Vou vender você.

— Não sei se gosto dessa ideia. Por que preciso ser vendada?

— Para não estragar a surpresa.

Mesmo sem entender, entro na sua brincadeira, me virando de costas para ele vender meus olhos com a roupa. Sem enxergar nada, porém de mãos dadas, caminhamos. Percebo que dobramos duas esquinas e que a calçada é irregular.

Se quando estava com os olhos bem aberto não sabia onde estava, vendada estou pisando em ovos.

Rodrigo me guia, vez ou outra soltando uma risadinha animada. Eu não esperava que um dia pesado como o de hoje poderia ficar tão surpreendente.

— Chegamos. Cuidado porque tem uma escada bem na sua frente. Vou te pegar no colo.

— Não precisa... Ah! — ele enfia o braço por trás do meu joelho e o outro em minhas costas e me ergue no ar. Seguro-me em seu pescoço. Posso sentir que estamos subindo e depois que entramos em um ambiente fechado.

Rodrigo para e me coloca sentada sobre uma cadeira ou banco, não tenho certeza.

— Espere aqui. Eu já volto.

— Por quê?

— Para eu ir convencer a segunda parte da surpresa.

Fico sozinha quando ele se afasta. Não sei para onde vai, mas não ouço mais nada ao meu redor. A espera demora. Não sei se por realmente ser demorada ou se é porque estou vendada e um lugar desconhecido sem ninguém ao meu redor.

O que ele está fazendo que não volta?

Morta de curiosidade, começo a contar os segundos mentalmente para conseguir me localizar no tempo. Pausadamente digo baixinho número por número.

— 1.2.3.4.5.6... 75... 167.168.168.169...230.231...525.

— Voltei!

Levo um susto com a chegada repentina.

— Já estava me desesperando. E então, o homem de Deus irá te ajudar?

— Sim. Ele tem bom coração. — Rodrigo estende a mão e me ajuda a ficar de pé — Vamos lá.

Ainda vendada dou poucos passos, todos em linha reta. Paramos. Rodrigo fica de frente para mim e desamarra a camisa. Pisco um pouco para acostumar a vista e olho ao nosso redor.

É uma igreja.

Uma igreja vazia. No altar um padre espera por nós.

Oh meu Deus é real. Ele nos trouxe para uma igreja.

— já somos casados, Rodrigo.

— Eu sei. É por isso que iremos receber uma benção. Quanto mais, melhor.

Por ironia do destino estou de vestido creme e cabelos soltos. Rodrigo de jeans e camisa azul-marinho. Passo a mão pelo meu vestido e balanço o cabelo.

Meu coração bate forte dentro do peito. Nossas mãos entrelaçadas se acariciam. Quase não acredito no que estou vivendo.

O padre, bem-humorado, assovia a marcha nupcial gesticulando com as mãos como se tivesse batutas. De onde estamos faltam poucos passos para chegar ao altar, mas damos cada um deles firmes na certeza do que estamos fazendo.

Há uma troca de energia e de amor.

Paramos juntos e demãos dadas diante do padre.

— Imaginem a minha surpresa ao ser abordado na minha paróquia por um homem dizendo que precisava renovar os votos de casamento com a esposa naquele instante. — o padre ri — As coisas não funcionam assim, mas eu sou romântico.

— Sorte a nossa. — Rodrigo comenta e beija meus dedos.

— O que você chama de sorte, eu chamo de espírito santo de Deus. — o padre desce de onde está e se junta a nós, formando um triângulo — Já que veio até aqui, faremos assim. Diga a sua esposa o que vem no seu coração.

Rodrigo fica de frente para mim, segura minhas duas mãos e diz:

— Nina, você apareceu na minha vida em um momento totalmente inesperado, trazendo alegrias e responsabilidades que eu achava não estar preparado para ter. Mas quem está? Fomos aprendendo, descobrindo, acertando e errando. Precisei quase te perder para enxergar que não vivo sem você. Eu te amo e quero renovar nossos votos todas as manhãs.

O padre olha para mim e acena para que eu faça o mesmo. Eu não esperava por nada disso, estou um pouco incrédula e encantada com simplicidade e o amor.

Resolvo dizer um texto bíblico que recebi da minha mãe na noite de

natal.

— Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Pois se caírem, um levantará o seu companheiro; mas aí do que estiver só, pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aquestrarão; mas um só como se aquestrará? E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa.

— Eclesiastes 4: 9-12 — diz o padre.

— Sim.

O religioso nos observa com um semblante calmo e feliz. É um homem muito. Ele pega nossas mãos e coloca uma sobre a outra e sobre as duas, a dele.

— Eu não sei nada sobre vocês, mas o que vejo vou dizer aqui. — os olhos dele passeiam entre mim e Rodrigo — Eu vejo um homem e uma mulher, provavelmente com filhos, que escolheu estar junto. Vejo um homem e uma mulher com amor de verdade com a garra necessária para manter esse amor. Não é fácil e nunca será, mas qualquer coisa com o mínimo valor demanda esforço e abdicação.

Suas palavras me tocam.

— Que a cada amanhecer vocês escolham estar juntos, e que essa escolha nunca seja banalizada ou desrespeitada. Que em cada anoitecer vocês saibam que não estão sozinhos, porque junto se chega longe. Sejam um para o outro o melhor que puderem ser, porque assim serão até que Deus leve um.

Com um aspersório, o padre lança gotas de água benta sobre nós fazendo o sinal da cruz e diz:

— Deus vos abençoe. Vão em paz.

— Obrigada!

— Obrigado!

— Pode beijar sua esposa.

Rodrigo não se faz de tímido, abraça-me pela cintura e com a outra mão em minhas costas e em um movimento digno de filme, gira nossos corpos e me beija na boca. Um beijo casto, porém, longo. Quando termina sou puxada

para cima, ficando de pé, mas não por muito tempo.

Imediatamente Rodrigo me tem em seu colo outra vez.

— Seu maluco!

— Por você. — ele olha para o padre — O que eu poderia fazer para agradecer?

— Sejam felizes.

Fim!